



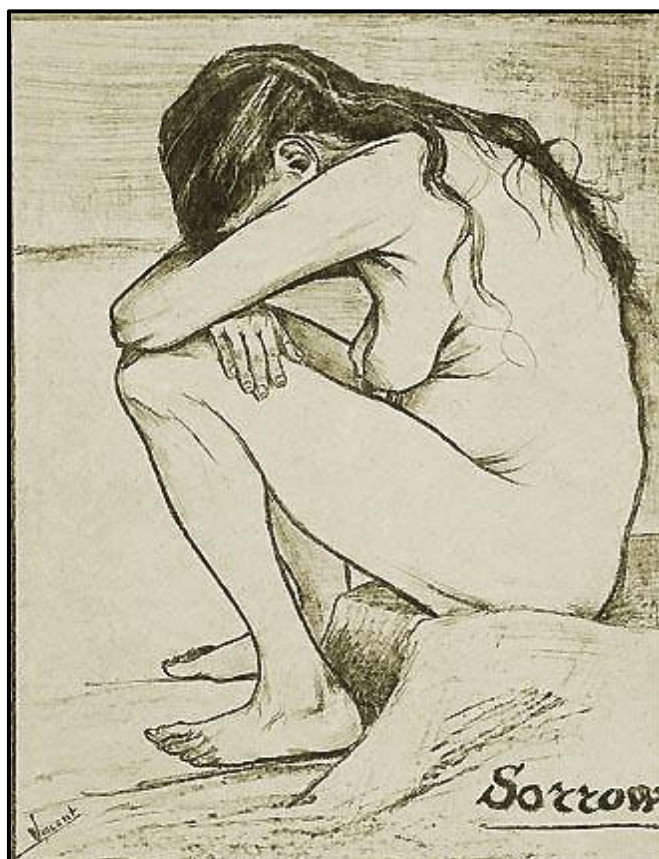
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES – CCHLA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
GRUPO DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

Individualismo Moderno e Sofrimento Psíquico

Uma análise da comunidade virtual dos *Neuróticos*

Anônimos

Idayane Gonçalves Soares



Vincent Van Gogh - Sorrow (1882, drawing. Van Gogh Museum, Amsterdam)

JOÃO PESSOA - PB

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES – CCHLA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
GRUPO DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

Idayane Gonçalves Soares

Individualismo Moderno e Sofrimento Psíquico

Uma análise da comunidade virtual dos *Neuróticos Anônimos*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial da obtenção do grau de graduada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury

JOÃO PESSOA – PB

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S676i Soares, Idayane Goncalves.

Individualismo Moderno e Sofrimento Psíquico: Uma
análise da comunidade virtual dos Neuróticos Anônimos /
Idayane Gonçalves Soares. - João Pessoa, 2020.
98 f.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Sofrimento psíquico. 2. Neuróticos Anônimos. I.
Título

UFPB/CCHLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES – CCHLA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
GRUPO DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

IDAYANE GONÇALVES SOARES

Individualismo Moderno e Sofrimento Psíquico
Uma análise da comunidade virtual dos Neuróticos Anônimos

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento as exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a obtenção do grau de Bacharelado em Ciências Sociais

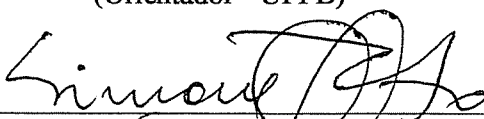
Trabalho aprovado em: 13 / 02 / 2020

Nota: 10,0

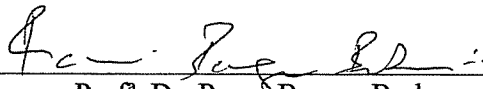
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury
(Orientador - UFPB)



Prof.^a. Dra. Simone Magalhães Brito
(Membro interno da Banca - UFPB)



Prof.^a. Dr. Raoni Borges Barbosa
(Membro externo da Banca - UERN)

João Pessoa, fevereiro de 2020

“Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo...
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.
Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe — todos eles príncipes — na vida...
Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma covardia!
Não, são todos o Ideal, se os ouço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,
Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?
Então sou só eu que é vil e erróneo nesta terra?”
(Álvaro de Campos, poema em linha reta)

À minha tia Ridete Vilar, *in memoriam*.

Agradecimentos

Aos depoentes do *Fórum de Mensagens da Irmandade de Neuróticos Anônimos*, pelas partilhas, pela coragem, por dar forma e conteúdo ao seu sofrimento.

À minha mãe, Diana Cristina, pelo amor e apoio incondicional em todos os momentos e percalços da minha existência. Por ter sido o meu exemplo de mulher forte, sensível, altruísta que se preocupa com todos e muitas vezes esquece de si. Toda gratidão à mulher que enfrentando dupla jornada, me forneceu toda a educação necessária e que apesar de obstáculos de todo tipo, nunca deixou de colocar os meus estudos em primeiro lugar. Devo todo o meu trilhar pessoal e científico a senhora. Obrigada pela amizade, confiança, paciência, generosidade e entendimento, sobretudo nos períodos de ausência por conta da universidade. À senhora todo o meu amor irrestrito e incomensurável.

Ao meu orientador, Mauro Koury, por ter me acolhido duas vezes no GREM, Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, em meu início de curso, com expectativas e exigências que me fizeram compreender que as ciências sociais se constituem de trabalho árduo e incansável como o seu. E no final, com a aceitação de alguém bastante desnorteado em final de ciclo com um tema diferente de todas as suas anteriores incursões científica. Por ter acreditado em meu trabalho desde o início e por ser um orientador preocupado e generoso, que sabe exigir tanto quanto Gilberto Velho fazia com seus orientandos, com exceção das ligações pela madrugada (risos). Com a ideia de que é fundamental formar pessoas. Como dizia Velho: *Formar. Quer dizer, o intelectual que não está só num mergulho solipsista, numa aventura isolada, mas que se vê como parte de um todo*. Você me fez parte de um todo, de um grupo que me acolheu e me direcionou no meu tema de interesse e para a comunidade acadêmica. Obrigada! Obrigada pela confiança, pelas aulas, leituras e contribuições, pela cobrança novamente, pelo olhar minucioso, pelos ‘puxões de orelha’ e pela amizade.

Ao meu companheiro de vida, Rafael Ramos, pelo apoio durante o meu trajeto de escrita desta monografia, por segurar a minha mão e me dar forças para a mudança que realizei de tema, às vésperas do último período pretendido de término do curso. Pela paciência constante em todos esses meses, por estar ao meu lado, não importam as crises de enxaqueca, de escrita, ou existenciais ou mesmo a distância e o meu despotismo com os

filmes. Grata por estar ao seu lado e saber que tenho você para trilhar comigo os árduos caminhos que virão. À você todo o meu amor e gratidão.

Aos meus familiares, ao meu pai, Inácio Soares, minhas tias e primos, em especial a Elaine, Dário, Nilda, Andressa, Anderson, Rodrigo e Giorgio, pelo apoio, compreensão e fonte de afeto inesgotável.

Aos que me orientaram ao longo do percurso, a Patrícia Ramiro pelo exemplo de intelectual comprometida e de pesquisadora humilde e generosa com suas orientandas, e pelas aulas excelentes. À Simone Brito pela postura aguerrida, pelos risos que arranca de todos, pelo trabalho, pela confiança depositada e por ter sido tão compreensiva comigo. À Marcela Zamboni por me colocar no estudo de um tema tão importante e difícil como a questão da violência contra a mulher e a atuação da justiça nesses processos, também pela sua sensibilidade e compreensão. À Rita de Cássia por me aproximar da Antropologia e me possibilitar a experiência de viver o ensino em sala de aula, com a sensibilidade e preocupação de uma verdadeira antropóloga.

Ao corpo docente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), aos professores que em suas passagens na minha graduação me ensinaram o papel e o valor de nossa área e me fizeram ter orgulho dela, tornando minha experiência significativa e plural. Em especial a Terence Mulhall e Mónica Franch que representam o exemplo de preocupação com a formação discente. Às excelentes aulas de Ítalo Fittipaldi, Ana Montoia, José Artigas, Nildo Avelino, Teresa Cristina e outros tantos. Aos meus mestres, com carinho.

Ao GREM pelo acolhimento, em especial a Williane Pontes, pelas trocas, apoio e solidariedade e a Raoni Borges Barbosa, pelas partilhas, pelo trabalho e por aceitar compor a minha banca. E também ao GRAV, Grupo de Relações Afetivas e Violência, pelo acolhimento durante o tempo em que estive inserida em seus quadros, em especial a Helma Oliveira, Mariana e Emily Tavares pelas trocas e pelo suporte.

Aos colegas e amigo/as, Renata Lima, Caterina Soffiati, VaniVELOZO, Wertton Pontes e Natália Freire, que entraram comigo nesse caminho sem volta que é uma graduação em Ciências Sociais e permaneceram firmes nessa grande experiência criativa e intensa, que passamos a fazer do mundo desde, então. Grata pelo apoio constante, pelas partilhas e por tornar essa jornada mais significativa. Aos meus amigos e amigas do curso de Relações Internacionais, Monique Medeiros, Suanderson Borges, Ana Clara e Ludyson Ramon, que tornaram os meus dias mais ricos com debates e trocas cotidianas durante os períodos letivos que frequentei nesse curso.

Aos companheiros e companheiras das humanidades que deixaram e deixam suas marcas: Luciana, Edmilson, Gabriel, Davi, Camila, Fanny, Ricardo, entre outros. Aos amigos de longa data, a Eduarda Nunes e Luan Anderson pela paciência e suporte em todos esses anos, e aos novos, em especial a Felipe pelo apoio incondicional em minha estada em Coimbra e pelas longas caminhadas ‘terapêuticas’ pelo rio Mondego.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e a UFPB pelo incentivo financeiro nos projetos que participei de pesquisa, extensão/comunicação e monitoria, sem o qual a vida cotidiana material teria sido muito difícil. E a UC, Universidade de Coimbra, e AKTO, Democracia e Direitos Humanos, pelo acolhimento.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a relação entre sofrimento psíquico e individualismo na sociedade moderna, dentro de um contexto teórico-metodológico da antropologia e da sociologia das emoções, a partir da análise qualitativa – com o emprego do método da etnografia virtual – de narrativas presentes no “Fórum de Mensagens” existente no grupo online “Caminho Novo” criado através da Irmandade de Neuróticos Anônimos (N/A). Esta funciona como lócus (presencial e virtual) onde indivíduos interessados em participar e autodiagnosticados como neuróticos podem ajudar-se mutuamente para resolver seus problemas emocionais comuns e se reabilitarem da “doença mental e emocional”, como ele pontua. O fórum, em especial, se constitui como um espaço virtual onde os inscritos podem compartilhar a qualquer hora experiências com os demais em relação ao seu sofrimento e ao processo de fortalecimento pessoal por meio da aplicação do programa de N/A. Durante seis meses, foram lidos depoimentos desta comunidade em uma faixa temporal que segue o seu surgimento em 2009 até o ano corrente de escrita desta monografia – 2019 e início de 2020. O eixo da abordagem são as experiências vividas por indivíduos em situação de sofrimento psíquico em um ambiente virtual de ajuda mútua. Neste, encontram-se um caleidoscópio de narrativas com diversas experiências emocionais singulares que foram analisadas em seus conteúdos e sentidos sociais. A pesquisa partiu da hipótese compreensiva de que a imersão no mundo sob uma nova orientação individualista teria íntima relação com os sofrimentos psíquicos, enquanto sofrimento social que perpassam os depoimentos dos integrantes do Grupo de Ajuda Mútua de Neuróticos Anônimos (N/A). Esta monografia pretende, assim, enveredar pela relação complexa entre sofrimento psíquico e modo de existir individualista, a partir da análise dos discursos presentes no espaço virtual citado.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico; Individualismo; Neuróticos Anônimos; Cultura Urbana.

ABSTRACT

This work aims to discuss the relation between psychic suffering and individualism in modern society, within a theoretical-methodological context of anthropology and the sociology of emotions, based on qualitative analysis - using the virtual ethnography method - of present narratives in the "Message Forum" existing in the online group "Caminho Novo" created by the community of Neurotics Anonymous (N/A). This group is a locus (face-to-face and virtual) where individuals interested in participating and self-diagnosed as neurotic can help each other to solve their common emotional problems and rehabilitate themselves from "mental and emotional illness", as it points out. The forum, in particular, constitutes a virtual space where the subscribers can share experiences with others at any time regarding their suffering and the process of personal strengthening through the application of the N/A program. For six months, narratives of the members of this community have been read in a period of time that follows its emergence in 2009 until the current year of writing of this monograph - 2019 and early 2020. The axis of the approach is the experiences lived by individuals in a situation of psychic suffering in a virtual environment of mutual-aid. In it, there is a kaleidoscope of narratives with several unique emotional experiences that were analyzed in their content and social meanings. The research started from the comprehensive hypothesis that immersion in the world under a new individualistic orientation would be closely related to psychic suffering, as a social suffering that permeates the narratives of the members of the Mutual Aid Group of Neurotics Anonymous (N/A). This monograph intends, therefore, to embark on the complex relationship between psychic suffering and individualistic way of existing, based on the analysis of the speeches present in the virtual space mentioned.

Keywords: Psychic suffering; Individualism; Neurotics Anonymous; Urban Culture.

Sumário

Introdução	13
Capítulo 1 – Sofrimento psíquico, individualismo e cultura urbana	16
1.1 Relações intersubjetivas e processo de individualidade nas cidades: percorrendo alguns caminhos.....	17
1.2 A configuração do(s) individualismo(s) na sociedade moderna e sua relação com a autopercepção dos indivíduos.....	22
1.3 O individualismo na sociedade brasileira e sua relação com a ‘despersonalização’ dos indivíduos na cidade (ou a sua balança desequilibrada)	31
1.4 As novas configurações da individualidade e suas interrelações com os sofrimentos psíquicos contemporâneos	34
Capítulo 2 - "Se você quer se curar, o problema é nosso": adentrando o universo dos <i>Grupos de Ajuda Mútua</i>	44
2.1 <i>Neuróticos Anônimos</i> (N/A): história, proposta e dinâmica do grupo	47
Capítulo 3 – Sofrimento psíquico no espaço virtual de N/A	56
3.1 O Fórum de Mensagens do grupo <i>Caminho Novo</i> de N/A: Um caleidoscópio de narrativas.....	64
3.2 Antes e depois de N/A: a reconfiguração das relações contadas no espaço virtual.....	76
Conclusão.....	86
Referências bibliográficas.....	88
Anexos	95

Introdução

Este trabalho tem como objetivo discutir a relação entre sofrimento psíquico e individualismo na sociedade moderna, dentro de um contexto teórico-metodológico da antropologia e da sociologia das emoções¹, a partir da análise qualitativa de narrativas presentes no “Fórum de Mensagens” existente no grupo online “Caminho Novo” criado através da *Irmandade* de Neuróticos Anônimos (N/A). Esta funciona como lócus (presencial e virtual) onde indivíduos interessados em participar e autodiagnosticados como neuróticos podem ajudar-se mutuamente para resolver seus problemas emocionais comuns e se reabilitarem da “doença mental e emocional”, como ele pontua. O fórum, em especial, se constitui como um espaço virtual onde os inscritos podem compartilhar a qualquer hora experiências com os demais em relação ao seu sofrimento e ao processo de fortalecimento pessoal por meio da aplicação do programa de N/A.

Durante seis meses, foram lidos depoimentos desta comunidade em uma faixa temporal que segue o seu surgimento em 2009 até o ano corrente de escrita desta monografia – 2019 e início de 2020. Eles constituem, até o momento de escrita final deste texto, cerca de seis mil e seiscentos depoimentos. A metodologia utilizada neste trabalho seguiu a perspectiva qualitativa e empregou o método da netnografia ou etnografia virtual que consiste em “pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online” (KOZINETTS, 2002, p. 61-2), e cujo espectro vai desde uma participação ativa até a observação silenciosa nos grupos pesquisados, garantindo procedimentos éticos.

O eixo da abordagem são as experiências vividas por indivíduos em situação de sofrimento psíquico em um ambiente virtual de ajuda mútua. Neste, encontram-se um caleidoscópio de narrativas com diversas experiências emocionais singulares que foram analisadas em seus conteúdos e sentidos sociais. A pesquisa tem como chave-analítica o individualismo contemporâneo, como dimensão fundamental de uma cultura urbana; que, junto com o fenômeno do capitalismo, são basilares para se compreender as tensões do indivíduo moderno. Partiu da hipótese compreensiva de que a imersão no mundo sob uma

¹Ver sobre a antropologia e a sociologia das emoções como campo teórico-metodológico e disciplinar, entre outros, Koury (2009) e Rezende; Coelho (2010).

nova orientação individualista teria íntima relação com os sofrimentos psíquicos, enquanto sofrimento social que perpassam os depoimentos dos integrantes do *Grupo de Ajuda Mútua de Neuróticos Anônimos* (N /A).

Esta monografia pretende, assim, enveredar pela relação complexa entre sofrimento psíquico e modo de existir individualista, a partir da análise dos discursos presentes no espaço virtual citado. O percurso construído partiu de uma exposição do “estado do conhecimento” das relações entre sofrimento psíquico e individualismo hodiernamente, apresentando as relações intersubjetivas e o processo de individualidade nas cidades, a configuração do(s) individualismo(s) na sociedade moderna e sua relação com a autopercepção dos indivíduos, afunilando para o individualismo na sociedade brasileira e por último, às novas configurações da individualidade e suas interrelações com os sofrimentos psíquicos contemporâneos. Este movimento refere-se ao primeiro capítulo e tentou-se nele pincelar com a tinta de alguns autores expressivos do debate, o quadro em que se colocam as narrativas de sofrimento desses indivíduos que estão presentes neste espaço virtual.

O segundo capítulo apresenta o universo dos *Grupos de Ajuda Mútua* e com mais especificidade a história, proposta e dinâmica do grupo de *Neuróticos Anônimos*, a partir de um balanço da literatura existente, bem como de sites oficiais e de sua revista *Novos Horizontes*, com uma discussão permeada pelos elementos trazidos no primeiro capítulo, sendo um desdobramento de suas transformações, que estão sempre em diálogo com os dados bibliográficos e empíricos.

O terceiro e último capítulo adentra nos depoimentos de sofrimento psíquico dos usuários da comunidade virtual supracitada e realiza uma análise qualitativa desses dados, imergindo no FM, no seu caleidoscópio de narrativas e na trajetória de alguns de seus atores mais longevos. A partir desse material empírico foi possível compreender os conteúdos e sentidos sociais, presentes em experiências emocionais singulares, que emerge como resultado das transformações advindas da modernidade e perceber se os sofrimentos narrados pelos membros do grupo no que concerne aos vínculos afetivos e as interações cotidianas estão calcados em códigos mais individualistas de intersubjetividade e autopercepção, corroborando ou não a hipótese da pesquisa.

Este trabalho, desse modo, justifica-se na medida em que o mal-estar não pode ser observado e explicado independentemente das dinâmicas sociais que o suscitam, sendo um

fenômeno circunstanciado. Assim, com a crescente “medicalização das emoções”² e o silenciamento do sofrimento (FERREIRA, 2014) no mundo contemporâneo, onde o sofrer aparece sem sentido em relação ao seu caráter existencial, logo, social e simbólico e aos seus significados (PERRUSI, 2015), estudar o sofrimento psíquico e os seus sentidos sociais no âmbito da sociologia, da antropologia e da ciência política, torna-se crucial nesse contexto atual.

Dar sentido ao sofrimento humano conforma um eixo fundamental da organização das culturas (FERREIRA, 2019, p. 2), como um processo multifacetado e complexo e que tem tomado diferentes dimensões e sentidos ao longo da história, posto que diferentes tempos e sociedades produzem certos tipos de sofrimento, estes não podem ser apreendidos estritamente pelas dimensões físicas e psicológicas, precisam ser observados com uma lente apropriada “para olhar as relações profundas entre a experiência subjetiva do mal-estar e os processos históricos e sociais mais amplos” (PUSSETTI; BRAZZABENI, 2011, p. 468). Assim, entende-se como necessário o investimento de pesquisa e reflexão nas ciências sociais sobre uma das áreas mais críticas da experiência humana – o sofrimento.

²Refere-se ao processo de inibir as emoções através de psicofármacos ou de tratar “problemas emocionais” em termos de disfunções químicas e de negligenciar o tecido subjetivo que singulariza a especificidade da pessoa (EHRENBERG, 2004), trata-se de uma subsunção do sofrimento à dor psíquica passível de eliminação pelo uso de psicotrópicos (PERRUSI, 2015), de modo que o sofrimento é esvaziado de seu conteúdo e nada mais comunica.

Capítulo 1 – Sofrimento psíquico, individualismo e cultura urbana

Os sofrimentos psíquicos contemporâneos são abordados nas ciências sociais, como uma subcategoria analítica do conceito mais amplo de sofrimento social. Eles são compreendidos, deste modo, como produtos de amplos processos históricos (econômicos, sociais, políticos, culturais) que desembocaram em novos arranjos da individualidade na contemporaneidade e enquadrados enquanto patologias.

À luz da concepção de que cada época histórica tem os seus sofrimentos psíquicos, os novos sofrimentos contemporâneos que implicam também a existência de novas psicopatologias – dado o caráter também historicamente variável do que é enquadrado como psicopatológico – atentam para a necessidade de se voltar as lentes para as transformações sociais mais amplas que estão intimamente atreladas às mudanças na individualidade e na formação psíquica dos indivíduos (PERRUSI, 2015)

Nesse debate sobre as novas configurações da individualidade e suas interrelações com os sofrimentos psíquicos, o(s) individualismo(s) aparecem como chave analítica importante para se compreender as tensões do indivíduo moderno. O individualismo contemporâneo aparece como dimensão fundamental de uma *cultura urbana* (VELHO, 2000, p. 18), dado a relação bastante próxima existente entre o processo de urbanização das sociedades e o desenvolvimento das ideologias individualistas, para além de outros fenômenos substanciais correlacionados como a expansão do capitalismo. O que pode ser analisado como configurando três movimentos interconectados - o capitalismo, o individualismo moderno e a urbanização.

Portanto, são esses três movimentos que se trata, nas linhas a seguir, com foco no processo de individualidade nas cidades, no individualismo na sociedade moderna e, especificamente, na sociedade brasileira e nas novas configurações da individualidade e suas interrelações com os sofrimentos psíquicos contemporâneos. Iniciemos o nosso percurso nas cidades, percorrendo alguns caminhos.

1.1 Relações intersubjetivas e processo de individualidade nas cidades: percorrendo alguns caminhos

A cidade e a realidade urbana são o *locus* específico da liberdade individual de que fala Simmel, o local suposto de independência dos fatores objetivos, onde a personalidade pode oscilar e flutuar através de uma multiplicidade de situações heterogêneas da vida, sendo na interação entre os indivíduos que ela se manifesta e compõe “o que ele chamou de cultura subjetiva em uma realidade urbana.” (KOURY, 2010, p. 41) Esta, por sua vez, “permite o aumento da diferenciação entre cada um deles e nos grupos e arranjos sociais por eles organizados, complexificando a relação e a vida na cidade” (KOURY, 2010, p. 41).

De acordo com Simmel (1998), todo o estilo de vida de uma comunidade depende da relação entre a cultura tornada objetiva, ou seja, o produto já condensado do agenciamento entre os indivíduos e a cultura dos sujeitos. Na sociedade moderna, as duas encontram-se cada vez mais separadas e apenas uma parte dos valores culturais objetivos torna-se cultura subjetiva, isso quer dizer que o estoque gigantesco e sempre crescente daquela provisão de trabalho da espécie já acumulada é inapreensível em sua totalidade, dado que a divisão do trabalho efetua uma cisão cada vez maior entre ambas e urge do indivíduo um aperfeiçoamento cada vez mais unilateral em que ele apreende apenas uma parcela diminuta do todo.

A época moderna foi responsável por possibilitar, por um lado, maior autonomia para a personalidade, dando a ela uma liberdade de movimentos incomensurável e conferir, por outro, um caráter objetivado aos conteúdos práticos de vida (SIMMEL, 1998, p. 23). É essa relação tensa que – a depender da sua harmonização – pode desembocar no que Simmel chamou de tragédia da cultura, que consistiria no sufocamento da cultura subjetiva – que seriam as trocas interacionais entre os indivíduos e repletas de ações criadoras – pela cultura objetiva, o produto já condensado do agenciamento entre os indivíduos, mediado pelo dinheiro como o equivalente geral das relações que realizaria um esmagamento uniformizador. O dinheiro, na sociedade capitalista, segundo o mesmo autor, tende a esmagar toda qualidade e individualidade à questão: “quanto?” (SIMMEL, 1973). Assim, se as relações emocionais íntimas entre as pessoas são instituídas em sua individualidade que seria o fundamento da criação social,

o choque gerado na relação entre as individualidades e suas diferenciações e o individualismo, este último associado ao

empobrecimento da cultura subjetiva e ao consumismo, tendo o dinheiro como equivalente único de sua expressão, dilui as expressões da liberdade em uma guerra por ter. (KOURY, 2010, p. 44)

A liberdade individual estaria subsumida aos imponderáveis da economia monetária que tornou a mente moderna cada vez mais calculista em todas as esferas da vida social. Assim, o que provoca um forte individualismo na perspectiva de Simmel é uma forma específica de relacionamento entre os indivíduos “que implica anonimidade e desinteresse pela individualidade do outro” (SIMMEL, 1998, p. 28) sob a ingerência mercantil. O dinheiro como meio torna-se um fim satisfatório em si mesmo e passamos, então, a morar numa ponte que parece concentrar tudo que é desejável. Com o dinheiro como o *deus ex machina na cultura objetiva contemporânea* que nivela a tudo e a todos, sendo contrário à cultura subjetiva e a liberdade individual (KOURY, 2010), cresce continuamente a motivação do homem moderno para a ação desenfreada e “disto vêm a inquietude, a febre, a falta de pausas na vida moderna, vida propulsionada pelo motor desenfreado do dinheiro que torna a máquina da vida um *perpetuum mobile*.” (SIMMEL, 1998, p. 35)

Assim, o ódio de homens como Nietzsche pela metrópole e a economia do dinheiro (SIMMEL, 1973), torna-se compreensível, nestes termos, como colocava este filósofo, “amigo do lento”, sobre a intranquilidade moderna e as pessoas que “pensam com o relógio na mão” imerso na pressa vertiginosa de nossa época rodopiante e que são esmagados por suas rodas: “Por falta de tranquilidade, nossa civilização se transforma numa nova barbárie. Em nenhum outro tempo os ativos, isto é, os intranquilos, valeram tanto” (NIETZSCHE, 2002, p. 232).

Na sociedade moderna capitalista, ao passo que o indivíduo se encontra alicerçado em uma individualidade crescentemente complexificada que estimula sua criatividade, autonomia e liberdade para circular e estabelecer interações e relações afetivas as mais diversas, que antes se restringiam no espaço e no tempo, também é levado a abrir mão desta “... em troca de um individualismo consumista e a uma solidão cada vez maior” (KOURY, 2010, p. 47). Solidão a sós, a dois ou na multidão metropolitana, talvez em lugar algum a pessoa se sinta tão solitária e desamparada quanto nesta última. A cidade aparece, assim, enquanto via de mão dupla, “locus privilegiado das diferenciações e da liberdade possível rumo à individualidade” (KOURY, 2010, p. 50) e também como a sede do individualismo consumista, da alienação, solidão e pressa, posto que “tempo é dinheiro”.

Entretanto, diferente da concepção do materialismo histórico elaborado por Karl Marx que compreende a cultura (superestrutura) fundamentalmente a partir das condições econômicas (infraestrutura), Simmel (1998) explica que estas possuem sim uma influência incisiva na situação psíquica e cultural de uma época, mas não a determinam, pois há de outro lado a força das grandes correntes da vida histórica.

Simmel, no seu brilhante ensaio *A metrópole e a vida mental*, aponta como essa modernidade, com suas rápidas mudanças e sua noção de movimento e velocidade, influencia diretamente no plano emotivo. O autor ao se debruçar sobre o impacto da vida moderna na transformação da subjetividade dos indivíduos das grandes cidades, suscita que a intensificação dos estímulos nervosos é o fundamento psicológico sobre o qual se eleva o indivíduo metropolitano. A rapidez dos estímulos e das mudanças e as descontinuidades contidas nas apreensões diárias com uma ligeira vista de olhos, a cada atravessar de rua, são as condições psicológicas que a metrópole cria e que forçam reações tão agressivas, “estirando os nervos tão brutalmente em uma e outra direção” (SIMMEL, 1973, p. 16) que as reservas dos indivíduos são gastas nesse estilo de vida e desponta a incapacidade de reagir a novas sensações com a “energia” adequada. Emerge, assim, um fenômeno psíquico denominado como o caráter blasé: o resultado desse turbilhão de estímulos que circundam o cidadão, consistindo em uma atitude de indiferença, autopreservação, racionalidade, reserva e intensificação da intelectualidade que protege a vida subjetiva deste homem moderno contra o poder avassalador da vida metropolitana (SIMMEL, 1973).

Louis Wirth, teórico dos estudos urbanos norte-americanos, com forte influência simmeliana, aproxima-se também, com o seu artigo *O urbanismo como modo de vida*, de uma teoria sociopsicológica do urbanismo. Ele analisa que a urbanização do mundo trouxe profundas transformações em quase todas as fases da vida social e que para se compreender alguns dos problemas contemporâneos primordiais deve-se examinar essa questão. Para fins sociológicos, Wirth (1967, p. 104) define a cidade “... como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos”. Essas proposições envolvem uma mudança no caráter das relações sociais no sentido de que os indivíduos passariam a manter relações menos intensivas, podendo ser face a face, mas consistindo em contatos mais superficiais, impessoais, transitórios e segmentados, sendo a reserva e a indiferença encarados possivelmente como instrumentos para resguardo dos habitantes da cidade, dado o intenso estímulo e contato diário com um agregado populacional de grandes proporções. (WIRTH, 1967)

Nesse sentido, a densidade populacional tenderia a produzir diferenciação, especialização e a interdependência mútua entre os indivíduos, a divisão do trabalho e a especialização das ocupações estariam associados com o equilíbrio instável da vida urbana resultando na complexificação da estrutura social. No âmbito subjetivo, assim como coloca Simmel, os contatos físicos, no sentido do encontro cotidiano com o outro ou com outros, se estreitam, porém, os contatos sociais são distantes, amplia-se a “distância social” e a vida, assim, em contato estreito e trabalho em comum, de indivíduos desprovidos de laços sentimentais ou emocionais, aparece imersa na concorrência e exploração mútua porque atrelados de maneira substancial à base econômica da cidade. (WIRTH, 1967)

O necessário movimento frequente de um grande número de indivíduos num habitat congestionado ocasiona atrito e irritação. As tensões nervosas que derivam dessas frustrações são acentuadas pelo ritmo acelerado e pela complicada tecnologia sob os quais a vida em áreas densas tem de ser vivida (WIRTH, 1967, p. 103).

A heterogeneidade populacional estaria associada à maior mobilidade e tenderia a produzir instabilidade como norma geral e a quebrar estruturas sociais mais rígidas, bem como os indivíduos, para tornarem-se eficazes e atingirem fins determinados, tenderiam a ser tornar membros de grupos bastante divergentes que funcionam com referência apenas a um segmento da sua personalidade, com liberdade de circulação e substituição rápida de seus membros, dada o caráter flutuante das adesões dos indivíduos. Estes também só estão de passagem nos locais que moram, o que não gera tradições e sentimentos de união. (WIRTH, 1967) O indivíduo urbano, assim, é aquele que flutua nos mais variados aspectos de sua vida, o modo de vida urbano consistiria numa

...substituição de contatos primários por secundários, no enfraquecimento dos laços de parentesco e no declínio do significado social da família, no desaparecimento da vizinhança e na corrosão da base tradicional da solidariedade social (WIRTH, 1967, p. 108).

Ou seja, se visualiza as duas faces da vida na cidade; enquanto, por um lado, o indivíduo perde em senso de participação comunitária; moral e em vínculos duradouros, por outro, ganha em grau de autonomia, liberdades individuais e desprendimento de controles pessoais e emocionais de grupos íntimos. Embora os laços de associação humana tenham sido enfraquecidos e adotados feições instrumentalizadas, as redes de

interdependência entre os indivíduos se tornam maiores e mais complexas e envolvem uma forma mais frágil e volátil de interrelações mútuas que escapa ao seu controle (WIRTH, 1967). Parafraseando Wirth, este indivíduo urbano estará também submetido a um processo de despersonalização associado em parte à base econômica da cidade, o nexo pecuniário que deslocou as relações pessoais como base de associação e às exigências da comunidade maior, pois a sua participação na vida política, social e econômica no meio urbano implica subordinar um pouco de sua individualidade.

Wirth atenta, assim, para as modificações no caráter das relações sociais, a supressão dos vínculos comunitários e a emergência da impessoalidade e a superficialidade como mecanismo de defesa. O que ao mesmo tempo se apresenta como liberdade e emancipação proporcionada pela racionalidade, implica também na fragilidade dos laços (ANTUNES, 2014) e em um estado de anomia como aludido por Durkheim ao discutir as diversas formas de desorganização em sociedade tecnológica. (WIRTH, 1967) Para o autor também é importante salientar que o rural será permeado pelo urbanismo, conforme é influenciado pelas cidades através de contato e comunicação, pois ele está presente onde quer que cheguem as influências citadinas, sendo um modo de vida que não está inextricavelmente restrito a limites físicos. (WIRTH, 1967)

Robert Ezra Park, por sua vez, americano que configurou a Escola de Chicago junto a Wirth, ao propor *sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*, também abordará as relações presentes na cidade a partir da ótica da impessoalidade e da racionalidade, indicando a dubiedade da “mobilização do homem individual”, dado que o transporte e a comunicação multiplicaram as oportunidades deste quanto ao contato e associação com outros indivíduos, mas tornaram esses contatos e associações mais transitórios, instáveis e fortuitos. Além destes, a segregação da população também estabelece “distâncias morais” que fazem da cidade um mosaico de diferentes mundos sociais nos quais um indivíduo transita de maneira abrupta de um para o outro, ou nem transita, eles na verdade se tocam, mas não se interpenetram (PARK, 1967, p. 61).

A disposição do meio urbano de intensificar todos os efeitos de crise, – no sentido de qualquer distúrbio de hábito e não num sentido propriamente violento, – envolveria, desse modo, *três possíveis mudanças: maior adaptação, eficiência reduzida ou morte* (PARK, 1967, p. 49). O que “significa no homem estímulo mental e maior discernimento ou, no caso do fracasso, depressão mental” (PARK, 1967, p.49). O autor também proporá questões relevantes como guia para futuras pesquisas, algumas delas relacionadas ao caráter mental dos indivíduos e os efeitos dos estímulos, da mobilidade e do isolamento

nos diferentes tipos mentais citadinos, que são bastante profícuas para a discussão que se tem travado sobre uma certa teoria sociopsicológica do urbanismo.

Em geral, os integrantes da Escola de Chicago estavam preocupados com uma cidade que crescia problematicamente e se transformava de maneira vertiginosa, aumentando em um período curto sua densidade populacional, heterogeneidade (em termos étnicos, econômicos e culturais) e tamanho, tornando-se em poucas décadas uma metrópole complexa. A questão incidia desse modo sobre a necessidade de se compor um arcabouço teórico e empírico que pudesse compreender o acelerado crescimento das cidades, a dinâmica dos habitantes e suas relações com as mesmas, bastante contrastante com as aldeias e pequenas comunidades (VELHO, 2000) e também as mudanças intersubjetivas ocasionadas nesse processo.

O velho ditado popular alemão dizia que “o ar da cidade liberta os homens” (*Stadtluft macht frei*)! Como foi possível notar, os teóricos parecem acentuar a premissa contida nesse adágio, apresentando a possibilidade de liberdade individual e de desenvolvimento de individualidades pelo meio urbano ao passo que também nos apresentam os seus reversos. Esses autores, assim, procuraram ver no urbano um local de ampliação das liberdades individuais e diferenciações e ao mesmo tempo um ponto de choque destas “... no interior das instituições já cristalizadas, gerando, de um lado, rupturas e de outro, coerções e disciplinamento” (KOURY, 2010, p. 45). A sua leitura nos deu elementos importantes para se pensar os modos de vida e as relações intersubjetivas nas cidades.

1.2 A configuração do(s) individualismo(s) na sociedade moderna e sua relação com a autopercepção dos indivíduos

Como exposto, há uma relação bastante próxima entre o processo de urbanização das sociedades e o desenvolvimento das ideologias individualistas, para além de outros fenômenos substanciais correlacionados. Nesse lócus, as relações intersubjetivas entre os indivíduos, modificam-se peremptoriamente e, desse modo, a composição desse quadro de referência se torna basilar para se compreender o(s) individualismo(s) já que

...aparecem como dimensão fundamental de uma cultura urbana, expressão de uma sociedade em que o florescimento do comércio, a expansão marítima, a diversificação de atividades e ocupações desde, pelo menos, o final da Idade Média, marcam um processo de mudança

acelerado em relação às estruturas tradicionais do feudalismo europeu.
(VELHO, 2000, p. 18)

Assim, para contextualizar historicamente a emergência do individualismo, torna-se precípuo um retorno a Simmel e à sua diferenciação de dois tipos de individualismo na história do Ocidente, o quantitativo (ou *Einzelheit*) do século XVIII, produto do liberalismo racional da Inglaterra e da França e o individualismo que tem o romantismo como o principal canal que se disseminou na Europa no século XIX, denominado de qualitativo ou da singularidade (*Einzigkeit*), criação do espírito germânico.

No primeiro, tem-se a noção dominante de individualidade centrada na liberdade, esta que se converte no século XVIII na bandeira universal “... pela qual o indivíduo protege seus mais variados desconfortos e necessidades de autoafirmação.” (SIMMEL, 1998, p. 2) tornando-se visível na roupagem *econômica* com os fisiocratas, *política*, com a Revolução Francesa e os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade e até *filosófica* da época, onde o “eu” se torna o ápice do mundo possível de ser conhecido (SIMMEL, 1998). Tinha-se como pressuposto que os homens depois de libertos das influências das forças objetivas – políticas, religiosas e econômicas e dos desvios históricos, poderiam desenvolver os potenciais de sua personalidade, tendo como fundamento uma igualdade universal – a qual expressava o ser mais profundo da humanidade – que, seja fundada na natureza, razão ou humanidade, seria sempre um ponto de compartilhamento, quando estes encontram sua própria liberdade e singularidade (SIMMEL, 1998). Esse “... individualismo do simplesmente livre, das personalidades pensadas em princípio como iguais...” (SIMMEL, 1998, p. 8) constituiria o individualismo numérico ou quantitativo, produto do liberalismo racional da Inglaterra e da França.

Entretanto, outro individualismo emerge e dissolve essa síntese e o respaldo estabelecido da igualdade pela liberdade e vice-versa, como salienta Simmel (1998, p. 6) logo que o “eu” no sentimento da igualdade e universalidade sentiu-se forte o bastante, passou a procurar a desigualdade que surgia como lei interna. O indivíduo liberto dos grilhões da corporação, do estamento por nascimento e da Igreja e tornado autônomo, busca nesse momento se diferenciar dos outros. (SIMMEL, 1998).

Assim, durante toda a época moderna, se assistirá a procura do indivíduo por si mesmo, de modo a compreender sua própria interioridade absoluta e desaguar em si próprio, necessidade que se torna mais e mais presente com a complexificação acelerada da vida. As relações com os outros são, assim, percebidas por esse indivíduo, conforme nos

conta Simmel (1998, p. 6), afinal, apenas como estações no caminho em busca de si mesmo

... seja porque se sente igual aos outros e sozinho com suas próprias forças, precisando do apoio desse tipo de consciência, seja porque, com a capacidade de encarar a solidão de frente, os outros existem para permitir a cada indivíduo a comparação e a visão da própria singularidade e individualidade do próprio mundo.

A esse individualismo que tem o romantismo como o principal canal que se disseminou na Europa no século XIX, Simmel denominou de qualitativo ou da singularidade (*Einzigkeit*), criação do espírito germânico.

Segundo o sociólogo alemão, as bases dos dois individualismos foram unidas na constituição de princípios econômicos, sendo a teoria da liberdade e igualdade, o fundamento da livre concorrência e a diferenciação da personalidade, um fundamento da divisão do trabalho, contudo, essa combinação na forma econômica com o dinheiro como *deus ex machina* produziu prejuízos nas relações travadas no individualismo e em degenerações nas formas de afirmação da personalidade e no valor da existência, desse modo, Simmel (1998) alimentava a esperança de que o trabalho da humanidade produzisse outras variedades dessas formas e que elas conseguissem chegar a formar conjunções harmônicas e que suas contradições e lutas fossem vistas como potenciais para o desenvolvimento de novas forças e criações.

Richard Sennett, por seu turno, no seu *O Declínio do Homem Público*, que já se tornou um clássico da sociologia contemporânea, também se propõe a analisar uma mudança fundamental na constituição da individualidade e do individualismo na sociedade Ocidental, que tem início com a queda do Antigo Regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista (SENNETT, 1988, p. 30). Trata-se da relação entre vida pública e vida privada – que juntas concebiam um “universo” de relações sociais – que se tornou cada vez mais desequilibrado, com a primeira mais e mais esvaziada em detrimento de uma insuflação tirânica – ou aumento desmedido – da segunda³.

³Benjamin Constant (1985) em seu discurso sobre *A liberdade dos antigos comparada à dos modernos* pronunciado em 1819, já elucidava essa mudança em termos de liberdade política de um lado e individual do outro, que foram preponderantes em épocas determinadas. A primeira, a liberdade dos antigos, consistia essencialmente no exercício coletivo da soberania nas questões públicas, era a liberdade dos cidadãos de deliberar na “Ágora”, possuindo, entretanto, as minúcias de sua existência privada submetidas ao domínio do

Segundo o sociólogo norte-americano, os cidadãos das capitais do século XVIII teriam conseguido manter o equilíbrio nessa balança constituída pela vida pública e vida privada, todavia, ao final do século, três grandes forças estavam em ação no sentido de operar essa transformação imbuída de assimetrias, a primeira diz respeito a uma dupla relação do capitalismo industrial com a cultura pública nas cidades, que se fundamentava nas pressões de privatização suscitadas por esse sistema na sociedade burguesa, elevando o domínio familiar como o mais elevado moralmente, e na “mistificação” da vida material em público, dada a confluência da produção em massa e o fato de se revestir as coisas materiais com um certo caráter pessoal fantasmagórico, o qual Marx denominou de fetichismo da mercadoria.⁴ A segunda seria o secularismo que surge no século XIX e também tem um efeito substancial, pois, baseado no código do imanente, onde as coisas teriam significação por elas mesmas, a eterna procura por um significado colado em todo e qualquer evento ao campo da vida privada ou imbuído de qualidades psicológicas iria desgastá-lo profusamente. A terceira, por sua vez, refere-se a um conjunto de condições psicológicas relativas: ao desvendamento involuntário da personalidade, a qual aparece com exatidão na prática da frenologia, a superposição do imaginário público e privado e, a defesa dessa mesma personalidade a partir da retenção do sentimento, do isolamento em meio à visibilidade pública e do silêncio como forma de se proteger da leitura pelos outros (SENNET, 1988).

O aumento dessa dimensão intimista ocorre na proporção em que a participação dos indivíduos na esfera pública torna-se menor e perde em legitimidade e coerência, ao ponto do seu abandono devido ao esvaziamento ou mesmo perversão derivada da questão

corpo coletivo. Entre os modernos, ao contrário, a liberdade assume consistência inversa, o indivíduo encontra-se cada vez mais independente e soberano em seus assuntos privados, mas cada vez mais distante da liberdade política.

⁴ Segundo Marx, o modo de produção capitalista reificaria as relações sociais, que se resumiriam em “... determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, p. 198) e concomitantemente personalizaria as relações homem-mercadoria. O trabalhador nesse modo de produção se veria reduzido a uma relação reificada entre pessoas e personificada entre coisas, passando a ver o produto não como fruto do seu trabalho, mas como algo dotado de vida própria, algo que se opõe a ele, sendo assim, perde sua essência humana. Como no livro de Mary Shelley “Frankenstein”, em que a criatura se volta contra seu criador, assim acontece com a mercadoria, há a inversão dos quadros.

psicológica.⁵ Esse pêndulo voltado para uma maior absorção psíquica em detrimento de uma menor participação social, aponta Sennett (1988), não pode, entretanto, ser interpretado como um problema psicológico, muito menos encarado a partir de uma solução terapêutica para tirar as pessoas desse auto-envolvimento, como se fosse possível resolver entre quatro paredes, deitado em um divã, as consequências de um legado histórico de um século que ainda não terminou. Nesse sentido:

As obsessões com a individualidade são tentativas para se solucionar os enigmas do século passado pela negação. A intimidade é uma tentativa de se resolver o problema público negando que o problema público exista. Como acontece com toda negação, isso só serviu para entrincheirar mais firmemente os aspectos mais destrutivos do passado (SENNETT, 1988, p. 44).

Dentro dessa conjuntura, “O eu de cada pessoa tornou-se o seu próprio fardo” (SENNETT, 1988, p. 16), quase como uma exortação levada ao extremo agonístico do conhece-te a ti mesmo, como finalidade última, nessa “era da subjetividade” e do narcisismo⁶ cada indivíduo busca saber constantemente o que são as suas *psiques* – que parecem ter uma vida interior própria – ou o que é autêntico em seus sentimentos; entretanto, quanto mais privada ela se torna, menos estimulada será e mais difícil será sentir ou exprimir sentimentos, comenta Sennett (1988). Como escreveu Bernardo Soares

⁵Vide o exemplo do papel que passou a possuir a “personalidade” na luta política – o peso dos escândalos políticos de cunho intimista e da imagética do líder carismático que precisa ter sua reputação ilibada no âmbito privado para conseguir a aderência da população ao seu “programa político”.

⁶O narcisismo aludido por Sennett como marca da contemporaneidade, seria uma espécie de obsessão acerca do significado próprio e singular que o indivíduo confere a algo ou a alguém e aos sentimentos, seria uma introjeção nas necessidades do eu e ao mesmo tempo um bloqueio de sua satisfação, dado o caráter repetitivo e obscurecimento que ele provoca, e penetra sistematicamente as relações humanas (SENNETT, 1988). No poema em prosa de Oscar Wilde (2001) chamado “O discípulo”, no qual, o lago que estava em prantos, quando questionado pelas ninfas sobre a morte de Narciso e a tristeza compreensível que expressava já que este era tão belo e ninguém melhor do que ele para atestá-la, comenta que não sabia a respeito de tal beleza, mas amava Narciso, pois, ele ao se debruçar sobre as suas margens para contemplá-lo, via sempre refletir-se no espelho dos seus olhos sua própria beleza, pode elucidar essa relação, embora, no sentido dado por Sennett não se trate de um amor à própria beleza, mas fazendo uma interpretação menos literal, a relação entre ambos – o lago e Narciso – estaria fundada numa busca pelo próprio “eu” a partir da relação com o outro – por aquele “eu” oculto indômito refletido no olhar de um outro que desaguaria na própria interioridade.

(1989, p. 257), heterônimo de Fernando Pessoa, “o oráculo que disse “Conhece-te” propôs uma tarefa maior que as de Hércules e um enigma mais negro que o da Esfinge.” É esse enigma obscuro e insolúvel que consome a vida por inteiro e mergulha os indivíduos numa busca incessante por si que os faz mais confusos sobre própria tarefa em que se imiscuem, já que não conseguem visualizar o “nós” existente na sua própria configuração subjetiva e psicológica.

Norbert Elias elucida bem essa ideia ao tratá-la em termos de uma balança constituída pelo “Eu-Nós” em seus pólos⁷, um recurso analítico que ajuda a pensar como em determinados momentos históricos houve uma superposição da identidade-nós à identidade-eu e vice-versa, e a incompreensão em torno dessa relação. O sociólogo alemão explica que a individualidade e a interrelação social das pessoas não são antitéticas, mas são indissociáveis, uma vez que a moldagem e diferenciação das funções mentais só são possíveis para o indivíduo que cresce em um grupo, numa sociedade. Não é à toa que *O enigma de Kaspar Hauser*⁸ ou “... os seus enigmas de cognição e compreensão do mundo estão a indicar que a percepção depende, sobretudo, de uma construção e de uma prática social.” (BLIKSTEIN, 1985, p. 52).

O processo de individualização é realizado na relação com os outros e somente através de um processo social de moldagem é que o indivíduo atinge uma configuração particular que o distingue de todos os demais (ELIAS, 1994). Segundo Elias (1994), a formação individual de cada pessoa depende da *evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas e do ponto em que ela ingressa no fluxo do processo social*, por isso, o autor profere a assertiva de que não existe uma sociedade sem indivíduos como não existe indivíduo sem sociedade – a declaração de Margaret Thatcher (1987)⁹ de que: *não existe essa coisa de sociedade. Existem indivíduos, homens e mulheres, e existem as famílias*. Constitui claramente o sintoma da composição tradicional da autoconsciência do indivíduo moderno que, segundo ele, precisa ser superada.

⁷O argumento de Elias d’ *O processo civilizador*, difere da tese sustentada por Sennett que propunha compreender como distintivo dos dois últimos séculos o “triunfo da intimidade” e uma ênfase em sua publicação, todavia, utilizo uma aproximação entre os autores para abordar a autopercepção do indivíduo moderno imerso no individualismo.

⁸*Jeder für sich und Gott gegen alle* (tradução original: *Cada um por si e Deus contra todos* ou no título brasileiro *O Enigma de Kaspar Hauser*) é um filme de 1974 do cineasta alemão Werner Herzog.

⁹Em entrevista para *Woman's Own*, Margaret Thatcher explicita “...who is society? There is no such thing! There are individual men and women and there are families...”

Essa autoconsciência distorcida constitui o que ele denominou de *homo clausus*, ou seja, o eu desprovido do nós, que significava pensar uma existência hermética, dicotomizada entre um eu interior (verdadeiro eu) e o mundo exterior (ELIAS, 1994). Como no diálogo do filme *Persona*¹⁰ em que a doutora fala para Elizabeth Vogler que opta pelo silêncio que entende o abismo que ela passa, o abismo entre o que ela é para si e para os outros, o sentimento de vertigem e a constante fome de finalmente ser exposta. Ser vista por dentro. A doutora então prossegue, "Mas você pode se tornar imóvel, você pode ficar calada. Assim pelo menos não mente. Você pode se fechar, se trancar. Assim não tem que interpretar papéis, fazer caras ou falsos gestos."

Elias elucidou essa ideia ao se referir à parábola das "estátuas pensantes", uma massa de "eus" isolados, dentro de um invólucro, incompreendidos e incomunicáveis. O pensamento de Descartes é alusivo dessa percepção dual de si mesmo do indivíduo, considerado pelo sociólogo alemão como uma expressão dessa nova autoconsciência humana que sucedeu em sua época, sendo produto de um lento processo de mudança na estrutura social e na relação das pessoas com os fenômenos naturais. A noção de *homo clausus* pode ser entendida como um dualismo entre sujeito e objeto e o entendimento do indivíduo como um ser atomizado e completamente isolado da realidade social. Segundo o autor, essa percepção no pensamento e no discurso está mais atrelada à associação que as pessoas fazem aos termos "indivíduo" e "sociedade" a sentimentos e valores emocionais diferentes do que pela observação real destes como entidades opostas. (ELIAS, 1994).

Essa falsa imagem do "eu" pensada sem um nós, do indivíduo como dividido entre dois mundos (interior e exterior) é própria de um contexto específico em que houve um aumento no patamar do sentimento de vergonha e embaraço em concomitância com um controle mais elevado das emoções e dos instintos. É uma forma de autoconsciência profundamente enraizada no eu que é típica de sociedades muito individualizadas (ELIAS, 1994).

Na medida em que as funções relativas à proteção e ao controle do indivíduo vão sendo transferidos para Estados cada vez mais centralizados e urbanizados, o indivíduo tem que batalhar muito mais por si, os laços se afrouxam e o envolvimento e dependência dos grupos primários vêm-se reduzidos, a mobilidade social e espacial aumenta, abrem-se um leque de possibilidades que determinam a sua autonomia e uma oportunidade maior de individualização (ELIAS, 1994, p. 103). A balança eu-nós exposta por Elias, assim, ilustra

¹⁰*Persona* é um filme sueco de 1966, do gênero drama, escrito e dirigido por Ingmar Bergman.

que a sociedade moderna pendeu para o lado do eu, mas ambos são complementares, no sentido de que os seres humanos são sempre interdependentes.

O discurso padronizado e difundido de que há um eu interior que é o verdadeiro eu, o puro 'eu' do indivíduo e uma roupagem externa, a relação com outras pessoas constitui a expressão de uma singular conformação histórica e uma forma de convívio dotada de uma estrutura bastante específica (ELIAS, 1994, p. 32). Segundo Elias é característico de sociedades mais desenvolvidas que a identidade-eu das pessoas sejam bem mais valorizadas do que aquilo que elas têm em comum, sua identidade-nós e que esse traço gera um conflito emocional de intensa ambivalência nos indivíduos, sob o desejo de construção de laços afetivos e a incapacidade para realizá-lo – o que acaba redundando em sofrimento psíquico. Ele classifica esse problema como um problema do *habitus*¹¹, um traço característico da personalidade social das pessoas da era moderna.

No âmbito da filosofia política, o conflito irresoluto entre comunitaristas e liberais também expõe, em uma outra roupagem, essa configuração social e as consequências do individualismo nas relações entre os indivíduos, tomando como foco de análise o liberalismo. Michael Walzer, por exemplo, aborda duas grandes críticas comunitaristas à figura do indivíduo da sociedade liberal, a primeira incide na percepção desse como aquele ser desenraizado, desacorrentado de quaisquer vínculos, tradições, costumes e autoridades e completamente imerso nos seus interesses pessoais, simbolizados “...concretamente na separação, no divórcio, no recolhimento, na solidão, na privacidade e na apatia política.” (WALZER, 2008, p. 210), o que para o autor seria a fragmentação na prática. A segunda crítica desfaz esse quadro de figuras míticas à la Robinson Crusoe e sustenta que a teoria liberal representa a vida real de uma forma bastante distorcida. O liberalismo poderia até realçar o significado dos laços puramente contratuais, mas estaria errôneo colocar os laços sociais como absolutamente mercadológicos, voluntaristas e interessados, pois, a estrutura profunda da sociedade é comunitária e o que a ideologia liberal do separatismo faz é tirar o senso de nossa condição de pessoa e de nossos vínculos (WALZER, 2008). Segundo o filósofo político, as duas críticas, ao fim e ao cabo, não abordam essa dissociação e as estruturas existentes do vínculo social e terminam por ser mutuamente exclusivas.

No entanto, ambos os argumentos críticos estariam, de certo modo, parcialmente corretos, afirma Walzer, em primeiro lugar porque a sua sociedade, a norte-americana,

¹¹ Para Elias, o *habitus* seria a composição social dos indivíduos, ou seja, aquilo que eles compartilham com os outros membros da sociedade e que, por sua vez, estaria aberto a individualização.

estaria vivendo um momento de instabilidade considerando as quatro mobilidades: a geográfica, a social, a conjugal e a política, todas elas ocasionariam certas consequências anticomunitaristas, como uma possível perda da importância do sentido de lugar, a falta de narrativas comuns, fragmentos de famílias, a promoção de um eleitorado volátil etc. Na visão liberal, essas quatro mobilidades representam a decretação da liberdade e a busca da felicidade (privada ou pessoal), porém, essa realidade possui um lado negativo de tristeza e descontentamento, com o sentido de uma perda real e um declínio do “senso de eficácia” que, conforme indica Walzer, tem efeitos correspondentes sobre o comprometimento e o moral. Segundo esse autor, “... não há nada lá fora além de *eus* liberais independentes, investidos de direitos, espontaneamente associados e que se expressam livremente.” (WALZER, 2008, p. 224), porém, seria proveitoso ensinar aos ‘eus liberais’ a se reconhecerem como seres sociais, o produto histórico dos valores liberais, tendendo a correção comunitária a ser um reforço desses mesmos valores ou uma busca das sugestões de comunidades neles contidas (WALZER, 2008).

Destarte, visualiza-se novamente uma dupla abordagem, dessa vez acerca do individualismo, pois, se de um lado o indivíduo liberto das correntes já enferrujadas da tradição e dos fatores objetivos que o imobilizavam, agora pode fluir verticalmente e horizontalmente pela cidade, globalmente mundo afora e por diversos papéis sociais - com todas as pungentes ressalvas que acompanham essa afirmação já que cada marcador de subalternidade se constituiria enquanto uma “pedra” em que determinados cidadãos seriam obrigados a carregar em seu trânsito pela mesma - por outro, esse mesmo indivíduo encontra-se imerso numa cultura narcísica e enclausuradora banhada num mar de “eus” indiferentes e apáticos politicamente, providos de laços fragmentados, provisórios e em constante mudança, estando à deriva e incisivamente mergulhado nas deformações do capitalismo contemporâneo. Como expressa Gilberto Velho (2000, p. 21):

De um lado temos o individualismo(s) como força positiva de transformação, vinculando às ideias de liberdade e igualdade, rompendo com a opressão e a rigidez de sistemas tradicionais de dominação e organização social como o feudalismo. De outro, o individualismo aparece como produtor de situações de desagregação e anomia sociais, rompendo com valores e redes de reciprocidade e de atuação pública.

Diante de todo o exposto, torna-se peremptório trazer intérpretes brasileiros para explicar de que forma e até que ponto, essas transformações se fizeram em solo tropical e,

posteriormente, procurar compreender como essas teorias européias e norte-americanas, podem auxiliar na compreensão de nosso foco de estudos. No intento de realizar algo parecido com a *redução sociológica* de que nos falou Guerreiro Ramos, ou seja, de assimilar o conhecimento sociológico [e antropológico, filosófico, político] estrangeiro levando-se em consideração as especificidades de nossa sociedade brasileira, não adotando-os *tout court*, como receitas de bolo, mas a partir do pensamento crítico do/a cientista social de acordo com a realidade em questão (LIPPI, 1995).

Assim, trazer esse tema para as cidades brasileiras implica compreender três movimentos interconectados: a expansão do capitalismo, das cidades e do individualismo no Brasil, colocando em foco a sua influência direta nas relações intersubjetivas.

1.3 O individualismo na sociedade brasileira e sua relação com a ‘despersonalização’ dos indivíduos na cidade (ou a sua balança desequilibrada)

No Brasil, os problemas das cidades em expansão aparecem juntamente à dimensão subdesenvolvida do país, onde a estrutura urbana revela e reproduz as desigualdades no que concerne a distribuição do poder na sociedade (RIBERO; JUNIOR, 2003). O individualismo, por sua vez, mostra o seu lado mais predador associado basicamente ao tipo de capitalismo que se desenvolve no país, pouco sensível aos problemas sociais e voltado vorazmente para o lucro, fazendo jus ao lema “depois de mim, o dilúvio!” (*Après moi, le déluge*). O processo de urbanização acelerado traz consequências que não obtém respostas efetivas do poder público. As ideologias individualistas que poderiam pender para um caráter criativo e libertador não produziram aqui um lugar para negociação das diferenças e uma liberdade para fluir por entre as cidades, estas aparecem enquanto lócus onde o conflito assume proporções assustadoras (VELHO, 2000) e onde emerge uma arquitetura da violência¹² e uma transmutação nas relações sociais e na própria imagem de si dos indivíduos com consequências presumivelmente nocivas para eles.

Lia Zanotta Machado (2001) destaca essa transmutação dos vínculos sociais salientando uma duplicidade nas próprias relações familiares que estavam calcadas em relações hierárquicas baseadas no código da honra, e passam a vigor também a partir do código individualista cada vez mais presente nas mesmas, algo que Velho já destacava como dualidade estruturante da realidade brasileira com os sistemas individualistas e

¹²Remodações espaciais decorrentes da “cultura do medo” emergente na sociedade contemporânea.

hierárquicos se interpenetrando. Desse modo, segundo a antropóloga, a fraca generalização das condições cidadãos no Brasil e as situações econômicas desfavoráveis podem fazer emergir o “pior dos dois mundos”, com o individualismo assumindo “... não o princípio da igualdade individual de direitos e deveres, mas o da universalidade do anonimato, da indiferença e da dessensibilização” (MACHADO, 2001, p. 24).

E, de fato, foi o que emergiu e remete a uma mudança que se opera na década de 1970 que acompanha o processo de modernização da sociedade brasileira. Os trabalhos de Gilberto Velho (1986; 1987; 1994; 2000) são importantes nesse sentido, já que foi um precursor no estudo antropológico do urbano brasileiro e um dos nomes fundamentais na área da Antropologia das Emoções, com um conjunto de obras que procuram compreender os cidadãos de classe média a partir da ótica individualista - de um individualismo crescente nas camadas médias urbanas, através de seus projetos individuais e de sua crescente psicologização do social (KOURY, 2015).

Alguns anos depois, os trabalhos de Mauro Guilherme Pinheiro Koury, dentro do GREM, Grupo de pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, que tem como um de seus objetivos estudar o individualismo no Brasil urbano contemporâneo, e mesmo antes dessa base de pesquisa, expande e consolida a área da antropologia e sociologia das emoções e dá um salto nos estudos em torno da cultura emocional dos cidadãos de classe média, e também das camadas populares.

Em seu grande conjunto de trabalhos direcionados ao estudo do Brasil urbano sob a ótica do luto, Koury (1994; 2001; 2003; 2005) aborda a emergência de uma nova sensibilidade que começa a se formar e tornar-se mais nítida nas últimas três décadas. Ao buscar perscrutar e compreender as atitudes desenvolvidas em relação ao luto na sociabilidade brasileira urbana contemporânea – tendo como universo de pesquisa a classe média brasileira – e as transformações subjetivas nos costumes e rituais da morte e do morrer, enquanto mudanças advindas do individualismo emergente das cidades modernas, contribui de maneira substancial para o debate que se pretende em torno das novas formas de sentir e sofrer na contemporaneidade sob o crivo do individualismo.

O autor partiu da hipótese de que a nova sensibilidade que parece emergir e solapar as antigas práticas relacionadas ao luto – os processos desindividualizadores e sua vivência no espaço público – advém da modernização das relações sociais, do individualismo característico da vida urbana. Subjetividade caracterizada pela emergente internalização do sofrimento, o impedimento de sua expressão que se vê mesclada por uma condenação da dor em público e o seu recolhimento, economia emocional, privatização das emoções,

divisão latente entre o público e o privado, distanciamento, indiferença e racionalidade (KOURY, 2001; 2003; 2005). Assim, as relações intersubjetivas não mais refletiriam uma sociabilidade relacional como aludida por DaMatta, mas sim códigos mais individualistas na sua dimensão mercantil (KOURY, 2018).

Em outro conjunto de pesquisas sobre os *Medos* e os *Medos Corriqueiros* levadas a cabo e também orientadas pelo antropólogo no interior do GREM, que tinha como hipótese central o medo como uma construção social significativa que, além de criar uma nova esfera de investigação no grupo, aprofunda temas já discutidos no interior dele, como o impacto da modernidade na formação identitária do indivíduo das grandes cidades, tendo como palco a cidade de João Pessoa, Paraíba.

Confrontando os dados empíricos desse trabalho voltado à discussão das formas de sociabilidade presentes neste lócus, sob a ótica do medo, o antropólogo apreende em sua pesquisa, respostas recorrentes em torno da percepção do medo enquanto falta de segurança pessoal, familiar e falta de confiança em si ou receio. O medo aparece enquanto medo da violência cotidiana, da instabilidade futura, da solidão... Denotando medos característicos a uma sociabilidade cada vez mais racionalizada, impessoal e moderna e uma cultura emotiva específica que emerge como produto das transformações advindas da modernidade, caracterizada pelo esgarçamento dos laços, fragmentação das relações sociais, fechamento ao outro etc (KOURY, 2008).

Desse modo, os dois grandes conjuntos de pesquisas realizadas no interior do GREM apresentam os contornos assumidos pelo individualismo contemporâneo em solo brasileiro no âmbito das relações intersubjetivas, fortemente influenciadas pelas perspectivas simmeliana, eliasiana e dos interacionistas simbólicos, embora com coloridos próprios derivados dos achados da pesquisa e do exercício anteriormente aludido de importação crítica de teorias estrangeiras sob o crivo criativo e comprometido do/s pesquisador/es.

Partindo do princípio de que as configurações do(s) individualismo(s) provocam efeitos subjetivos e repercussões psíquicas nos indivíduos, se poderia aventar a existência de novas formas de sentir e de sofrer atreladas aos novos arranjos da individualidade contemporânea de que nos falou Koury, os quais aparecem enquanto dimensão de uma cultura urbana, denotando uma subjetividade caracterizada pela internalização do sofrimento, privatização das emoções, distanciamento, indiferença etc., e uma cultura emotiva específica que emerge como produto das transformações advindas da modernidade, caracterizada pelo esgarçamento dos laços, fragmentação das relações

sociais (KOURY 2001; 2003; 2005; 2008) e a própria carência de vínculos. Mas, antes de enveredarmos pela relação complexa entre sofrimento psíquico e modo de existir individualista - tendo em vista as linhas de base traçadas anteriormente - a partir do grupo virtual de N/A, pretendo adentrar no “estado do conhecimento” das relações entre sofrimento psíquico e individualismo hodiernamente.

1.4 As novas configurações da individualidade e suas interrelações com os sofrimentos psíquicos contemporâneos

O individualismo assim como a face de Janus, também apresenta sua dualidade, sendo necessário compreendê-lo em todos os seus aspectos. Pois, de um lado, pode ter sua base entendida a partir das teorias da liberdade e igualdade, e da diferenciação da personalidade, como coloca Simmel (1998) com os individualismos quantitativo e qualitativo, respectivamente. No movimento para fora das forças objetivas e desvios históricos que antes restringiam o raio de perspectivas do indivíduo que agora poderia “flutuar” pela cidade, cujo ar também parecia libertar os homens das relações engolfadas (dependentes). De outro lado, contudo, nos mostrou também a sua face de desagregação e anomia no sentido durkheimiano, ou de uma combinação perversa na forma econômica que produziu prejuízos nas relações travadas e em degenerações nas formas de afirmação da personalidade e no valor da existência (SIMMEL, 1998).

Hodiernamente, os dois grandes eixos teóricos que absorvem o debate sobre identidade e individualismo são, de um lado, a tese do individualismo reflexivo de Anthony Giddens e, de outro, a noção de “tecnologias do eu” de Foucault e autores inspirados por ele (ELLIOT, 2018). Esta última refere-se à identidade como autovigilância enquanto permeada por relações assimétricas de poder que envolvem os indivíduos e os produzem, sob a ótica do “governo do si mesmo” e da “governamentalidade”.¹³ Giddens, por seu turno, como um dos sociólogos contemporâneos que tenta pôr fim ao

¹³Segundo Foucault, o processo de governamentalização do Estado levou a preeminência de um tipo de poder, o de "governo", que predomina sobre todos os outros (disciplinar, religioso, soberano) e que adota como forma principal de saber a economia política e como finalidade das técnicas de governo, a população, “... são estes três movimentos, eu acho: governo, população, economia política, dos que se deve observar que constituem, a partir do século XVIII, uma série sólida que, ainda hoje, não está dissociada.” (FOUCAULT, 2010, p, 303) Segundo Foucault, não se governa primeiramente o território e em seguida a população como em Maquiavel, mas governam-se as "coisas", ou seja, os homens em suas relações, seus laços, seus emaranhamentos com essas coisas que são as riquezas, os recursos, o território etc. (FOUCAULT, 2010) Segundo o filósofo, vivemos na era da "governamentalidade".

estabelecimento de impérios, do sujeito e do objeto, destaca o caráter reflexivo do comportamento dos agentes na alta modernidade, o automonitoramento contínuo das ações dos indivíduos que ao constituírem sua autoidentidade influenciam o social em um nível global e vice-versa e são capazes de elaborar discursivamente o sentido delas. A autoidentidade é para Giddens um “empreendimento reflexivamente organizado” (GIDDENS, 2002, p. 12).

A tese do novo individualismo, por sua vez, se apresenta como diferente das anteriormente elencadas e, assim como Simmel já havia apontado como caráter da modernidade a noção de velocidade, de rapidez dos estímulos, a da falta de pausas na vida moderna, as descontinuidades, a inquietude, as rápidas transformações e as consequências que essas mudanças abruptas geram na subjetividade dos indivíduos, o viés analítico proposto por Anthony Eliott e Charles Lemert, por seu turno, traz em seu bojo quatro dimensões essenciais que segue de perto esses elementos anteriormente trazidos à baila, compondo a tese da existência de um novo individualismo – atrelado às mudanças socioeconômicas provocadas pela globalização – com um *ethos* específico que conjuga

uma ênfase implacável em autorreinvenção; uma fome infinita por mudança instantânea; um fascínio por aceleração social, velocidade e dinamismo; e uma preocupação com o curto prazo e a episodicidade (ELLIOT, 2018, p. 466).

O quadro que pintei neste capítulo, com a tinta de alguns autores representativos do debate, apresenta uma massa de ‘eus’ enclausurados que buscam incessantemente por si mesmos enquanto estão trancados nas celas de suas vidas privadas agora publicizadas via redes sociais. Com essa ‘nova’ perspectiva de Elliot e Lemert poderíamos supor que esses ‘eus’ também estão buscando reinvenção, *fazendo up date de suas personalidades*, mudando o seu *mindset* para o sucesso, alimentando todos os dias o devaneio da plasticidade infinita do si mesmo, dos seus corpos e de seu consumo irrefreável (ELLIOT, 2018), sob o lema “não há longo prazo” (SENNET, 2009), seja no trabalho, na vida, nas relações. São o/as filho/as dos fluxos de alta velocidade da cultura cosmopolita que vive/m velozes e flexíveis, culturalmente atrelados a mudanças tecnológicas como as “digitais de alta velocidade, redes de comunicação e processos globais de produção” (ELLIOT, 2018, p. 478). Cabe indagar quais os custos psíquicos desse *ethos*.

O novo individualismo compreende que as forças globais penetram no tecido de nossas vidas pessoais e emocionais, ou seja, que a imersão no mundo sob essa nova

orientação individualista traz substanciais consequências emocionais para a vida privada e pública das pessoas, posto que introduz novas ansiedades e inseguranças e formas de perceber o ‘si mesmo’ (ELLIOT, 2018).

Assim, esse imperativo do homem moderno em ser ele mesmo em constante reinvenção poderia apresentar seu reverso na ideia do cansaço do si mesmo, na insuficiência (EHRENBURG, 1998). Alain Ehrenberg, sociólogo francês, importante estudioso da depressão, que também apresenta as transformações na individualidade contemporânea, a partir de seu estudo, explica o quanto ela pode ser compreendida enquanto modo de nomear certo número de problemas gerados pela regra da autonomia prevalecente hodiernamente (EHRENBURG, 2004). Esta se torna normal social que exorta os sujeitos a “doença da responsabilização” excessiva.

O autor coloca em questão o quanto a visão corrente da depressão em termos de disfunções químicas “... negligencia o tecido subjetivo que singulariza a especificidade da pessoa, a natureza do animal humano que vive em sociedade.” (EHRENBURG, 2004, p. 148), pois, numa sociedade individualista parece extremamente difícil pensar essa dimensão social, como anteriormente elucidado. A depressão aparece, assim, escrutinada enquanto chave analítica importante que parece convergir todas as tensões do indivíduo moderno e inserida no contexto das transformações das normas sociais: a passagem de uma sociedade disciplinar para uma sociedade da autonomia, o ponto fulcral de sua tese (EHRENBURG, 1998), que muda o seu status e proclama sua disseminação. Entretanto, decorre de sua análise que não estaríamos mais doentes atualmente, nem a depressão seria o “mal do século”, mas estaríamos diante de novas maneiras de sofrer (PERRUSI, 2015). O individualismo contemporâneo, assim, produziria autonomia, mas também novos sofrimentos psíquicos que logo que são capturados pela “saúde mental” tendem a ser enquadrados rapidamente em alguma nosologia¹⁴ (PERRUSI, 2015, p. 141).

Sua tese sobre a depressão, entretanto, não coloca em foco o enfraquecimento dos laços sociais, o que ele mesmo indica no início do seu livro *“La fatigue d'être soi:*

¹⁴O luto, a título de exemplo, é um sofrimento que comumente não é considerado uma patologia, mas o modo como ele é vivido e a sua adequação a nova sensibilidade existente nas últimas décadas (KOURY, 2001; 2005) pode mudar esse quadro, dado que o indivíduo que sofre demais, em altos brandos e por um tempo acima do período delimitado poderá ter o seu sofrimento enquadrado em alguma nosologia, posto que o tempo do capital não espera por quem sofre.

dépression et société” (em inglês: *The Weariness of the Self*)¹⁵ e a sua dimensão mercantil como aludida através das diferentes perspectivas acerca do individualismo abordadas neste trabalho. Como bem pontua Byung-Chul Han (2017) a carência de vínculos que é característica para a cada vez maior fragmentação e atomização do social, não aparece em sua análise, bem como a violência sistêmica (do hipercapitalismo) que é intrínseca à sociedade do desempenho.

Han (2017) realiza uma interessante discussão em seu “*A sociedade do cansaço*” que, guardando todas as suas divergências com a de Ehrenberg, também segue a linha da tese de se viver em uma sociedade da autonomia, mas cujo imperativo é de uma positividade e pressão extremada (*yes, we can + just do it*) que parece se constituir como uma nova forma de “dominação”. Utilizando-se de expressões conceituais bastante fortes e paradoxais, como o de *liberdade coerciva* e *autocooção* que se apresenta como liberdade, o autor defende que vivemos no século XXI um excesso de positividade que adoece e leva, em alguns casos, a autodestruição. Na sociedade do desempenho, os sujeitos estão livres da instância externa que os impunha o dever (negatividade), eles são soberanos e senhores de si mesmo, livres para a superprodução, o superdesempenho e a supercomunicação, mas esse excesso de positividade que se manifesta como exagero de estímulos, informações e impulsos e essa sensação de liberdade, segundo Han, escondem uma exortação a autoexploração contínua e eficaz que leva a um esgotamento e um cansaço fundamental¹⁶, os adoecimentos psíquicos seriam, assim, manifestações dessa liberdade paradoxal, na

¹⁵Tradução livre do original: Não abordo a depressão como um enfraquecimento dos laços sociais, mas como uma atitude, uma mentalidade pesada com várias práticas sociais e representações de nós mesmos em uma sociedade em que os valores associados à autonomia (por exemplo, escolha pessoal, autopropriedade, iniciativa individual) foram generalizadas. Original: “I do not approach depression as a weakening of the social bonds but, rather, as an attitude, a mindset heavy with multiple social practices and representations of ourselves in a society in which values associated with autonomy (e.g, personal choice, self-ownership, individual initiative) have been generalized.” (EHRENBURG, 1998, p. XXX).

¹⁶O que me remete de maneira peremptória a um depoimento de um membro do grupo virtual que melhor elucida tal assertiva, segundo K, sua exigência consigo mesma chega ao extremo agonístico que a fazia pensar que: “Parecia que tinha um HITLER de mim mesmo que me judiava... porque qualquer coisa... tudo tinha que ser perfeito... eu me exigia e às vezes exijo coisas que não são reais... negociar com esse GENERAL de MIM MESMO... tem me ajudado... é que antes eu queria matar esse GENERAL... pois ele me judiava muito... mas depois entendi que matar esse General era matar uma parte de mim mesmo... então decidi... conversar com essa parte e pedir pra ela pegar leve... pega leve GENERAL.” Toda essa pletora teórica será retomada na discussão dos depoimentos, onde ouviremos as vozes dos depoentes.

medida em que é transformada em novas coações que, todavia, não são percebidas à lá 1984 de George Orwell, pois, é por sua própria conta e risco que cada indivíduo, obrigado, constrói sua própria “jaula de aço” (DARDOT; LAVAL, 2016).

A tese do filósofo sul-coreano aborda também a existência de uma *crise de gratificação* ou *autoestima* que seria resultado da falta de relacionamentos do indivíduo moderno com o/s outro/s e a uma perturbação narcisista (conceito baseado em Sennett). Para ele, assim, mergulhar no si mesmo não criaria *autoestima*, mas sim produziria isolamento e sofrimento, já que seria no encontro entre subjetividades abertas ao caráter criador das interações que se poderia compartilhar mundos, criar confiança e alteridade e trocas simbólicas. Entretanto, o sujeito do desempenho bebe-se de si, emprega grande parte de sua libido em si mesmo e o restante distribui por entre contatos de curto prazo de caráter mercantil, dado que não é capaz de estabelecer vínculos duradouros (HAN, 2017). O sujeito de desempenho cansado e depressivo, está

... esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo. Totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a autoerosão e ao esvaziamento. Desgasta-se correndo numa roda de hamster que gira cada vez mais rápida ao redor de si mesma. (HAN, 2017, p. 91)

Mas é sob a pena de Artur Perrusi (2015) que se encontra uma análise mais direcionada para a relação entre sofrimento psíquico e individualismo contemporâneo. Em um ensaio sociológico, com os dois pés na empiria, e diria, baseado nas inferências acerca de duas pesquisas que tangem o tema, o autor propõe uma hipótese que se apresenta como mais radical que a de Ehrenberg, pois além de identificar uma mudança na “expressividade afetivo-emocional”, coloca em questão a possibilidade de se estar perante *novas configurações da individualidade*, com o foco em *processos inéditos de subjetivação* (PERRUSI, 2015) e na existência de uma (in)segurança ontológica.

A luz da concepção de que cada época histórica tem os seus sofrimentos psíquicos, o sociólogo brasileiro explica que os novos sofrimentos contemporâneos implicam também na existência de novas psicopatologias – dado o caráter também historicamente variável do que é enquadrado como psicopatológico – e atentam para a necessidade de se voltar as lentes para as transformações sociais mais amplas que estão intimamente atreladas às *mudanças na individualidade e na formação psíquica dos indivíduos* (PERRUSI, 2015) Algo parecido com o que foi elucidado na teoria eliasiana da historicidade da

autopercepção dos indivíduos, de sua identidade, com a balança *Eu-Nós*. Assim, o interesse do autor em “... relacionar sofrimento psíquico e individualismo contemporâneo, forma pela qual se estrutura socialmente a individualidade no mundo ocidental” (PERRUSI, 2015, p. 142).

O individualismo contemporâneo estaria associado com a assimetria entre o processo de socialização e o da constituição do “Eu” anteriormente aludida, cujo resultado foi a autorregulação e a autonomia (PERRUSI, 2015) e uma balança pesada sobre o “Eu” em detrimento do “Nós” como ponderou Elias (1994). A identidade aparece enquanto construção solitariamente assumida pelo indivíduo que trilha um caminho repleto de riscos e incertezas que se coloca assustadoramente entre as possibilidades de sucesso ou de fracasso, em um mundo sem tempo para “perdedores” (*No time for losers*). O autor explicita que o surgimento de novos sofrimentos psíquicos se mostra como a reconfiguração do “jogo” entre autonomia e dependência, o que poderia não se apresentar necessariamente sob a forma de uma vulnerabilidade da segurança ontológica, porém, ele admite que na configuração contemporânea algo se rompeu na sua constituição, e o jogo parece ter tomado maior intensidade e caráter conflitivo, gerando portanto (in)segurança (PERRUSI, 2015).

O conceito de segurança ontológica remete a Giddens e está relacionado à capacidade de “... ter, no nível do inconsciente e da consciência prática, “respostas” para questões existenciais fundamentais que toda vida humana de certa maneira coloca” (GIDDENS, 2002, p. 49). A consciência prática para Giddens está relacionada à capacidade de prosseguir nas rotinas da vida social (aquilo que é simplesmente feito) que juntamente com a consciência discursiva (a capacidade de o agente discorrer sobre as atividades humanas) e os motivos inconscientes/cognição substituem a tradicional tríade freudiana do Ego, Superego e Id e constituem o modelo estratificado da personalidade do agente. (GIDDENS, 2003) A (in)segurança ontológica, assim, é um uso do conceito giddensiano para situá-lo nas incertezas perante as escolhas e no rompimento de sua própria constituição.

Dado que os seres humanos teriam um determinado “impulso antropológico universal” por habitar um mundo societário dotado de ordem e sentido, ou seja, seriam animais sedentos de amparo e significação, como coloca Gabriel Peters (2014), a partir das abordagens de Pierre Bourdieu, Giddens e Peter Berger, o anseio pela segurança ontológica, - por vivenciar seus contextos de ação como relativamente seguros, confiáveis, inteligíveis etc., - emerge como fundamental para proteger os atores do caos que espreita e

que poderia ocasionar uma desorientação em torno de questões avassaladoras que cercam a sua existência (PETERS, 2014). Assim sendo, como coloca Peters (2014, p. 127),

é porque o senso subjetivo da presença de ordem e sentido nos mundos sociais em que se está lançado é inseparavelmente mental e corpóreo, cognitivo e afetivo, que a “desfiliação” (para utilizar a expressão diletta de Castel [2000]) do indivíduo em face de seu *milieu* societário não implica apenas (sic) o sofrimento psíquico oriundo da falta de laços socioafetivos (Honneth, 1992) ou a desintegração “anômica” dos instrumentos de autocontrole na expressão das paixões e impulsos (DURKHEIM, 2003), mas também, e inseparavelmente, o enfraquecimento ou perda dos próprios referenciais cognitivos que dão alguma solidez à sua experiência do real.

Perrusi (2015) esquematiza, então, o conjunto de relações existentes entre sofrimento psíquico e individualismo contemporâneo que auxilia no entendimento da hipótese central de seu artigo que é a redução do sofrimento à dor psíquica, passível de eliminação pelo uso de psicofármacos. Segundo o sociólogo, há uma denegação do sofrimento em nossa sociedade, onde o sofrer aparece como o reverso de valores caros como o de superdesempenho, superprodução, autonomia *ad nauseam*. Entre os elementos elencados como importantes na compreensão da relação complexa entre ambos, encontra-se 1) a escola como reprodutora do individualismo, com a exortação da ilusão biográfica e meritocrata, 2) a pedagogia moderna enquanto radicalizadora dele, 3) a concorrência que se torna critério de justiça, 4) a fragmentação da existência e das relações com um tropismo mais acentuado pela solidão, esta que hodiernamente toma forma de uma epidemia¹⁷, 5) a independência individual levada ao extremo agonístico de uma autocoação, onde o fracasso aparece como de responsabilidade inteiramente individual e como defeito, deficiência, produzindo, por decorrência, mal-estar e sofrimento e 6) o utilitarismo e suas afinidades eletivas com o individualismo, com o hedonismo como o *ethos*, em muitos

¹⁷Segundo a empresa global de serviços de saúde Cigna (NYSE: CI), quase metade dos americanos relatam sentirem solidão às vezes ou sempre (46%) ou admitem sentir-se deixados de fora (47%) e como tudo dentro do capitalismo, esse problema já tornou-se mercadoria, segundo reportagem do *El país* aplicativos como *A Rent a Friend*, *The People Walker*, ou a festa de abraços da Califórnia em que pessoas pagam cerca de 20 dólares para tocar umas nas outras sem intenções sexuais, já movimentam alguns lucros em cima do problema, como diz o título da reportagem “Compra[r] amigos e abraços na epidemia de solidão nos EUA ... já é um negócio.”

casos e a felicidade como obrigação (PERRUSI, 2015, p. 147), levando-nos a refletir sobre a frase do antropólogo Marshall Sahlins de que um “...povo que concebe a vida exclusivamente como busca da felicidade só pode ser cronicamente infeliz” (SAHLINS, 2004, p. 23).

A partir dos elementos elencados, torna-se mais claro a compreensão da hipótese de Perrusi da subsunção do sofrimento à dor, este último abordado com um sentido biológico - corpo, - enquanto o primeiro teria um sentido moral ou axiológico. O sofrimento reduzido à dor psíquica aparece como variante de uma dor física, como sintoma de um corpo doente, passível de medicalização e, assim, torna-se sem sentido em relação ao seu caráter existencial e aos significados do sofrer que são relativos à pessoa.¹⁸ Sofrer aparece como uma condição heterônoma que vai de encontro aos valores modernos e parece não remeter a ou reproduzir nenhum valor fundamental (PERRUSI, 2015, p. 153). Dado que no mundo do individualismo da velocidade e mudança constante não há tempo para o sofrimento, o psicotrópico pode ajudar a diminuir as suas sensações em relação ao corpo e à dor, sendo o método mais eficaz para eliminá-la em curto prazo e, portanto, o mais utilizado numa sociedade que pensa com o relógio na mão; contudo, ele não elimina o sofrimento (PERRUSI, 2015).

No âmbito da relação entre filosofia e psicanálise, o Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (LATESFIP) da Universidade de São Paulo (USP), em seu trabalho coletivo de três anos, propõe também uma abordagem crítica que trata precisamente de reinscrever as questões clínicas “... no interior do sistema de circulação de valores que compõem as várias esferas da vida social como um sistema de implicação constante” (SAFATLE, 2018, p. 11). Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior, Christian Dunker *et al.*, procuram compor um quadro amplo de referências para auxiliar na compreensão de patologias sociais, estas entendidas sob um esforço de recuperação/reatualização, – bem distante da concepção durkheimiana do corpo social como organismo doente e disfuncional ou saudável, – como categorias sociais que descrevem modos de participação social como *setores fundamentais de processos de socialização*. Conjectura que passa pelo entendimento das sociedades como sistemas produtores e gestores de patologias sociais, ou

¹⁸Segundo Perrusi, há ainda uma psicologização da socialização, no sentido de que haveria uma captura biológica e psicológica da noção de indivíduo e um esvaziamento do significado social da noção de pessoa, onde “... o sofrimento representa justamente o caminho da individualidade à subjetividade ou, ainda, ele interpela a pessoa, vista como indivíduo socializado - daí nossa ênfase no caráter existencial, logo, social e simbólico do sofrimento” (2015, p. 152).

aqueles sofrimentos compreendidos como permeados por um horizonte de valores e sujeitos a intervenções clínicas, que mobilizam formas específicas de gestão, pois deve-se ressaltar que nem todo sofrimento se torna uma patologia (SAFATLE, 2018).

Assim, ao compreender as patologias como “setores substanciais de processos de socialização” que pressupõe toda uma “gramática social do sofrimento” que provê ao indivíduo os meios de inscrevê-lo a partir de uma larga categoria de quadros oferecidos pelo saber médico da época, – posto que cada período histórico poderia ser lido através das patologias que faria circular e pelas que invalidaria, – os pesquisadores desnaturalizam as categorias clínicas e vão de encontro à crítica a natureza contraditória do *funcionamento normal das sociedades capitalistas e seus modos de gestão social do sofrimento* (SAFATLE, 2018). O grupo assim segue na esteira de trabalhos como da primeira geração da Escola de Frankfurt com o conceito de paranóia para tratar da natureza intrínseca de sociedades totalitárias e do narcisismo, para compreensão dos vínculos sociais nas sociedades ocidentais modernas, de um lado, e de Deleuze e Guatarri, de outro, que correlacionam esquizofrenia e capitalismo. Sendo todas elas categorias que mostram o seu potencial crítico, pois, levam “... à consolidação de demandas de transformação global das estruturas sociais” (SAFATLE, 2018, p. 29).

Outro trabalho que coloca como foco de análise as deformações do capitalismo contemporâneo é o de Corbanezi (2018), sociólogo brasileiro que procura tanto demonstrar a relação entre as demandas desse sistema e a evolução de determinadas nosologias, como os transtornos depressivos, em seu caso, que aparecem como o reverso dos valores requeridos pelo capitalismo e como uma antinomia, ao demonstrar que a teoria do capital humano desenvolvida pelos economistas neoliberais da Escola de Chicago tornou-se o princípio que rege todas as formas de comportamento no sentido de uma maximização produtiva constante baseada em uma racionalidade econômica que perpassa todas as esferas da vida social, se fazendo presente tanto no trabalho, quanto nas relações afetivas, familiares e até identitárias. A depressão seria, então, a falta desses atributos requeridos pelo capitalismo contemporâneo (autonomia, iniciativa, produtividade, competitividade) e a insuficiência para ou a dificuldade de realizar os princípios da racionalidade econômica hodierna, transformando essa antinomia em patologia passível de superação e readequação através da indústria farmacêutica (CORBANEZI, 2018).

Destarte, as abordagens que foram aqui brevemente percorridas, guardando todas as suas divergências teóricas, apresentam os sofrimentos psíquicos contemporâneos como produtos de amplos processos históricos (econômicos, sociais, políticos, culturais) que

desembocaram em novas configurações da individualidade e enquadrados enquanto patologias. Configurações e enquadres estes analisados sob vários aspectos, seja sob a forma do se viver em uma sociedade da autonomia (EHRENBERG, 2010) e ou de um excesso de positividade (HAN, 2017), seja pela via do individualismo e da (in)segurança ontológica¹⁹ (PERRUSI, 2015), ou ainda na figuração de um novo individualismo atrelado às mudanças socioeconômicas provocadas pela globalização (ELLIOT, 2018), bem como também através da ótica do próprio funcionamento normal da sociedade capitalista (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER et al., 2008; CORBANEZI, 2018). Esses autores aqui elencados, e os mais representativos do debate, procuraram desse modo ver os sofrimentos psíquicos contemporâneos atrelados às transformações históricas mais amplas no social.

O capítulo que segue procura apresentar um desdobramento das transformações elucidadas neste, com foco no desenvolvimento e disseminação de *Grupos de Ajuda Mútua* que lidam com processos sociais como a urbanização, industrialização, mobilidade geográfica e o individualismo moderno. Estes grupos tiveram um desenvolvimento especial a partir do século XVIII, em formações diversas, porém, os *Grupos de Ajuda Mútua* com a estrutura dos Alcoólicos Anônimos começaram apenas a se propagar na segunda metade do século XX e a tomar proporções expressivas em diversos lugares do globo, sendo uma forma nova de organização que aponta para transformações nas sociedades contemporâneas, posto que nelas “muito mais pessoas pertencem a grupos de autoajuda do que são membros de partidos políticos” (GIDDENS, 1994, p. 12).

¹⁹O conceito de (in)segurança ontológica usado por Perusi remete à noção de segurança ontológica de Giddens como já explicitado. Ele comporta processos de colonização do futuro e dos riscos relacionados à autonomia dos indivíduos frente às suas trajetórias e enquanto tomadas de decisões. A (in)segurança ontológica, assim, é um uso do conceito giddeaniano para situá-lo nas incertezas perante as escolhas e no rompimento de sua própria constituição.

Capítulo 2 - "Se você quer se curar, o problema é nosso": adentrando o universo dos *Grupos de Ajuda Mútua*

A ajuda mútua é considerada um dos mais significativos movimentos sociais contemporâneos *e simultaneamente um processo de ajuda interpessoal em grande expansão na atualidade* (MONTEIRO, 1996). Os grupos baseados na ajuda mútua são diferenciados em dois tipos básicos: o primeiro se constitui em torno de uma questão específica e trabalha exclusivamente com soluções para esta, com mecanismos de autoatenção, autonomia e utilização dos recursos próprios do indivíduo, como a dos Alcoólicos Anônimos (AA); e o segundo que, a partir de um problema, propõe não só utilizar as redes sociais e os mecanismos de ajuda mútua para solucionar a questão, mas os objetivos estão articulados com questionamentos de processos sociais, instituições, etc., e a mudança dessa realidade.

As associações de ajuda mútua tiveram um desenvolvimento especial a partir do século XVIII e principalmente do século XIX devido a dois processos sociais complementares, o processo de urbanização e industrialização gerado em certas sociedades europeias que darão lugar à criação de associações de diferentes tipos, especialmente de bairros e sindicais, e o segundo que corresponde a chamada ‘grande migração’ que fomentará a criação de clubes sociais até sociedades de ajuda mútua entre os migrantes (MENÉNDEZ, 2009).

Especialmente na segunda metade do século XX, os *Grupos de Ajuda Mútua*²⁰ do primeiro tipo elucidado começaram a se propagar e tomar proporções significativas em diversos lugares do globo.

²⁰O termo autoajuda utilizado por Giddens aponta para a diferenciação existente no debate das ciências humanas e sociais onde estes grupos ora são nominados como *grupos de autoajuda*, ora como *grupos de ajuda mútua* ou com uma dupla nomenclatura. Thomasina Jo Borkman (1999, p. 4, tradução livre) em seu livro *Understanding Self-Help/Mutual-Aid: Experiential Learning in the Commons* diferencia autoajuda de ajuda mútua, explicando que no primeiro caso *o indivíduo está tomando medidas para ajudar a si próprio, geralmente recorrendo a recursos internos latentes e poderes de cura dentro do contexto de sua experiência vivida com um problema ou situação difícil*. E, no segundo, indivíduos *se juntam para ajudar-se*

O fenômeno da disseminação de *Grupos de Ajuda Mútua* nos grandes centros urbanos brasileiros ocorreu nas últimas décadas, tendo o primeiro deles, os Alcoólicos Anônimos (AA), começado a atuar no Brasil em 1947. O número de adeptos aumentou nas décadas seguintes ao ponto de tornar o Brasil, um dos países com maior número de AAs do mundo, com boa recepção e expansão desses grupos de ajuda mútua, principalmente nas décadas de 60/70. Esses grupos se diferenciam de outros movimentos surgidos nessa mesma época que colocavam o “pessoal como político” e reivindicavam mudanças no social, dado que discutem problemas da vida íntima, mas não ultrapassam o *self* (MONTEIRO, 2016). Os grupos que apontavam para mudanças de cunho político-social, desse modo, surgiam como sendo uma forma nova de organização que assinala para uma transformação nas sociedades contemporâneas e para novas formas de solidariedade e de subjetividade.

Os estudos das ciências sociais sobre grupos de *Ajuda Mútua* no Brasil têm colaborado com a compreensão de suas dinâmicas, narrativas autobiográficas, modelos terapêuticos (CAMPOS, 2009), circuitos e redes de sociabilidade (BRUNELLO, 2018)²¹ que correspondem as mais diversas “problemáticas”. Os grupos de *Ajuda Mútua* remontam a experiência pioneira e bem-sucedida do modelo dos *Alcoólicos Anônimos* criado em 1935 nos Estados Unidos,

Em uma cultura e classe social que gosta de citar o versículo: “Eu sou o capitão do meu destino, sou o mestre da minha alma”. ...Para dar rótulos, era um meio cultural caracterizado pelo individualismo radical e pela

emocionalmente, socialmente ou materialmente. Desse modo, o autor utiliza-se do termo misto *self-help/mutual aid* como uma junção dos dois aspectos para tratar de grupos anônimos. Neste trabalho, utilizo o termo *Ajuda Mútua/Mútua Ajuda* na esteira de algumas pesquisas a respeito desses grupos e seguindo a própria definiçãoêmica do grupo de Neuróticos Anônimos (N/A), postado em 19/07/2011 no *Fórum de Mensagens* de N/A, que explica que não são “...um grupo de “auto-ajuda” e sim de “mútua-ajuda”, onde a troca de experiências é um fator importante em nossa recuperação.”

²¹Entre eles: Alcoólicos Anônimos, AI-Anon, Alateen, Comedores Compulsivos, Co-dependentes anônimos, Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, Devedores Anônimos, Emocionais Anônimos, Fumantes Anônimos, Introversos Anônimos, Narcóticos Anônimos, Nar-Anon, Jogadores Anônimos, Mulheres que Amam Demais Anônimas, Psicóticos Anônimos.

crença na inevitabilidade do progresso no nível do indivíduo e da sociedade (ROOM, 1993, p. 9).²².

Estes grupos surgiram nas profundezas da Grande Depressão²³, entre homens de classe média e meia-idade cujas vidas foram afetadas pela guerra. Nasceram assim em um momento em que o barco capitaneado pelo homem autodirigido da classe média encalhou nos recifes – e nas realidades conflitantes de uma depressão econômica estrutural (ROOM, 1993, p. 10, tradução livre). Room (1993, p. 10) explica que nesse contexto, a solução para o fracasso do sonho do *self-made man*, era encontrada em garrafas, pois “a garrafa poderia ser jogada fora, e o sonho restaurado²⁴.” O versículo supracitado, também se aplicava às mulheres à medida que as ideias feministas se espalhavam no início dos anos 1920, ou seja, surge também em um momento de mudança nas relações entre gêneros.

Nessas condições, o AA encarregou-se de uma agenda maior que a de simplesmente criar um programa que ajudasse a parar de beber no sentido puro e simples, assumiu a ideologia do individualismo radical e os padrões de pensamento que a sustentava, afirma Room (1993). “Pois nas novas condições sociais, a ideologia não era mais sustentável - tornou-se uma “doença da alma”.” (ROOM, 1993, p. 10, tradução livre) AA assumiu, assim, a ideologia individualista no nível da ideologia e é isso que configura a escolha de Bill W. do orgulho, egoísmo, como vícios do alcoólatra e da necessidade de esvaziamento do ego, da noção de que “eu posso fazer isso por mim”. Assim, tomou-se a ideia da necessidade de colocar a responsabilidade em um “Poder Superior” (*Higher Power*), que removeria o fardo do indivíduo, sem transferi-lo para outra pessoa ou para uma instituição (ROOM, 1993, p. 10). Porém, como elucida Room (1993, p. 10)

A forma particular de AA de “Poder Superior”, entretanto, veio de tradições protestantes radicalmente individualizadas: este era um Poder Superior, caracterizado pelo próprio indivíduo e falando sem mediação com o indivíduo. Como um remédio homeopático, a cura para a patologia

²² Tradução livre do original: “In a culture and a social class fond of quoting the verse, “I am the captain of my fate, I am the master of my soul”. ... To give it labels, it was a cultural milieu characterized by radical individualism and by a belief in the inevitability of progress at the level of the individual as well as of the society” (ROOM, 1993, p. 9).

²³A Grande Depressão ou Crise de 1929 foi uma crise econômica enfrentada pelos Estados Unidos que se espalhou pelo mundo capitalista.

²⁴Tradução livre de: “the bottle could be cast away, and the dream restored” (ROOM, 1993, p. 10).

do individualismo foi extraída do pensamento individualista. (ROOM, 1993, p. 10).²⁵

O AA surge, desse modo, em um contexto social específico relacionado ao individualismo moderno e a crise do capitalismo na década de 1930, e de forte processo de urbanização, adotando um programa que, enquanto se coloca como possibilidade de uma vivência cotidiana a partir de outros códigos de interação e subjetividade, nascido nas entranhas do individualismo, também traz consigo as suas marcas. Assim, torna-se claro as ambiguidades presentes neste grupo que será o pioneiro e o mentor do programa dos “12 passos” difundido para além dos Estados Unidos e de questões que envolvem o alcoolismo. Um desses grupos surgidos a partir do programa do AA, os Neuróticos Anônimos, configurado na década de 1960 irá incidir especificamente sobre os efeitos subjetivos que a vivência nesses termos configurou nos indivíduos.

2.1 *Neuróticos Anônimos (N/A): história, proposta e dinâmica do grupo*

O grupo *Neuróticos Anônimos* (N/A) se apresenta como uma *Irmandade*²⁶ voluntária formada por homens e mulheres que compartilham suas experiências para resolverem seus problemas emocionais comuns e se reabilitarem da doença mental e emocional. Na visãoêmica do grupo *neurótica é qualquer pessoa cujas emoções interferem em seu comportamento, de qualquer forma e em qualquer grau, segundo ela mesma o reconheça*²⁷ e, para ser membro, basta a autopercepção como neurótico/a o desejo de se recuperar e, em seguida, a busca por ajuda com algum grupo de N/A presente em todas as regiões do país e em diversos lugares do mundo.

²⁵Tradução livre do original: “AA's particular form of the "Higher Power", however, came from radically individuated Protestant traditions: this was a Higher Power characterized by the individual him/herself and speaking unmediated to the individual. Like a homeopathic remedy, the cure for the pathology of individualism itself was drawn from individualist thinking”.

²⁶No site há uma nota do revisor destacando que na maioria dos países de língua espanhola onde existem Grupos de N/A, a palavra empregada é **Comunidade**.

²⁷Para delimitar o que seria uma pessoa neurótica, o grupo coloca “o teste da Doença mental e Emocional” com dezoito questões e explicam que se você responder afirmativamente a qualquer uma delas há a possibilidade de você ser uma pessoa neurótica e se responder a duas ou mais é quase certo que você seja uma pessoa neurótica (Ver anexo 1).

Segundo consta em sites oficiais, o grupo surgiu nos Estados Unidos em 1964, através da adaptação da “literatura”²⁸ do AA para os problemas de ordem emocional por um membro recuperado desse *Grupo de Ajuda Mútua*. A partir da percepção de Grover Boydston de que sua dependência ao álcool era fruto de graves problemas emocionais e da constatação de que o trabalho dos *Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos* o havia ajudado a eliminar as “neuroses” que subjaziam ao seu alcoolismo, lhe ocorreu a ideia de que este programa poderia ser utilizado também por outras pessoas emocionalmente perturbadas que não fossem alcoólatras. O que o fez escrever aos AA solicitando permissão para usar os *Doze Passos* e substituir a palavra “álcool” por “nossas emoções” (ver anexo 3). Assim, com a permissão concedida, foi anunciado em um periódico de Washington D.C. o *Neurotics Anonymous* e organizada a primeira reunião dos que responderam a ela, sendo o grupo criado no dia 3 de fevereiro de 1964 em Washington D.C e logo se espalhando para outros lugares do país e do mundo.

No Brasil, o grupo começou a configurar-se em 1969, a partir da experiência da aplicação do programa do AA a um grupo de detentas do presídio feminino do Carandiru, da cidade de São Paulo, por Sonia Maria, com colaboração de Edita e Donald L. O grupo se destinava a todas que desejassem participar e acabou tendo a adesão de membros que não possuíam dependência alcoólica. Sonia, desse modo, no intento de ajudar essas mulheres, e ao encontrar um artigo sobre o trabalho de Grover, decide escrever solicitando informações sobre os *Neuróticos Anônimos* por ele fundado. Sua solicitação é logo respondida com envio de folhetos explicativos sobre a filosofia dos N/A e, com base nesse material traduzido, em abril de 1969, Sonia Maria decide fundar com as detentas que participavam das reuniões o primeiro grupo de N/A do Brasil. Em seguida, o grupo de *Neuróticos Anônimos* passou a ter como sede a casa dos fundadores, no entanto, como o volume dos serviços continuava a aumentar, foi criado em 1975 o primeiro escritório de serviços e, desde então, as sedes foram se espalhando pelo país.

Hodiernamente, o grupo está presente fisicamente em todas as regiões do Brasil, com mais de quatrocentos grupos em funcionamento²⁹, como também através do espaço virtual com um grupo online chamado *Caminho Novo*, que realiza reuniões e se constitui

²⁸Literatura é o nome dado por esses grupos aos livros de conteúdo filosófico e programático da Irmandade.

²⁹Em N/A não são cobradas taxas, nem mensalidades e as despesas do seu funcionamento são custeadas com o dinheiro proveniente das contribuições de seus membros.

como local de trocas de experiências e estudo.³⁰ Este grupo virtual possui ainda um *Fórum de Mensagens*³¹ que é um espaço onde os membros podem compartilhar a qualquer hora experiências com os demais em relação ao seu sofrimento e o processo de fortalecimento vivenciado por meio da aplicação do programa de *Neuróticos Anônimos*. Nesse grupo é possível escrever depoimentos de opinião que serão moderados, aparecerão na listagem e serão postados aos demais membros que optarem por receber as mensagens por e-mail. Porém, o grupo salienta que esses depoimentos não representam necessariamente a opinião de N/A, sendo um espaço de “desabafo” e partilhas aberto a qualquer um que tenha interesse, bastando solicitar através de um endereço de e-mail.

Segundo a visão êmica, o grupo não está ligado a nenhuma instituição religiosa, movimento político ou qualquer outra organização e nem a defesa ou oposição de alguma causa e, embora não tenha caráter religioso, aponta a necessidade da crença em um “Poder Superior” (P/S), como cada um o concebe, conforme anteriormente elucidado no surgimento do programa de AA. Pois, de acordo com o discurso oficial, será a crença na “existência de ‘Algo’ superior a si mesm[o]” que ajudará o indivíduo “a eliminar o egocentrismo” e o “egoísmo” que seria a causa da própria doença mental e emocional.

Para o N/A, assim, esta é a forma em que o indivíduo pode sair de si mesmo, do seu autoenvolvimento e do seu ‘eu’ sentido, - como explicitou Sennett (1988), - como um “fardo”. Esse “Poder Superior” dentro de N/A é caracterizado de maneira individual – *podendo ser as forças da natureza, os fenômenos naturais, o amor universal, outros sentimentos positivos, etc, desde que sejam superiores ao ser humano* – e parece ser o elemento estruturante desse programa.

Marcelo Roehe (2004), no âmbito da psicologia, a partir de entrevistas com integrantes de N/A em Porto Alegre (RS) sobre o seu processo de “recuperação”, elucida

³⁰Nesse grupo há uma sala virtual onde acontecem reuniões em dias e horários definidos da semana. Esta sala virtual está organizada em dois eixos: os dias de estudo e debate da literatura, e os dias de terapia com um tema definido na hora. Nos dias de estudo a reunião divide-se em dois momentos: o primeiro, de 5 minutos, para cada um escolher a frase ou a palavra da “literatura” que mais lhe chamou atenção e relacioná-la com sua vivência ou para responder e realizar perguntas concernentes ao livro; e, o segundo, onde cada um tem 10 minutos para dar um depoimento com tema livre. Os dias de terapia são considerados dias de partilha em que os membros, mediados por um coordenador, poderão dar depoimentos sobre o sofrimento vivido e o processo de recuperação a partir do N/A. São realizadas na quarta-feira das 20h às 21h (estudo), 21 às 22h (terapia), sexta-feira das 20 às 22h (terapia), sábado: 19:00 às 21:00 (terapia) e domingo: 15:00 às 16:00 (estudo) e 16:00 às 17:00 (terapia), no horário oficial de Brasília.

³¹Para ter acesso basta realizar um cadastro no *BrasilChat*.

que encontrou uma relação intrínseca entre este processo e a experiência religiosa. Informa ainda que, muitas vezes, se confundem: sendo a religião vista como um requisito para a cura, reabilitação e recuperação, tal como colocado pelos membros de N/A baseados em termos médicos de patologização da neurose. Indica também que a dinâmica de apoio mútuo do grupo se baseia na doutrina judaico-cristã e nos seus valores e preceitos, por isso, o interesse do autor em compreender a relação entre religião e saúde mental.

O autor, porém, não aborda a relação com a individualidade contemporânea e, mesmo diferenciando religiosidade e espiritualidade, acaba por delimitar o que foi critério até mesmo da criação dos AA's, dissidência dos grupos Oxford, que estavam entre os movimentos de temperança e tinha como base o cristianismo. Enquanto os *Alcoólicos Anônimos* tinham como esboço características mais progressistas e contemplavam indivíduos que tinham outras filiações religiosas (SILVA, 2016).

Um dos coordenadores de divulgação do AA, de onde deriva o programa de N/A, explica que “cada um o interpreta como quiser. Para alguns, esse ser é o próprio AA.” Essa afirmação remete a discussão que Durkheim (2003, p. XVI) trava em seu livro *As formas elementares da vida religiosa*, no qual procura compreendê-la como “uma coisa eminentemente social” que traduz alguma necessidade humana, seja individual ou social, e que, na sua perspectiva, corresponderia a necessidade do “cimento moral” da vida humana.

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidade coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desse grupo (DURKHEIM, 2003, p. XVI).

Desse modo, o que garantiria o sentimento de uma existência superior e ‘segura’ ontologicamente seria a própria sociedade. Isso na medida em que ao participar de um modo de sociabilidade, o indivíduo ultrapassa a si próprio, “seja quando pensa, seja quando age”, dado que o social agrega a força criativa e as vastas sínteses de consciências completas que ela produz (DURKHEIM, 2003).

O N/A (1996) afirma, sobre o seu próprio princípio, que é necessário que seja admitido “... a existência de ‘Algo’ superior a si mesm[o]”. É esta admissão a uma força superior, destarte, que irá ajudar o indivíduo “a eliminar o egocentrismo (tão acentuado nos doentes emocionais)”.

Para o grupo *Neuróticos Anônimos*, assim, a causa e a própria doença mental e emocional são provenientes do “egoísmo” inato dos homens e mulheres. De acordo com a

“literatura”, é a extrema preocupação consigo mesmo (egocentrismo) nos mais variados âmbitos da vida que leva à doença e ao desconforto. Desse modo, percebe-se que a mudança na sociedade Ocidental moderna, aludida pelo sociólogo norte-americano Richard Sennett, acerca dos problemas de ser viver na “era da subjetividade” e do narcisismo aparecem diagnosticadas pelo N/A em forma de “egoísmo” inato.

Parafraseando uma frase célebre de Marx³², diríamos que a religião, para além do Sol ilusório que gira em torno do homem, enquanto ele não gira em torno de si mesmo, pode ser na verdade o suspiro de um indivíduo cansado de si, cansado de girar em torno de si mesmo, não tendo nada de ilusório, dado que esse ser que se eleva é a própria sociedade e no caso de N/A, a *Irmandade* (o Poder Superior). Como informa o grupo, esse “Poder Superior”, pode ser “... a força da gravidade, por exemplo, ou o movimento dos átomos, a evolução, o amor entre os seres humanos, qualquer coisa enfim, não importa qual seja” (NEURÓTICOS ANÔNIMOS, 1966/1996).

Assim, como expressa João Trois (1998, p. 10) em sua leitura antropológica do dispositivo terapêutico dos *Neuróticos Anônimos*, do mesmo modo em que os indivíduos procuram o grupo N/A por vivenciarem, em algum nível, uma ruptura na relação indivíduo e sociedade³³, encontram nele, na solidariedade entre os membros e no sentimento de pertença à comunidade N/A, a possibilidade de “cura” para sua própria “doença” mental e emocional, caracterizando uma modalidade de “cura” pelo social. Em suas palavras:

A “cura” deve passar necessariamente pela relação com o grupo, ao produzir a dimensão de solidariedade e sentimento de pertença ao mesmo. Será necessário aos participantes que voltem a viver em sociedade sobre um outro patamar que não mais o individual (TROIS, 1998, p. 10).

Silva (2016), na sociologia, com uma dissertação bastante interessante sobre o grupo, o compreende também a partir de transformações sociais mais amplas que emergem principalmente a partir da década de 1960, e coloca em foco o processo de individualização. A autora ancora-se bastante em Claude Dubar (2009), sociólogo que

³² “A religião é apenas o Sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não circula em torno de si mesmo” (MARX, 2005, p. 46)

³³Essa ruptura vivenciada, como foi elucidado a partir da teoria eliasiana, ou esse processo de individualização crescente, muitas vezes é refletido pelo indivíduo como um vazio existencial entre um ser humano e o outro, ou como o eterno choque entre indivíduo e sociedade (ELIAS, 1994).

discute a crise das identidades na França, e procura ressaltar, a partir de sua etnografia sobre três grupos de N/A de São Paulo, o papel desempenhado pela instituição no processo de socialização dos seus membros e, de maneira mais ampla, a transformação que sofreu o papel das instituições na contemporaneidade, posto que não mais determinariam os rumos dos destinos individuais, mas, (a exemplo dos N/A) seriam uma dentre tantas outras que conjugadas influenciam o trilhar solitário de cada um.

A autora percebeu que os que procuram a ajuda da associação ingressam utilizando-se de uma “gramática psicológica” para falar sobre os seus sofrimentos, e possuindo mesmo certa inibição e dificuldade de comunicação. Um tempo após o ingresso, passam a abandonar o discurso psicologizante em troca do léxico moral típico do grupo. Léxico moral este utilizado largamente pelos veteranos, os quais o mobilizam para tratar de suas experiências pessoais e traduzi-las em narrativas a serem compartilhadas ao grupo (SILVA, 2016).

Esse aprender a falar de si a partir de uma outra ótica, isto é, a do comprometimento com a “recuperação” e o projeto individual, ao possibilitar uma redefinição do ‘eu’, daria sentido a trajetórias de vidas que estão constantemente vivenciando mudanças ou passíveis delas a todo momento, pois, os indivíduos que embarcam nos quadros dos N/As, no momento atual, parecem viver em uma crise de identidade crônica³⁴ (SILVA, 2016).

O ponto fulcral que eu gostaria de trazer à baila se encontra nas ambiguidades presentes no grupo que a socióloga Silva soube bem ressaltar em seu trabalho, e que decorre da própria dinâmica social traçada que elucida as dificuldades de se viver na balança desequilibrada do individualismo contemporâneo³⁵ e na esteira de uma positividade extremada (HAN, 2018). De acordo com a pesquisadora, o grupo ao colocar nas próprias mãos a “recuperação” e aliviar esses indivíduos cansados também explica que

³⁴A crise crônica de identidade é estendida pela autora comentada ao momento atual das transformações da sociedade neoliberal contemporânea. Mas a sua análise de mudança de ótica de perceber a si mesmo, individualmente, se refere aos quadros em processo de entenderem-se no interior do “léxico moral” dos N/As.

³⁵Como exposto no capítulo anterior, o individualismo pode ser apreendido através de uma dupla abordagem, aparecendo, de um lado, como ponto de libertação das influências das forças objetivas e desvios históricos e do controle exercido por círculos sociais menores que antes restringiam o raio de perspectivas do indivíduo (SIMMEL, 2010); de outro, “como produtor de situações de desagregação e anomia sociais, rompendo com valores e redes de reciprocidade e de atuação pública” (VELHO, 2000, p. 21). A balança desequilibrada estaria longe da primeira possibilidade e mais pendida para a segunda.

este mesmo grupo exige um comprometimento individual que implica a ideia de que você é autor da sua própria vida e tem liberdade de escolher o grupo e de permanecer nele. Ao, assim, optar em permanecer e, seguindo e praticando a “literatura” e o léxico moral do grupo, você pode alcançar a “cura” emocional.

Nas palavras de Silva (2016, p. 133)

O grupo *Neuróticos Anônimos* propõe a libertação do indivíduo por meio de sua participação no grupo, afirmando que sozinho ele não conseguirá superar seus problemas. Entretanto, é o participante quem deve assumir o compromisso pessoal pela própria recuperação, o controle sobre as suas aflições, a gestão das emoções e afetos, o controle da própria vida.

Como assentado na frase que introduz esse capítulo, e que faz parte do léxico moral desses grupos, se você não quiser ajuda o problema é seu, mas se você quer, o problema torna-se da *Irmandade*. No entanto, você deve assumir de forma ativa a participação na mesma, como projeto individual com apoio coletivo.

Assim, Silva (2016, p. 133) complementa que “o membro precisa aprender a reconhecer a importância do grupo, dos outros, para assumir-se como indivíduo.” Alude, assim, ao que foi exposto por Elias (1994) sobre a necessidade de se reconhecer o ‘nós’ existente em nossa própria configuração e de sua importância para confeccionar a nossa própria individualidade. Silva (2016, p.134) assenta, destarte, que os N/As aparecem como uma dentre diversas outras instituições existentes escolhidas pelos indivíduos “... das quais participam e pelas quais são socializados ao longo da vida, por certos períodos, para resolverem determinados problemas e não outros”.

A grande flutuação do número de participantes³⁶ e os poucos adeptos antigos e com longevidade, segundo a autora, pode se dever às próprias ambiguidades presentes na *Irmandade*, dado que o aprendizado do programa implica duração de seus membros e também o próprio fundamento da autonomia quanto à participação nos grupos, o que fragiliza a continuação dos que se apresentam a ela, isto é, os cansados da sociedade da autonomia (EHRENBERG, 2004). Como vimos com Wirth (1967, p. 104), o indivíduo urbano é aquele que flutua entre os mais variados aspectos de sua vida; ele participa de vários grupos de interesse que funcionam apenas como um segmento de sua personalidade

³⁶Silva ressalta também a flutuação entre grupos de ajuda mútua, o trânsito entre eles, levando um indivíduo há um dia estar no MADA, Mulheres que Amam Demais, no outro estar nos comedores compulsivos, etc., ao sabor de suas aflições e as interrelações entre os vários problemas ao longo da vida.

e que pode deixar de aderir a qualquer momento, não construindo vínculos duradouros, daí a grande flutuação em N/A, prática tipicamente urbana e moderna.

Diante do exposto, percebe-se que as escassas pesquisas sobre os *Neuróticos Anônimos* no Brasil foram realizadas em alguns grupos N/As nas cidades de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Curitiba e São Paulo, respectivamente, - em seus campos acadêmicos específicos, e com perspectivas diversas, - procuraram compreendê-los em sua dinâmica, proposta e processo de fortalecimento pessoal (TROIS, 1998; MONTEIRO, 2002; ROEHE, 2004; GONTARSKI, 2009; SILVA, 2016). Os trabalhos de Trois (1998), Monteiro (2002) e Silva (2016) abordaram mais enfaticamente o processo de individualização em curso e a transformação que sofreu o papel das instituições para os indivíduos na contemporaneidade. Segundo os pesquisadores, a partir das etnografias foi possível perceber que os indivíduos que procuram os grupos de ajuda mútua de N/A parecem ter vivenciado, em algum nível, uma ruptura na relação indivíduo e sociedade e encontrado nos N/As, na solidariedade entre os membros e no sentimento de pertença à *Irmandade*, a possibilidade de fortalecimento pessoal e de uma vida que se coloca deste então “sobre um outro patamar que não mais o individual”³⁷ (TROIS, 1998, p. 10).

Entretanto, não foram encontrados trabalhos centrados no campo etnográfico na *Internet*. Devido a essa lacuna e pela escassez de pesquisas a respeito desse grupo de ajuda mútua, - bastante expressivo e com um trabalho longo no Brasil, - foi tomada como o objeto principal de pesquisa a vastidão de material empírico que possui a *Irmandade*, com foco no *Fórum de Mensagens* (FM). Como fonte secundária se utilizou o *chat online*, os depoimentos existentes na revista de publicação trimestral *Novos Horizontes* e nos sites oficiais. Assim sendo, foi utilizado o método de netnografia ou etnografia virtual (HINE, 1994), para coleta e análise dos dados. A netnografia ou etnografia virtual como método de pesquisa etnográfica virtual consiste em “pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online” (KOZINETS, 2002, p. 61-2), e cujo espectro vai desde uma participação ativa até a observação silenciosa nos grupos pesquisados, garantindo todos os procedimentos éticos. A partir do material coletado no campo etnográfico virtual – o

³⁷O que parece ser um dado comum aos grupos de autoajuda/ajuda mútua. Ver, por exemplo, a análise feita por Koury (2006) sobre um grupo de autoajuda entre jovens moradores em bairros periféricos da cidade de João Pessoa, onde a entrada no grupo pressupõe uma modificação no modo de se ver individual de cada membro e no estilo de vida vivido até então. Transformação esta que, dentro do léxico moral do grupo funciona como um estímulo à autoconfiança individual de cada membro agora integrado à uma lógica maior comunitária.

Fórum de Mensagens do grupo virtual N/A, universo deste estudo - foi possível aprofundar uma dimensão empírica que ajudou a elucidar, discutir e analisar um ponto crucial da Teoria Social, a partir da análise dos N/As, qual seja, os novos arranjos da individualidade contemporânea, os quais aparecem na dimensão de uma cultura urbana, no caso, a brasileira atual.

Capítulo 3 – Sofrimento psíquico no espaço virtual de N/A

Os sofrimentos psíquicos nas ciências sociais, e aqui, em especial, na Antropologia e Sociologia das Emoções, são apreendidos como uma subcategoria do conceito mais amplo de sofrimento social, o resultado de danos devastadores que a força social inflige à experiência humana (KLEINMAN; DAS; LOCK, 1997).³⁸ No caso aqui analisado, produto das novas configurações na individualidade mobilizados nas sociedades complexas.

Neste debate sobre as novas configurações da individualidade e suas interrelações com os sofrimentos psíquicos contemporâneos, o(s) individualismo(s) aparecem como uma chave analítica importante para se compreender as tensões do indivíduo moderno. O individualismo contemporâneo aparece como dimensão fundamental de uma cultura urbana (VELHO, 2000, p. 18), dado a relação bastante próxima existente entre o processo de urbanização das sociedades e o desenvolvimento das ideologias individualistas, para além de outros fenômenos substanciais correlacionados como a expansão do capitalismo.

Com a complexidade que perpassava as transformações em quase todas as fases da vida social trazidas pela urbanização do mundo (WIRTH, 1973), vão surgindo trabalhos sociológicos e antropológicos que tomam a cidade e a realidade urbana enquanto objeto de pesquisa a partir do final do século XIX e início do século XX. Georg Simmel (1973; 1998) foi um dos primeiros a teorizar sobre o impacto da vida moderna na transformação da subjetividade dos indivíduos nas grandes cidades, e como estas influenciam em sua vida mental. Logo após, influenciados pela perspectiva teórica simmeliana, os integrantes da Escola de Chicago, construíram uma teoria sociopsicológica do urbanismo que aborda o modo de vida e de relações intersubjetivas nas metrópoles a partir da ótica da impessoalidade e da racionalidade (PARK, 1973; WIRTH, 1973).

Esses teóricos procuraram apresentar a cidade em seu mosaico de mundos sociais e as modificações que operaram sobre o caráter das relações sociais. Os estudos sobre a

³⁸Tradução livre de: “an assemblage of human problems that have their origins and consequences in the devastating injuries that social force can inflict on human experience.” (KLEINMAN; DAS; LOCK, 1977, p. IX).

cidade norte-americana de Chicago serviram de laboratório para a análise das grandes transformações que estavam ocorrendo a partir da lógica da modernização e crescimento urbano local. Assim, por um lado, notaram e analisaram o indivíduo citadino que, se teria ganhado em grau de autonomia, liberdades individuais e desprendimento de controles pessoais e emocionais de grupos íntimos, teria perdido, por outro lado, em certo grau, o senso de participação comunitária, moral e sofrido um enfraquecimento nos vínculos sociais duradouros (WIRTH, 1973). É essa relação tensa que, de certo modo, se apresenta no *Fórum de Mensagens* virtual da Irmandade N/A analisada nesse trabalho, isto é, como um mal-estar diante da falta de vínculos, da solidão, do isolamento, das interações travadas dentro de uma ótica impessoal, como explicam os membros de N/A nos depoimentos abaixo:

...não tenho nenhum amigo na cidade onde moro atualmente. Ninguém para conversar. Mas achei que escrever me aliviaria um pouco. Não sei se é permitido, mas se alguém quiser me escrever pra conversar, posso passar meu e-mail. Paz a todos (Ricardo, depoente do FM).

Procurei uma reunião para ir, mas não encontrei aqui na minha cidade. Eu preciso de ajuda de conversar. O peso do Mundo está sob mim e eu desabando. Sinto que vou morrer a qualquer segundo (Luan, depoente do FM).

Luan indica que não há o grupo presencial de N/A em sua cidade, o que também é citado de modo expressivo por outros usuários que se utilizam desse espaço virtual. Assim sendo, o espaço virtual dos N/A é usado como forma de suprir a lacuna da não presença dos N/As presenciais em várias cidades brasileiras. O que, de um lado, amplia a rede N/A atingindo uma grande parcela de pessoas que ficariam de fora do seu núcleo. E, de outro lado, permite essas pessoas em situação de sofrimento psíquico poder falar (escrever) sobre os seus sofrimentos, dado que o depoente afirma necessitar “de ajuda de conversar”. Como Ricardo assentou, sem o *Fórum de Mensagens* virtual ele não teria ninguém para conversar na cidade que mora atualmente.

Luciana, em seu depoimento, por sua vez, elucida bem a ideia contida na discussão simmeliana:

Meu objetivo é me mudar para uma cidade pequena, preferencialmente de clima mais ameno, onde possa passar a minha velhice em um ambiente

mais humano. Cansei da grande metrópole. Gostaria de abrir uma sala de N/A nessa cidade pequena, caso ainda não houvesse uma. Frequentar a minha religião e, acima de tudo, procurar ter um convívio mais próximo das pessoas (Luciana, depoente do FM).

Assim, ao dizer-se cansada da metrópole, ou do impacto desta na vida mental e emocional de seus habitantes, Luciana explica que deseja ter um convívio mais próximo das pessoas e viver em um ambiente mais humano, ou mais pessoalizado. O seu depoimento, assim, vem aqui como um reforço a hipótese central deste trabalho, e também dos achados analíticos dos autores supracitados da Escola de Chicago de que as relações no individualismo metropolitano do mesmo modo que possibilitam libertar-se de relações engolfadas (SCHEFF, 2016), também seriam causadoras de mal-estar e sofrimento para alguns.

Nas modernas sociedades o individualismo parece pesar a balança para o lado do “Eu” em detrimento do “Nós”, como ponderou Norbert Elias (1994). E, nessa mudança de peso, ocasionar uma incompreensão em torno dessa relação, levando o indivíduo a abrandar e quase apagar a presença do *Nós* em sua própria configuração individual, o que causa sofrimento social e psíquico, já que a balança eu-nós, na análise eliasiana, é completamente indissociável e interdependente de relações intersubjetivas dos indivíduos que dela fazem parte.

Do mesmo modo, causa medo e estranhamento em relação ao outro individual e coletivo (a multidão, por exemplo), debilitando a rede de relacionamentos, e ampliando o que Durkheim chamou de egoísmo. Volta para dentro de si e aumento exagerado do si mesmo vistos aqui como universo e motivos para a ação, em que o indivíduo é isolado dos outros (SCHEFF, 2016) pela cultura egoística alterada pela cultura do medo do outro, e no aprofundamento da dor individual e do sofrimento social sentidos como solidão, medo do fracasso, necessidade de conversar e ter receio de se abrir, aumento do pânico social e do sentimento de depressão continuada, etc..

Elias explica que o processo de individualização crescente teria levado a encapsulação das relações entre os indivíduos e ao isolamento, processo por ele chamado de *homo clausus*. Isto é, nesse processo, o *Eu* desprovido do *Nós* é fruto da autoconsciência moderna e se apresenta a si mesmo e para o outro como um indivíduo fechado em si mesmo, sem relação com os outros, independente. O estudo de Durkheim sobre o suicídio³, como indica Thomas Scheff (2016, p. 119), elucida bem essa ideia, onde “Durkheim

chama de egoísmo (independência) e altruísmo (dependência): grupos em que os relacionamentos são demasiadamente orientados em direção ao ego (o Eu-próprio) ou exageradamente orientados no sentido da conformidade com o grupo (o Nós-próprio)”.

Assim, com o processo de individualização crescente e a incompreensão que se desenvolve em torno dele, se desenvolve cada vez mais o aumento sobre o controle geral dos afetos e a privatização das emoções. A ideia de *Processo Civilizador* de Norbert Elias e de “ofensiva civilizadora” restringida a uma análise das intervenções na vida de certos grupos, com o objetivo de incutir maior autocontrole (REGT, 2017, p. 150-1), desse modo, conformam uma perspectiva interessante para se refletir sobre o grupo N/A aqui analisado, dada a configuração da *Irmandade*, e de acordo com o discurso oficial do grupo, para incutir um maior autocontrole aos seus membros que sofrem de uma certa “impotência” para lidar com as suas emoções. Vide, nesse sentido, o primeiro passo do programa dos Doze Passos dos Neuróticos Anônimos: “Admitimos que éramos impotentes perante nossas emoções – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas” e o lema do grupo “Só por hoje evitarei o descontrole emocional.”

No espaço virtual esse tema é recorrente entre os depoentes. Está presente na totalidade (ou quase) das narrativas que expressam o descontentamento no fato de não ter suas emoções sob controle e pelas ingerências que as mesmas acarretam em suas vidas.

Como pode ser visto nos relatos de usuários do espaço virtual aqui analisado:

De fato, não é fácil termos nossas emoções sob controle! Nosso emocional é como um cavalo selvagem que tentamos domar! Às vezes, acreditamos que estamos com ele firme nas rédeas, mesmo que isso nos exija grande esforço, como se fosse físico mesmo, afinal o cavalo é arredo! (Edmundo, depoente do FM).

... Tenho a convicção de que a minha incapacidade em controlar as minhas emoções é a guerra que enfrento sozinho desde criança. Vejo minha carreira se prejudicar em diversos momentos devido crises de ansiedade, medo entre outras que esporadicamente me tomam por completo. Sei que possuo um potencial e até tenho clientes satisfeitos com minha atuação, mas em alguns casos minha situação emocional me causa fracassos que mesmo sabendo que podem acontecer não consigo encontrar forças para enfrentar... (Rafael, depoente do FM).

Minhas emoções mudam muito rápido todos os dias. Tenho vergonha de ser assim, e me afasto. Nunca falei aos meus pais e finjo o máximo que está sempre tudo bem, mas a maioria eu fico sozinha no meu quarto. Me sinto culpada, e não sei o que fazer. Preciso de ajuda. (Luana, depoente do FM).

Sinto vergonha e medo de nunca ter controle sobre minhas fraquezas. Não consigo parar de chorar e só queria ser esquecido por uns dias, pelo mundo. Obrigado N/A por tudo, ler os relatos de vocês sempre me faz entender que não sou um monstro e que não estou sozinho. (Júlio, depoente do FM).

Neste sentido, o argumento de Scheff de que “o processo civilizador se organizou de forma a consolidar uma cultura emotiva de repressão da vergonha e de invisibilização de signos de fracasso e falência individual” (KOURY; BARBOSA, 2016, p. 13) torna mais claro o entendimento das narrativas acima citadas que colocam o medo do fracasso, a dificuldade em “domar” as emoções - que aparecem em seus depoimentos, - como o elemento disruptivo e como vergonha de seu descontrole.

O que indica a perspectiva de que *o self ocidental opera em uma espiral de vergonha da vergonha e de privatização das emoções e da subjetividade* (p. 14). O avanço no autocontrole e nesse limiar da vergonha, faz com que esses atores sintam imenso desconforto quando no jogo interacional se veem diante do que é considerado um “descontrole emocional”. Ao pesquisar a palavra *vergonha* no Fórum de Mensagens, percebe-se o quanto essa emoção é importante na construção da sociabilidade desses usuários que expressam recorrentemente a vergonha de sentir o que sentem, a vergonha do fracasso (GOFFMAN, 2014)³⁹, a vergonha “como um medo social em relação a uma ameaça de rompimento de um vínculo social determinado” (KOURY; BARBOSA, p. 17).

De tal modo, compreendendo a vergonha e o medo, a partir da antropologia e da sociologia das emoções como “uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causado pela interação com outros em um contexto e em uma situação social e cultural determinados,” (KOURY, 2009, p. 84) e dado os processos que permeiam as interações, as narrativas coletadas nos diversos depoimentos no *Fórum de Mensagens* (FM) virtual do grupo analisado, parecem apontar para a tese de que em uma sociabilidade perpassada pela ideologia do individualismo, a vergonha e a interdependência são negadas e reprimidas e

³⁹Sobre a análise do fracasso na obra de Goffman, ver Koury (2019).

tornam-se tabus sociais (KOURY; BARBOSA, 2016), não obstante o seu silenciamento na modernidade. No FM, a vergonha é colocada como mal-estar por estar imerso em códigos mais individualistas de intersubjetividade e autopercepção e, por “ser assim”, como expressa Tamires:

...E, resumindo a história porque se continuar assim vira livro, tenho esses problemas até hoje, tenho 29 anos... não consigo ter um convívio social saudável, não tenho amigos de longa data, são sempre novos e recentes e só duram até eu chegar no meu limite e me afastar deles... é muito triste isso e morro de vergonha de ser assim, mas ainda não consegui mudar isso em mim. (Tamires, depoente do FM).

Tamires informa que não consegue ter um convívio social saudável, que não tem amigos de longa data, e os que ela possui são sempre novos e recentes e não duram muito, logo chegam ao limite e se afasta deles. O que indica que o lema “não há longo prazo” é típico de sociedades permeadas pelo individualismo moderno como dimensão de uma cultura urbana, onde a flutuação de amizades, - como informada pela depoente, - ou nas flutuações e precariedade nas relações de trabalho, - como analisado no livro *A corrosão do caráter*, de Sennett, e nos vários âmbitos da vida dos indivíduos. Estas flutuações e precariedades assim são práticas constantes no ir e vir das cidades contemporâneas. E os mal-estares são próprios das mudanças que vem se operando na sociedade ocidental, e brasileira, aqui particularmente, nas últimas décadas. Tamires, então, sente vergonha de sentir-se assim, posto que se sente e se entende como sozinha em suas emoções.

Essa autoconsciência moderna já trabalhada no primeiro capítulo, com Elias, assim, obsta o entendimento de que a vergonha implica ver a si mesmo do ponto de vista dos outros, em que o “Nós” da constituição individual funciona como um giroscópio moral e, assim, “o constrangimento e o embaraço próprios da copresença são processados como um enorme desconforto a ser manejado pelo ator social engajado em amplas cadeias de interdependência e em situações de desorganização normativa” (KOURY; BARBOSA, 2016, p. 14). Uma depoente expressa de maneira singular o desconforto da copresença que precisa ser manejada pelos atores:

Hoje sei com absoluta certeza que eu vivo **como se eu estivesse amarrada a um elástico... que me faz subir e despencar conforme me sinto querida pelas outras pessoas ou conforme me sinto abandonadas por ela.** Horrível e sem sentido viver assim. Uma hora

quero fazer tanta coisa... outra hora quero morrer. **Leio os relatos às vezes ... e fico pensando... quanto sofrimento por todos os lados... porque tantos desencontros?** (Depoimento existente no Fórum de Mensagens (FM) de N/A).

A tese de se viver como amarrado a um elástico que a faz subir ou despencar conforme o caráter das relações estabelecidas com os outros, mostra o impacto que tem as interações entre os indivíduos em seus cotidianos, para além da própria formação emocional e individual a partir do ‘Nós’, como colocou Elias. Interações e vínculos afetivos calcados em códigos mais individualistas de intersubjetividade e autopercepção causam sofrimentos psíquicos por todos os lados, - como informa a depoente, e, do mesmo modo, muitos desencontros, no sentido do destecer constante dos vínculos com os outros e, de forma ambivalente, do sentimento de falta do outro ou do encontro com um outro imaginário que a preencha e a acolha como pessoa, aumentando a dor social e individual pela carência de vínculos e não saber como chegar ao outro ou ter receio de ser usada ou passada para trás. Conforme Scheff (2016, p. 181) a partir de Charles Cooley, a intersubjetividade tem sido tão naturalizada, até o ponto de sua invisibilidade, que muitas pessoas mal percebem que se preocupam com o monitoramento e o julgamento do outro, de modo que quando se abatem à falência ou a desgraça, percebem logo que estavam vivendo na mente dos outros sem o perceber.

Como informa Mead (1972), a “persona” se origina a partir de um desenvolvimento que surge no processo da experiência e da atividade social, na relação do indivíduo com os outros. O desenvolvimento da persona (mente) e a consciência da persona (persona, self, indivíduo social) ocorrem a partir do social e manifesta-se diversamente de acordo com cada situação específica, e assume diversos papéis nas relações entre os indivíduos. Assim, as personas só podem existir a partir de uma relação com as outras. O conto *O espelho* de Machado de Assis (2010) narra o caso em que o protagonista quando se vê subitamente afastado e isolado dos vínculos sociais, não consegue mais ver a sua imagem refletida no espelho. O conto machadiano demonstra assim o papel que têm os outros na preservação das identidades individuais, além da sua própria formação pessoal e social.

Por sua vez, o indivíduo, ao se encontrar em um mundo imerso nos códigos mais individualistas que aparecem enquanto dimensão de uma cultura urbana e que denotam uma subjetividade caracterizada pela internalização do sofrimento, privatização das emoções, distanciamento, indiferença etc., e de uma cultura emotiva específica que emerge

como produto das transformações advindas da modernidade, caracterizada pelo esgarçamento dos laços, fragmentação das relações sociais (KOURY 2001; 2005; 2008) e no pujante isolamento, se vê ilhado. Se enxerga solitário, com dificuldades e medos de inclusão e de vínculos com os outros. Ao mesmo tempo em que se avista como em ser dividido entre dois mundos (interior e exterior), como bem explicitou Elias (1994).

Jacobina, personagem do conto *O espelho*, apesar do dualismo existente em sua fala, explica que: “cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...” (MACHADO DE ASSIS, 2010, p. 33). Pensando eliasianamente, para o *homo clausus* há somente a primeira “alma”, a do “eu” isolado, submerso no interior de um invólucro, incompreendido e incomunicável que olha de dentro para fora. Assim, esta concepção ou incompreensão em torno do processo de individualização já discorrido, torna obscuro o fato de que ainda que as aceitações passivas de toda conjunção de regras sociais tornem inautêntica a existência de um indivíduo - o que não se dá na realidade, pois, os indivíduos não se encontram numa prisão lúgubre determinista, mas, em um palco com atores vivos, como explana muito bem Berger (1972) em suas *Perspectivas Sociológicas*: deve-se cravar com letras de fogo, que só é possível a autenticidade dentro da vida em sociedade (BERGER, 1972). A individualidade só é possível para o indivíduo que cresce no seio social.

Em que, visto em um determinado modo interpretativo, no caso o eliasiano (ELIAS, 1994, p. 103), o indivíduo se apresenta de um lado, *imerso em um processo de individualização crescente, que faz parte, de modo simultâneo, de outro lado, de um processo civilizatório determinado*. Dupla imersão que aparece nas reflexões individuais das pessoas como um vazio existencial entre um ser humano (a sua alma interior) e o outro ‘eu’ (as forças sociais que o impelem e dirigem sua vida através da relação externa do conjunto de papéis e status sociais), ou como o eterno choque entre indivíduo e sociedade (ELIAS, 1994, p. 103).

Entretanto, para se compreender a totalidade da relação entre indivíduo e sociedade que se apresenta como duas entidades ontologicamente diferentes na Teoria Social e superar o estabelecimento de impérios do sujeito e do objeto e o abismo mental que esse ardoroso embate valorativo compõe, Norbert Elias propõe voltar o olhar para o termo “rede” e o objeto que deriva o conceito. Sendo a ideia de rede assim só compreensível em termos da maneira como os fios se ligam, e de sua relação recíproca. Elias indica, porém, que essa ideia pode vir a se tornar em um modelo estático se a ideia de rede não estiver contida em um processo.

Para este autor, assim, a relação pode ser mais bem entendida ao se imaginar a rede em constante movimento, como um tecer e destecer ininterrupto de ligações (ELIAS, 1994). Abordagem que coloca em foco o caráter processual e dinâmico das redes estabelecidas pelos indivíduos e a necessidade de modelos conceituais que permita tornar compreensível no pensamento o que é vivenciado diariamente na realidade cotidiana em jogo permanente individuais e grupais (ELIAS, 1994, p. 16).

3.1 O Fórum de Mensagens do grupo *Caminho Novo* de N/A: Um caleidoscópio de narrativas

Branco. É tudo que vejo deste ponto de referência. Deitada há horas, permaneço contemplando o mesmo teto, a mesma lâmpada apagada, na esperança de que algo me ilumine. Parece esquizofrênico enxergar movimentação nisso tudo, mas lembro da rotação do planeta, o que me garante certa paz. Ouço todas as perturbações com cautela, pois o silêncio que as habita pode estar tentando me dizer uma informação importante. Ao tocar meu corpo, nada muda. Fui anestesiada pela noite. Talvez seja a apatia produzida pelo ambiente, porém não sinto vontade de sair daqui; sou praticamente uma extensão dele ou seria o contrário? As portas encontram-se fechadas. Eu as fechei. Não sei qual chave usar para fazer com que as engrenagens voltem à normalidade. A sobriedade é uma ilusão, tal qual um sonho lúcido que não recordo. Um fato aleatório: nunca sei quando devo usar o ponto final. Os pontos simples sempre parecem mais oportunos. Isso diz muito sobre mim. Nunca sei quando parar. Afinal, a vida constantemente implora por continuação, embora não mereça. Errata: embora eu não mereça. (Depoimento de uma integrante do grupo virtual de N/A, postado no dia 20 de agosto de 2019)

Este é um dos depoimentos existentes no caleidoscópio de narrativas de N/A. Note-se que, logo após sua publicação, segue um comentário dizendo "... é... acho que a gente vai se tornando poeta... a dor⁴⁰ traz à tona o sensível... a arte... tô só cogitando essa possibilidade por enquanto...". O poema-depoimento traz à tona um elemento importante na compreensão desse grupo, qual seja, a reflexão sobre o sofrimento sentido em uma

⁴⁰É interessante, nesse sentido, voltar à reflexão anteriormente aludida por Perrusi, sobre a subsunção do sofrimento à dor psíquica passível de eliminação pelo uso de psicofármacos. Neste caso, a própria dor é compreendida em sua dimensão existencial que traz à tona o sensível.

época de silenciamento do mesmo e de medicalização das emoções. O poema-depoimento como um refletir sobre o próprio sofrimento em forma de palavras esteticamente pensadas e escritas, compartilhadas em um grupo virtual anonimamente, parece um esforço para apresentar um caráter existencial a ele e de ser lida, “vista por dentro”, como o desejo de Elizabeth Vogler⁴¹. Traz também o elemento de ansiedade, aludido por Sennett em seu *O declínio do homem público*, a respeito do sentimento individual e da imersão no eu e insuflação da vida privada.

É com este depoimento-poema deste ano (2019) que introduzo este subcapítulo sobre a trajetória desse *Fórum de Mensagens* (FM) que teve o seu início há dez anos (2009). FM este que traz um verdadeiro caleidoscópio de narrativas (com mais de seis mil mensagens) e assevera a mudança elucidada por Sennett (1988), de insuflação da vida privada. Nesse ano de 2009, logo em seu início, visualizamos uma mensagem de boas-vindas do comitê de serviços de N/A, no dia 8 de janeiro, explicando que este é o novo espaço do *Grupo Caminho Novo*:

Grupo Virtual de N/A, onde podemos compartilhar toda nossa experiência vivida, compartilharmos fortaleza, esperança, enfim, onde possamos estender à mão e receber a solidariedade daqueles que, como nós, conhecem a dor da doença mental e emocional. (COMITÊ DE SERVIÇOS, 2009).

Nas primeiras mensagens do FM, os inscritos basicamente tiram dúvidas a respeito do grupo online, tanto no aspecto mais técnico quanto ao relativo a dinâmica interina. Depois de algumas mensagens de dúvidas e testes, encontramos depoimentos de inscritos sobre o que estão vivenciando: alguns se apresentam como “neuróticos em recuperação”, que seriam os adeptos do programa, outros apenas pedem ajuda para o seu sofrimento, e parecem em uníssono declarar que, no grupo, além de terem ouvidos atentos (ou olhos e dedos que respondem as suas mensagens), sentem-se à vontade para dizer o que não conseguiriam de forma presencial, isto é, para as pessoas ao redor em seu âmbito cotidiano. Este fato me levou ao poema de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, que introduz essa monografia. Ou, como diz uma integrante, *percebi... que ninguém que não seja neurótico anônimo está disposto nem preparado, a todo o tempo, a*

⁴¹Personagem do filme *Persona* já citado nesse trabalho anteriormente.

escutar desgraças... Foi na sala de N/A e aqui no grupo Caminho Novo que eu pude livremente falar sobre o meu sofrer.

O falar livremente sobre o sofrer em um grupo específico que compartilha de extremas adversidades no âmbito emocional e que sente não encontrar ao redor indivíduos dispostos a discorrer (ou escutar) sobre sofrimentos remete ao componente explicitado no primeiro capítulo sob a pena de Perrusi (2015). Componente este que discute a implicação de se viver em uma sociedade que denega o sofrimento e o coloca como o reverso de valores sociais caros a mesma: como o superdesempenho, a superprodução, a autonomia *ad nauseam* e outras. Desse modo, o viver em sociedade na contemporaneidade aparece sob a obrigação de ser feliz, da felicidade, e, em muitos casos, permeada pelo hedonismo como *ethos*, o que faz com que os indivíduos no seu interior se questionem: *Onde é que há gente no mundo?*

Assim, o *Fórum de Mensagens* passa a funcionar como um repositório de depoimentos sobre os sofrimentos cotidianos dos membros em “recuperação” de N/A e *novatos* (no sentido de não aderência ainda ao programa) que, segundo mensagem de um integrante do Comitê, em sua “maioria absoluta”, recebem por e-mail e parecem ler as mensagens. A leitura dos depoimentos torna-se elemento importante nesse processo de fortalecimento, onde os depoentes afirmam meditar na e com a escrita.

Fato que me levou a uma reflexão singular sobre o efeito de se receber por e-mail toda semana (quase diariamente) depoimentos contundentes sobre sofrimentos psíquicos, - depressão, transtornos de pânico, solidão, isolamento social, ansiedade, dependência afetiva etc., - nos mais variados processos de fortalecimento pessoal e de recaídas (descontrole emocional), em um tempo social sem tempo para o sofrimento.

Na escolha do objeto para esta pesquisa senti que eu também estava imersa nesse mar de lágrimas e de ajuda mútua e, posso dizer, que desde que me inscrevi no grupo fiz um mergulho sem pausas – sem espaço para tomar fôlego – nos dramas e conflitos dos meus interlocutores, apenas como uma leitora bastante atenta e inquieta, e uma observadora não-participante no FM, contudo, participante na sala virtual, e preocupada em compreendê-los.

A escolha do tema de pesquisa, - desvinculado das minhas anteriores pesquisas de Iniciação Científica vinculadas ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, - se deu pelo interesse em compreender o que seria em minha concepção um dos temas primordiais para a Teoria Social e Cultural contemporânea, mas que parecia monopolizado por outras áreas. Tive simultaneamente, do mesmo modo, que

realizar um processo de afastamento axiológico, refletindo sobre a minha própria trajetória, pois, como coloca Weber (2008), até a escolha do nosso objeto de estudos é permeada por valores. Seguindo, portanto, a noção de Barton Fink⁴², de que a escrita não é um descanso, mas nasce de uma grande inquietação interior, e eu complemento, não só na arte, mas também na ciência, pude deixar-me afetar (FAVRET-SAADA, 2005) sem transformar o projeto de conhecimento em uma aventura pessoal resignada a não compreender.

Minha opção por ser uma observadora não-participante no FM advém da minha extrema preocupação com a possível alteração completa da dinâmica do grupo a partir da revelação por e-mail da existência de uma pesquisadora perscrutando as narrativas de sofrimento de seus inscritos⁴³. O grupo de N/A coloca que em relação às pessoas que frequentam as reuniões o anonimato é a garantia prática de que o nome de todo membro, bem como a sua história serão mantidos em absoluto segredo, cabendo só a eles revelarem a sua filiação a N/A⁴⁴ e suas histórias de vida. Desse modo, mesmo constando em espaço aberto e público, não divulguei depoimentos que pudessem identificar a história pessoal ou que pudessem caracterizar alguém específico, apenas apreendi o que corresponde a experiências emocionais que estão presentes, de certo modo, expressando certos conteúdos sociais como fio condutor em todas postagens, selecionando alguns trechos mais representativos.

A inquietação aludida anteriormente de se receber quase diariamente mensagens sobre sofrimento também me remeteu a própria proposta das 24 horas de controle

⁴²Protagonista da obra **Barton Fink** (br: **Barton Fink** - Delírios de Hollywood), filme estadunidense de 1991 escrito, dirigido, produzido e editado pelos irmãos Joel e Ethan Coen.

⁴³Ressalto que, embora a lista de mensagens no *google groups* esteja aberta a qualquer indivíduo que tenha um e-mail e faça a sua inscrição, e mesmo que, possivelmente, uma parte significativa não utilize seu verdadeiro nome e demonstre isso com alcunhas como “A depressiva”, “Dipirona Sádica”, “vazio sempre”, “contato amigo”, “pílula vermelha *homeschooling*” etc., optei por modificar os nomes que aparecem por pseudônimos, resguardando o anonimato e tendo o cuidado para não expor informações de identificação pessoal.

⁴⁴O que é bastante difícil para alguns membros devido principalmente ao termo ‘*Neurótico*’ colado a *Irmandade* bastante localizado no tempo e que remete a interpretações patologizantes e estigmatizantes de problemas emocionais, como coloca até mesmo a dissidência desse grupo dos Estados Unidos que tornou-se *Emotions Anonymous*, principalmente por divergências entre eles e os escritórios oficiais de N/A. Por vezes, vale ainda ressaltar que o termo provavelmente acarreta sentidos distintos para homens e mulheres que participam, dado o caráter de gênero que ele carrega. Porém, este ponto não faz parte do escopo do trabalho e é mencionado como proposição de agenda para outras pesquisas.

emocional de N/A, da reafirmação cotidiana da “nova” identidade de neurótico/a em “recuperação”, dos lemas, passos, tradições etc., que constituem uma espécie de sistema “24/7” de automonitoramento e reflexão constante sobre a própria conduta. Sempre reforçando o antes e o depois do programa, num esforço de rememoração cotidiana para o controle contínuo das emoções, uma parte significativa relata até mesmo tentativas de suicídio acompanhadas de uma espécie de “testemunho” de que o programa funciona. Como explica uma integrante *nossos depoimentos*, *assim como os dos demais companheiros, comprovam a eficiência do Programa de Recuperação de Neuróticos Anônimos. Ele é, para mim, um recuperador de almas perdidas e atordoadas.*

Outra usuária do FM reclama, no dia 3 de fevereiro de 2019, ao salientar que estava recebendo mensagens apenas a cada dois dias, quando antes recebia diariamente que sente *...uma falta terrível de ler os depoimentos dos companheiros, pois é através do Caminho Novo que eu estou conseguindo passar as minhas 24 horas de paz e serenidade.* Como resume o depoimento de Joana⁴⁵, sobre a eficácia simbólica do programa⁴⁶ e a delimitação bastante precisa do antes/depois de N/A:

...Sou da área da saúde, cuidava dos outros e de mim nem consciência tinha do quanto me afundava, como diz na literatura, tive que atingir o fundo do poço, logo eu que respeitava tantos as leis divinas e da moral, tentei o suicídio, uma, duas, várias vezes, a cada vez com mais vontade e

⁴⁵Todos os nomes citados neste trabalho são fictícios.

⁴⁶Conceito que remete ao instigante texto de Lévi-Strauss “O feiticeiro e sua magia”, que discute a questão da eficácia simbólica do sistema de referências comuns de um grupo, abordando vários casos, como de um adolescente que foi acusado de feitiçaria e arrastado diante do tribunal dos sacerdotes do Arco, ocorrido entre os Zuni do Novo México. O adolescente, depois de negar durante uma hora, ter quaisquer conhecimentos ocultos, e vendo sua defesa ser ineficaz, muda de tática e conta como se tornou um feiticeiro a partir de sucessivas narrativas cada qual mais rica, convincente e cada vez mais elaborada. Ao comprovar, assim, a tese dos julgadores e terminar por uma peroração patética onde lamentava a perda do seu poder sobrenatural, o adolescente é libertado. Assim, tem-se que foi corroborando o sistema, o qual esperava ser atestada a sua realidade, - saindo do âmbito da consciência para se encarnar em ser de experiência - que o rapaz conseguiu não ser executado pelo crime de feitiçaria. A instituição foi reforçada, o que trouxe ao grupo “uma satisfação de verdade, infinitamente mais densa e mais rica do que a satisfação de justiça” (1975, p. 201), pois, segundo Lévi-Strauss “a escolha não é entre este sistema e um outro, mas entre o sistema mágico e nenhum sistema, ou seja, a desordem.” (1975, p. 201). Assim, o conceito diz respeito a crença de que um determinado sistema de referências comuns de um grupo funciona, o mesmo necessitando de uma constante reiteração, um ciclo que parece garantir a coesão mental dele.

mais vigor, pois bem, não deu certo, pois sou a prova que o programa funciona, se quisermos recuperarmos. E confesso, não acreditei no início que comecei no grupo, mas tive dois padrinhos que me acompanharam, incentivaram e tiraram minhas "manhas", hoje passo por uma fase difícil na vida, não sei o que vou encontrar lá fora quando sair daqui, esclarecendo estou internada, mas sei que se aqui neste momento, consegui controlar as emoções, já me sinto forte o suficiente para encarar meu futuro e as dificuldades que virão. Agradeço ao programa, ao grupo e aos meus padrinhos. E a compulsão que me acompanha, algo de bom tirei dela, aprendi a literatura, quem diz que dos nossos defeitos não podemos tirar algo de bom, rsssssss. E espero tirar muito mais, já que carrego bastante e só agora tenho consciência disso. 24 hs de paz e serenidade a todos. (Joana, depoente do FM)

Neste depoimento é possível identificar todos os elementos anteriormente percorridos, tais como: o sistema 24/7, o reforço da crença na *Irmandade* e de que seu programa funciona, o antes/depois dela mesmo estando em “uma fase difícil na vida”, e a questão do controle das emoções. A questão do controle sobre as emoções é uma perspectiva bastante evocada no discurso oficial de N/A, que se coloca como uma associação que procura ajudar seus membros no controle e administração das emoções que despontam como elementos disruptivo em suas vidas. De modo simultâneo essa perspectiva também aparece no espaço virtual, que se encontra repleto da abordagem das emoções como o item principal a ser trabalhado e que interfere no comportamento dos indivíduos.

A noção de controle das emoções pode ser compreendida através da perspectiva eliasiana, trazida no capítulo anterior, onde os processos de individualização crescentes e de civilização levaram a um controle geral dos afetos e um maior autocontrole, consciente e inconsciente, em todas as esferas da vida pelos indivíduos, o que teve implicações sobre a uma privatização das emoções e em relação ao aumento do sentimento de vergonha e embaraço (ELIAS, 1994). Portanto, a ideia de *Processo Civilizador* de Norbert Elias se torna em uma perspectiva importante para se pensar sobre o grupo objeto dessa monografia, dada a configuração da associação N/A como uma espécie de Irmandade que tem como uma de suas metas a de incutir um maior autocontrole aos indivíduos que a procurar e que narram sofrerem, - de acordo com o discurso oficial da instituição, - de uma

impotência perante as suas emoções que, no interior de um processo de controle geral dos afetos passa a ser vista e classificada como patologizada.

Outro ponto evocado por Joana em seu depoimento é o do sistema de apadrinhamento, como uma prática comum dos grupos de ajuda mútua presencial (e também em seu modo virtual). Na informação de uma servidora, relatando sobre o sistema de apadrinhamento dos N/As, depois de algum tempo na Irmandade, quase como *naturalmente*, o participante perceberá com quem tem mais afinidade, solicitando a esta pessoa a aceitação para ser padrinho ou madrinha, passando, se aceito, a estabelecer um contato mais estreito com ela.⁴⁷

Funcionando de maneira similar nos dois espaços, o apadrinhamento é salientado como de fundamental importância para os membros do grupo no espaço virtual. Como afirma Denise:

...aqui na minha cidade, nem [nas] próxima[s] tem grupos N/A presenciais então cria essa dependência de vocês, mas queridos o P/S é maravilhoso, se a gente não o escuta, Ele manda alguém para nos fazer entender, eu tenho uma maravilhosa madrinha, rssssssss, no virtual, mas que me dá colo e esclarecimentos.

Ou seja, para a maior parte dos depoentes é a ausência de um grupo presencial na cidade de residência que torna o grupo virtual um espaço importante para o seu processo de fortalecimento pessoal; do mesmo modo que o apadrinhamento, significa laços mais estreitos com algum membro que fortalece o sentido de autoconfiança e inclusão. Assim, o espaço se constitui em lugar: tanto como uma ferramenta precípua para suprir as necessidades individuais dos membros presenciais e virtuais, como também para os que possuem e utilizam o FM como mais uma ferramenta útil em seu processo de fortalecimento. Como explica o grupo, baseando-se na Quinta Tradição⁴⁸, o espaço virtual

⁴⁷"O apadrinhamento no *Caminho Novo* funciona igual ao presencial, ou seja é um fato que ocorre *naturalmente*, depois de algum tempo na Irmandade, vamos vendo com quem temos mais afinidade, vamos então conversar com essa pessoa ver, se ela nos "aceita" e passamos a ter um contato mais estreito, mas isso tudo companheira repito naturalmente, sem rótulos. Bem, isso é a maneira como vejo o apadrinhamento em nossa Irmandade. Desejo paz e serenidade" (Depoimento presente no FM).

⁴⁸Quinta Tradição - *Cada grupo é animado de um único propósito primordial – o de transmitir sua mensagem ao neurótico que ainda sofre.*

Caminho Novo foi criado como mais uma ferramenta para nos recuperarmos, para falarmos de nós mesmos e como estamos no momento.

Como no ano de 2009 o e-mail era um sistema de comunicação usual, membros do espaço virtual explicam que se utilizavam desse canal de maneira substancial, chegando a ser explicitado em um depoimento o envio de e-mails para os padrinhos/madrinhas em momentos de recaídas, e que, de maneira direta sem mediação, seria vetado, como o foi em uma mensagem atual sob a explicação de que não é possível a troca de endereços eletrônicos no grupo. Em um depoimento sobre as agruras da solidão, Ricardo escreveu no final de sua mensagem: *Não sei se é permitido, mas se alguém quiser me escrever pra conversar, posso passar meu e-mail.*

O Comitê de serviço do grupo *Caminho Novo* em seguida escreveu um e-mail comunicando que:

Não é permitido envio de mensagens direto entre os participantes. Para a segurança de cada um e para salvaguardar o nome de nossa Irmandade, TODAS as mensagens deverão passar pela moderação. Pedimos sua compreensão e desejamos que continue participando. Desejamos paz e serenidade. (Comitê de serviço do Grupo Caminho Novo).

Desse modo, percebemos a existência de uma moderação no espaço virtual acerca dos depoimentos escritos. Fato que se encontra presente no próprio site oficial do grupo *Caminho Novo*, o qual afirma que todas as mensagens que vierem a ser postadas *terão moderação e somente aquelas que forem aprovadas aparecerão no site do grupo e serão postadas aos demais membros que optaram por receber as mensagens por e-mail.* Esta mensagem contém uma modificação aparente das regras, ou uma limitação delas, para usuários sem vínculos de apadrinhamento; posto que o depoimento mencionado em 2009, aludia o envio de mensagens para seus padrinhos/madrinhas. O que indica que os usuários desenvolvem formas próprias de aderência ao Programa e de uso do espaço virtual, e, assim, estão em constante acordo ou tensão com as regras que o regem e as suas mudanças no decorrer dos anos.

Desse modo, com regras específicas e mesmo não sendo um sistema muito usual hodiernamente e tendo diminuído o número de depoimentos, o FM ainda funciona como receptáculo de mensagens diversas que seguem uma dinâmica bem próxima ao de seu início e que procura manter-se dentro do espírito do Programa, mesmo não correspondendo necessariamente a opinião de N/A. Como salientado pelo grupo, *o que “teclamos” em*

nossos depoimentos representa opinião pessoal, e não necessariamente, a opinião de Neuróticos Anônimos. Assim, para se manter dentro do espírito do Programa, o grupo pede para evitar doutrinar, prescrever soluções, psicanalisar companheiros ou outras pessoas ou generalizar.

Além do choque entre usuário e regras oficiais, encontrei também críticas a Irmandade, ao Programa e a interação dos depoentes, além de questionamentos sobre o uso correto do espaço virtual. Estas críticas falavam sobre não terem recebido interações de outros usuários em suas mensagens, por exemplo, fato este que não caracterizaria a regra do espaço virtual, mas sim, ao que parece, exceções.

Duas depoentes, Ana⁴⁹ e Simone⁵⁰, em particular, explicitam que no espaço de N/A apenas encontram-se palavras vazias ou “floridas”. Em seguida os membros respondem

⁴⁹Aqui só tem palavrinha vazias parecendo tiradas de um livrinho de auto piedade ou frases feitas e floridas. AGORA TENHO A CERTEZA QUE ESTOU NUM MUNDO DE NEUROTICOS MESMO!!!! Sou sozinha sabem. Sou extremamente sozinha! e a única forma que encontro para expor um pouco está nas palavras, mas agora com essa de: QUINTA TRADIÇÃO tô vendo que continuo sozinha e o quê vcs querem são palavras ao vento e histórias de fantasmas, nada para tirar conclusões. nada para dar esperança, nada para incentivar ou inspirar. Se não me expulsarem logo logo eu conto umas histórias de terror particular (já que vcs gostam é disso). Pois bem... então que seja!!!! Tenham suas 24hs de paz e o resto da vida para ficarem se auto administrando palavras sem gosto.

⁵⁰ HEI POVO DE MANIA SAMARITANA!!!! EU DIGO QUE MEU INFERNO SÃO OS OUTROS, DAÍ VEM UM ALGUÉM E DIZ QUE EU TÔ JULGANDO OS OUTROS. VCS NÃO TÃO ENTENDENDO O ESPÍRITO DA COISA. EU NÃO DISSE QUE ACHO QUE AS PESSOAS ESTÃO CERTAS OU ERRADAS, EU TÔ DIZENDO QUE AS PESSOAS ME IRRITAM MUITO. PRINCIPALMENTE QUANDO FICAM ME DANDO CONSELHINHOS TIPO: NÃO JULGUE OS OUTROS!; SEJA TOLERANTE E LÁ LÁ RÁ RÁ RÁ... CARAS... NÃO TÔ DIZENDO ISSO OU AQUILO DO POVO, EU TÔ TENTANDO EXPLICAR PROS NEURAS DAQUI QUE EU SOU UMA NEURA QUE NÃO TOLERA AS PESSOAS. EU QUERIA MUITO MESMO NÃO SER ASSIM, MAS EU SOU. EU SÓ QUERIA SABER SE TEM ALGUMA NEURA POR AQUI QUE NÃO É DO TIPO "FRESQUINHO DE CÔCO" QUE SÓ SABE DAR CONSELHINHO DE BARBIE OU FRASES FLORIDAS. EU FREQUENTEI OS NEURÓTICOS ANONIMOS E ELES ME CANSARAM MUITO COM SEUS AI AI AIS. MINHA PSICOLÓGA DIZ QUE ESTOU A UM PASSO DE ENTRAR EM DEPRESSÃO OU FICAR MUITO DOENTE. MAS AS PESSOAS CONTINUAM MEDIÓCRES E SUAS PALAVRAS, MESMO QUE FLORIDinhas ME ESTRANGULAM E ME SUFOCAM. A PERGUNTA É: - TEM ALGUÉM AÍ QUE SENTE OU JÁ SENTIU QUE É UM ALIENIGENA NUM MUNDO DE FORMIGAS??? ATÉ OS PSICÓLOGOS COM QUEM JÁ CONVERSEI ME DISSERAM QUE SOU UM CASO RARO. SERÁ QUE

relacionando tais comportamentos aos seus quadros antes de N/A, e de modo geral reforçam as tradições que regem o comportamento no grupo. Remetem em suas respostas às linhas do Programa, à crença no *Poder Superior*, para salientar que este é um espaço de partilha, de desabaços, de respeito e solidariedade mútua; e que são esses fatores que os têm fortalecido pessoalmente e como associação. Terminam as respostas as duas depoentes críticas (Ana e Simone) alertando que nos seus depoimentos críticos havia reminiscências de suas vidas antes de N/A, sendo necessário às depoentes a conversão mental e emocional esperada para a recuperação/cura/reabilitação da doença mental e emocional, tal como o grupo coloca.

Outro item importante nessa relação pode ser antevisto através do depoimento de Fabiana em sua resposta às depoentes críticas:

Companheira Simone, é impossível não ouvir o seu desabaço, (aos berros!!!... já que está escrito em letras garrafais) ...mas, àquilo que não está escrito, foi a frase que mais chamou a minha atenção: SOCORRO!!!... eu estou aqui... eu existo... eu sou diferente... e, entretanto, EU ESTOU AQUI. E você pergunta: SERÁ QUE SOU A ÚNICA, (que sente assim!... que sofre assim!...) Posso lhe responder, por experiência própria, e principalmente por me identificar como o seu desabaço: VOCÊ NÃO É A ÚNICA CRIATURA NESTA CONDIÇÃO... (Fabiana, depoente do FM).

Fabiana, ao elucidar que ouviu/leu o depoimento de Simone como se fosse um pedido de socorro aos berros, posto que está escrito em letras maiúsculas, e reforçado em sua resposta, revela recursos próprios de expressão e compreensão no mundo virtual, ou seja, formas de se colocar, de ser ouvida/lida e de ouvir/ler os depoimentos. No decorrer do seu discurso, Fabiana também o remete ao individualismo da singularidade (*Einzigkeit*) de que nos falou Simmel, pois, Simone ao sentir-se diferente de todos ou buscar se diferenciar sinaliza uma concepção de subjetividade caracterizada principalmente pelo culto à diferença e pelo cultivo da “dimensão interior” (GARCIA; COUTINHO, 2004).

A depoente de acordo com Fabiana, compreende a narrativa como: *eu estou aqui... eu existo... eu sou diferente... e, entretanto, EU ESTOU AQUI*. Existência que se quer

SOU A ÚNICA????? PS: NÃO POR FAVOR, PELOAMORDEDEUSMENINO, NÃO ME MANDEM FRASES FLORIDAS, EU DETESTO, BLARG, BLARG, BLARG!

diferente e que, entretanto, procura neste espaço virtual outros que sintam o mesmo e que aplaquem sua angústia em um mundo onde todos são o Ideal, campeões em tudo, cabendo questionar: *Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?*

Isabela, por sua vez, assim responde à depoente:

Simone desculpe-me, mas não estou aguentando de tanto rir só de me imaginar em meu estado atual: velha, gorda, de cabelos brancos, avó, e vestida com as roupas da "Boa Samaritana", tentando equilibrar-me com o peso da jarra no ombro, espalhando água para tudo que é lado. Tenho certeza que você sabe que a frase "O inferno são os outros" é de Jean-Paul Sartre, filósofo existencialista francês. Se eu não estivesse tão empenhada em melhorar espiritualmente, neste momento, eu voltaria a ler os livros dele, por exemplo, "Com a morte na alma", "O ser e o nada" e "Mortos sem sepultura". Muito obrigada por você me fazer lembrar meu passado.

O depoimento de Isabela foi escolhido tanto por apresentar o elemento de rememoração de um passado sem o N/A, quanto pela discussão que traz a respeito das leituras da obra de Jean-Paul Sartre pela depoente. Segundo Isabela, se ela não estivesse empenhada em melhorar espiritualmente, voltaria a ler os livros do filósofo existencialista francês. Diante disso, ao iniciar este subcapítulo com um depoimento-poema que considere uma reflexão sobre o caráter existencial do sofrimento em N/A, cabe questionar mais detidamente quais as reflexões incitadas a partir dessa *Irmandade*, ou melhor por quê a filosofia sartreana impossibilitaria a “recuperação” da depoente?

Esse depoimento me possibilitou voltar a uma discussão basilar sobre sofrimento psíquico que gira em torno da liberdade. Em Sartre, mais do que uma obrigação para, há uma condenação a ser livre, que gera uma angústia vivenciada diante do rol de escolhas abertas e da indeterminação. De fato, se olharmos pela ótica de Han (2018), a liberdade do século XXI, chamada de *coerciva* por esse autor, esconde uma exortação à autoexploração contínua que leva a um esgotamento e um cansaço fundamental e conduz a uma série de sofrimentos psíquicos.

Na ótica existencialista sartreana, porém, só existe a liberdade, e sua recusa, constitui má-fé, a negação da liberdade, a desculpa utilizada para se abster da agonia da opção. Pensando no foco de estudos, os sofrimentos vivenciados pelos membros de N/A, desse modo, não teriam como ser remediados com pílulas existencialistas *sartreanas*, posto que os riscos assumidos nos processos de segurança ontológica – como riscos relacionados

à autonomia dos indivíduos frente às suas trajetórias e enquanto tomadas de decisões, – têm sido colocados de maneira estritamente individual. Principalmente, porque relacionados diretamente ao contexto do capitalismo neoliberal, que faz com que os indivíduos por sua própria conta e risco, em seu trilhar solitário, sejam unicamente os responsáveis pelos seus sucessos e fracassos, gerando autculpabilizações, ansiedades e outras séries de sofrimentos psíquicos que seriam manifestações dessa liberdade paradoxal, como pontua Han (2018).

Assim, as possibilidades atreladas à liberdade devem ser avaliadas sob a ótica elucidada ou como coloca um depoente:

Somos incentivados a sermos superhumanos, e coloco especialmente o papel que muitos coach realizam, sendo responsáveis muitas vezes por criar essa falsa ideia de que tudo é possível para qualquer ser humano que queira o que quer que seja.

Sob o entendimento de que a falsa ideia de que certos elementos do capitalismo neoliberal podem ocasionar uma liberdade paradoxal.

O Poder Superior (P/S) alçado pelo N/A aliviaria, assim, esse fardo do indivíduo, levando-o a compreender - como indica a *Oração da Serenidade* - que é preciso serenidade para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir uma das outras. A liberdade é vista, desse modo, pelos usuários como um elemento que pode ser usado de maneira irresponsável, para se fazer escolhas ruins, como algo que tem um preço a ser pago.

Como coloca um depoente: *Vejo que a liberdade tem um preço a ser pago por ela e cabe a cada um definir se vale ou não.* Cabe a cada indivíduo assim usufruir dessa liberdade, fazer escolhas ou negá-la. É uma espada de Dâmocles sobre a cabeça dos indivíduos, onde o peso da liberdade se coloca a todo o momento.

Para além das citações de filósofos e sociólogos existentes em alguns poucos casos no espaço virtual, como foi elucidado com o caso de Sartre, observa-se neste grupo o uso de categorias nosológicas e de conhecimento especializado provindo das ciências humanas de maneira indireta e que são utilizados de maneira reflexiva e reatualizados discursivamente pelos sujeitos para dar legitimidade ao seu sofrimento. O que remete ao que Giddens aludiu como o caráter reflexivo da modernidade.

Destarte, em geral, os depoimentos giram em torno da dinâmica discutida e versam acerca do conteúdo mencionado anteriormente. Apenas nos últimos anos ele vem se

transformando, de maneira tímida e ainda pouco expressiva, a partir de 2016, com a evocação explícita da conjuntura do país e a sua situação política e econômica para embasar as narrativas de sofrimentos. Ou seja, saem da insuflação da vida privada e seguem em direção ao espaço público (SENNET, 1988), antes esvaziado, elevando-o a ser o causador do mal-estar e do sofrimento cotidiano.

Os depoimentos tratam das crises pelas quais passam o país, incertezas em relação ao futuro, dificuldades financeiras, e da atuação do N/A nessa situação, tornando o indivíduo não mais dependente *das circunstâncias e dos acontecimentos externos*, mas de um *Poder Superior* que eliminaria esse fardo. Os recentes acontecimentos no Brasil, nos últimos anos, precisariam ser esmiuçados e analisados para a compressão desses depoimentos, o que não cabe no escopo deste trabalho, mas se coloca como agenda de pesquisas e elemento importante no estudo do sofrimento psíquico no Brasil hoje.

3.2 Antes e depois de N/A: a reconfiguração das relações contadas no espaço virtual

"Não é óbvio que alguém que viva costumeiramente em um estado de sofrimento requeira um tipo diferente de religião de uma pessoa habitualmente em um estado de bem-estar?" (Questionamento de *Alpha 60*, no filme *Alphaville* de Jean-Luc Godard)

A metodologia utilizada neste trabalho seguiu a perspectiva qualitativa e empregou o método da netnografia ou etnografia virtual. Após a análise das narrativas dos usuários do Fórum de Mensagens de N/A, constatou-se que os sofrimentos relatados possuem íntima relação com a vivência em um mundo perpassado por uma nova orientação individualista e a relevância que vem tendo a ajuda mútua nos últimos anos, através de ambientes virtuais e redes sociais. O eixo da abordagem são as experiências vividas por indivíduos em situação de sofrimento psíquico em ambientes virtuais.

Durante seis meses, foram lidos depoimentos desta comunidade em uma faixa temporal que segue do seu surgimento em 2009 até o ano corrente de escrita desta monografia – início de 2020. Eles constituem, até o momento de escrita final deste texto, cerca de seis mil e seiscentos depoimentos. Os quais tentei abarcar de maneira substancial, com a tabulação do maior número possível, com foco nos fluxos de mensagens de atores longevos e de ‘novatos’ com categorias como auto diagnóstico e queixa principal⁵¹, relação

⁵¹ As queixas principais são de desmotivação, desânimo, medo e vazio, raiva (que interfere nas interações cotidianas), problemas nos vínculos afetivos principalmente, a falta de interesse de travar relações

com N/A⁵², tratamento⁵³, o que o trouxe ao grupo, como chegou a ele⁵⁴, a quantidade de visualizações no FM, as interações de outros usuários, etc. Na tentativa de estabelecer, dentro dessa miríade de narrativas, o fio condutor – enquanto diagnóstico social – que as une.

Porém, é necessário salientar que apesar de tentar-se abranger o maior número de mensagens possíveis no FM, esta pesquisa utilizou-se do método qualitativo e, por isso, não divulguei ou problematizei os dados estatísticos provindos da tabulação manual deles. O que importa, para fins dessa pesquisa, é a profundidade da análise e da leitura das narrativas. Os subcapítulos anteriores, como foi possível perceber, compõem os resultados deste todo analisado, neste subcapítulo, contudo, iremos realizar uma análise mais vertical, seguindo a trilha de quatro atores do FM: Jorge, Teresa, Fátima e Luana.

Estes personagens foram escolhidos com base no agrupamento de usuários com mais tempo de permanência no FM, com pelo menos cinco anos de longevidade. A Tabela 01 abaixo apresenta os nomes fictícios dos membros encontrados, indicando o ano da primeira e última postagem e a sua quantidade. Os cinco selecionados (em negrito) são os atores, aparentemente, mais longevos.

Tabela 01 - Membros do Fórum de Mensagens do grupo virtual “Caminho Novo” com maior longevidade, 2009/2019.

Membro	Ano do primeiro depoimento	Ano do último depoimento	Quantidade de postagens
Joana	2009	2014	711
Jorge (SERVIDOR)	2009	2019	122
Renata	2009	2014	109
Teresa	2009	2019	190
Matheus	2009	2016	83
Gabriel	2009	2017	51
Luana (SERVIDORA)	2009	2018	474
Itamara	2009	2014	165
A depressiva	2009	2017	29
Daniel	2009	2015	53
Iara	2010	2014	839

com outras pessoas, a codependência, depressão, pânico, ressentimento e orgulho, ansiedade, solidão, entre outros.

⁵² Alguns frequentam as reuniões presenciais, outros não podem ou não encontram um núcleo em suas cidades, ficando apenas no âmbito virtual e outros não possuem vínculos com a Irmandade e apenas utilizam o espaço para falar sobre os seus sofrimentos e dialogar com outros “iguais”.

⁵³ Medicamentos, frequência a Irmandades (no plural), frequência a N/A, psicoterapia, psicólogos, métodos “alternativos”, entre outros.

⁵⁴ Dentre as respostas estão: indicação de psicanalista ou de amigos e colegas e através da Internet.

José	2010	2016	46
Fátima (SERVIDORA)	2010	2019	637
Rita	2010	2019	599
Carla	2010	2017	127
Anderson	2010	2018	215
Luara	2010	2014	290
Andréa	2009	2017	146
Kelly	2010	2018	31
Larissa	2010	2015	48
Flor	2010	2014	75
Petúnia	2010	2019	30
Girassol	2010	2017	6

Fonte: Elaboração própria com informações retiradas do Fórum de Mensagens do grupo virtual “Caminho Novo”.

Jorge é um dos atores que possui o menor número de mensagens dentro do grupo selecionado, e os seus depoimentos são geralmente respostas a outros usuários com a utilização da linguagem moral de N/A. Mensagens que versam sobre o aprendizado neste grupo, o seu antes e depois, a Literatura e o Poder Superior, indicando um contato bem anterior ao surgimento do grupo virtual.

De acordo com este ator, os sofrimentos principais existentes nos depoimentos dos “veteranos” no FM diriam respeito a questões relacionadas à *depressão, bipolaridade, ansiedade, medo, autopiedade, vontade de ficar rico, insatisfação, desejo de manobrar a vida do outro, etc.* Assuntos estes que o teriam auxiliado em seu processo de fortalecimento pessoal, para lidar com a fobia social, as crises de pânico e ansiedade, dentre outros, conforme sua definição. Ele, entretanto, elucida que N/A para ele não é Literatura, nem ler as mensagens dos usuários ou frequentar as reuniões de estudo:

...tudo isto tem sido importante, mas para mim, o primordial, são as reuniões de terapia, é a sala, o espelho e a energia emanada nestas reuniões. É a assiduidade às reuniões, a persistência. N/A para mim foi e continua sendo, SALA e SALA, se não for possível na presencial que seja na virtual, mas sempre sala. Nunca deixei de frequentar regularmente as reuniões e o resultado não poderia ser melhor.

Para Jorge então apenas a sala presencial ou até mesmo virtual e mais especificamente a terapia, o espelho, a energia emanada das reuniões seriam primordiais para lidar com o seu descontrole emocional, ressaltando assim o caráter regular de sua participação e os seus resultados. A teoria do espelho ressaltada, de se ver na partilha do

outro, demonstra o elementar deste trabalho, o fundo comum de narrativas singulares de sofrimento, em um contexto social específico e a necessidade da sala e dos encontros presenciais para o contato com os outros, companheiro/as de jornada.

Jorge explica que o seu isolamento tornava mais difícil lidar com a convivência com as pessoas, chegando a um ponto em que ele não conseguia mais frequentar lugares públicos, como supermercados, *shoppings*, ônibus e principalmente restaurantes, o que fazia parte de seu trabalho, passando, então, a evitar tudo isto e a se refugiar em seu quarto. Com N/A, Jorge explica que aprendeu

...que isto se denomina fobia social e que é progressiva se não tratada, como toda neurose. Graças ao Poder Superior, que me direcionou para o Programa de N/A, ao programa e aos companheiros, esta fobia faz parte do passado, hoje frequento todos os lugares e convivo muito bem, mesmo no meio de multidões...

Jorge conta como praticou o Programa de N/A sem fé e sem espiritualidade inicialmente, decidindo enfrentar o pânico e a fobia social, se expondo aos ambientes que as suscitavam, apenas desenvolvendo a parte prática do Programa como os Lemas⁵⁵ que, excetuando o Quarto e o Sexto, são recomendações práticas, nada espirituais e, também, aos depoimentos do/as companheiro/as ou do espelho, e a ansiedade foi substituída pelo Sétimo Lema, ou seja, pelo “Só Por Hoje!”. Porém, hoje Jorge se encontra bem mais espiritualizado e diariamente vem cultivando a fé e já tem como praticar a parte espiritual de N/A com a ajuda do *Poder Superior* e de seus companheiros, sem os quais não haveria a *Irmandade*.

É notório nos depoimentos de Jorge o uso do léxico típico do grupo e da rememoração constante de seu antes ao responder mensagens de novatos, reafirmando a *eficácia simbólica* do grupo com o seu depois, o hoje. Teresa, por sua vez, também se utiliza dessa relação entre um antes e um depois de N/A, sendo a prova da eficácia do programa.

Segundo ela: *Eu sou exemplo disso. N/A salvou a minha vida. Estava muito próxima do suicídio... que besteira iria fazer.* Porém, diferente de Jorge, atribui uma elevada importância ao grupo virtual online e ao FM, pois, como está com o tempo restrito e sem poder presenciar as reuniões, participar online e ler os depoimentos a deixa com o

⁵⁵Ver anexo 3.

sentimento de sentir-se viva novamente, sendo este, em suas palavras, *uma nova luz* que entrou em sua vida.

Em suas mensagens ela agradece aos depoimentos dos usuários do FM e explica que as tem lido mesmo que atrasadas, explicitando que durante os estudos, quando bate o cansaço, vê que tem uma mensagem de N/A, atribui ao P/S e a chegada delas sempre em horas precisas, sendo infinitas as contribuições das leituras dos depoimentos, mesmo que não tenha nada a escrever. Em um deles, ela explica que foi a um encontro presencial e ao chegar lá descobriu que o grupo havia fechado. Assim, ela voltou e se pôs a meditar na e com a escrita dos ‘companheiros’ de N/A.

O que demonstra que o FM, para esta usuária, tem sido fundamental para a sua experiência; como ela mesma coloca para outra depoente: *preciso de você, de seus depoimentos*. Para a usuária, mesmo não podendo partilhar com respostas a todos os e-mails, a leitura de todos eles fazem muito bem para ela.

Esta depoente explica em sua trajetória que desde os dezesseis anos já fazia uso de medicamentos e sofria de depressão e, de tanto pedir ao Poder Superior, encontrou o N/A. Porém, que estava sem ir às reuniões presenciais e online devido ao estudo e trabalho, no entanto, logo voltaria ao normal.

Enquanto isso, a leitura cotidiana das narrativas de sofrimento e de fortalecimento no FM, estaria suprimindo essa lacuna. Segundo Teresa, no FM:

Somos uma Família de companheiros e companheiras em busca da Serenidade e o PS está sempre conosco. Você não está só, sabe que estamos do outro lado da telinha e eu preciso muito de ler todos vocês. Me alertam para eu corrigir meus defeitos e afastar o sofrimento que vem da minha neurose. Obrigado pela partilha. (Teresa, depoente do FM)

O estar do outro lado da ‘telinha’ sugere o que o próprio espaço ganha um papel fundamental nesta relação, em uma dialética de criação recíproca como colocou Daniel Miller (2010), compreendendo as tecnologias da comunicação essencialmente como gêneros culturais. O que faz dos usuários do grupo *Caminho Novo* o que eles são, sempre no seu devir, na mesma medida que pratica no espaço virtual o que ele é – um fórum em constante negociação, distinto dos demais e que torna os usuários em algo além do que as vividas nas formas anteriores de pertencimento ao N/A. “Há novas relações, novas aspirações e novos idiomas, assim como novas tecnologias.” (MILLER, 2010, p. 176)

Segundo Miller (2010, p. 175-6), certos processos *ilustram a natureza da internet como forma de objetificação*, tornando-se possível para as pessoas através dela se empenharem em tornar-se o que antes não foram capazes de realizar, ou nas palavras de Miller alcançar *o meu objetivo antes frustrado de tornar-me... eu* ou um ‘nós’ eu diria, e depois podendo angariar “uma nova imagem de si mesmas como pessoas que antes não tinham consciência do que poderiam vir a ser.” (MILLER, 2010, p. 176). Assim sendo, em contrapartida a simples realização de desejos prévios, visualiza-se que o FM pode impulsionar pensamentos que talvez não fossem concebíveis sem essa tecnologia, como coloca Teresa.

Os depoentes nesse formato FM podem e devem sentir-se lidos e acompanhados em seu sofrer por alguém que está do outro lado de uma tela. Esse sofrer público, destarte, associado à possibilidade de poder ser lido em qualquer lugar do mundo, torna-se a viga mestra que garante que você não está sozinho/a!

Luana, por sua vez, assim como Jorge, é servidora de N/A, por isso possui semelhanças em seus depoimentos, sendo a maioria de suas respostas destinadas a usuários do FM sobre a forma de utilização do espaço, as reuniões online, avisos, convites, bem como sobre os sofrimentos vivenciados pelos depoentes. Estes últimos são respondidos com “testemunhos” ou ‘perseverança’ no exercício do Programa e na crença do P/S. Lembrando, no entanto, que todos os servidores, coordenadores de espaços virtuais e presenciais são adeptos do Programa, *neuróticos em recuperação*. São aqueles que possuem mais tempo na Irmandade e se revezam na coordenação dos espaços.

N/A explica que o programa de recuperação das Irmandades de Anônimos está calcado em um tripé: recuperação, unidade e serviço. Tripé este representado por um triângulo equilátero, cujos lados são igualmente importantes para se alcançar o equilíbrio emocional. Desse modo, para o grupo não haverá verdadeira recuperação sem a prestação de serviços, sendo este um requisito fundamental para qualquer neurótico em recuperação. Em Neuróticos Anônimos, *a recuperação é simbolizada por várias flechas saídas de um ponto central, rumo ao infinito, mostrando a todos que queiram enxergar que somente nos afastando de nosso isolamento emocional conquistaremos a saúde mental e emocional* (Equipe Novos Horizontes).

O isolamento emocional, desse modo, a ‘desfiliação’ como citou Castel (1997) a respeito de situações nas quais os indivíduos deixam de pertencer, implica em sofrimento psíquico, sendo N/A uma forma de se afastar desse isolamento e conseqüentemente desse estado de falta de laços socioafetivos, posto que não deixa o indivíduo sozinho em seu

sofrer, mas o agrega em uma *Irmandade* de ‘iguais’ e o faz sair de si mesmo e do seu autoenvolvimento em direção à busca de relações que os coloquem sob um outro patamar que não mais o individual.

Fátima, a agente com maior número de mensagens no FM também é uma servidora do grupo, o que demonstra que a grande parte dos usuários longevos aderiu ao tripé proposto por N/A. Em suas postagens, relembra o seu antes como um estado de órbita em torno do ‘eu’, anterior à prática do programa, e firma o seu depois explicando que estudando e levando a sério os passos da Irmandade, com a ajuda dos companheiros, compreendeu com N/A o que realmente significa amar. O que a fez e que passou a se importar mais com os outros, *ajudar pessoas, ouvir mais, tentar consolar, distribuir sorrisos... Pode acreditar, de um instante para o outro eu respirava aliviada, dormia tranquila, estava fazendo coisas para os outros, pelos outros...* Tendo saído *do estado de tudo EU, EU, EU*, danoso ao ‘doente emocional’. Segundo Fátima:

Graças ao PS eu conheci este Programa e entendi que eu estava deixando tudo sempre na primeira pessoa, tudo era relativo ao EU. Como EU penso, o que EU acho, como EU vejo. Esquecendo o sentimento e opinião do outro, daqueles de que preciso tanto! Parei de ouvir tanto o EU, fui ouvir os outros.

Assim sendo, para Fátima N/A ajudou-a na reconfiguração de suas relações cotidianas, sendo necessário salientar, entretanto, que o *comportamento, atitudes, decisões e opiniões são de inteira e exclusiva responsabilidade de cada um* dos membros. Pois, é ele individualmente quem deve assumir de forma ativa a sua participação e o processo de mudança como projeto individual. Ou seja, ao colocar nas próprias mãos o acolhimento e o alívio desses indivíduos cansados emocionalmente, também explica que exige um comprometimento individual que provoca a ideia de que você é autor da sua própria vida, como salientado no capítulo 2.

Deste modo, para haver um antes e um depois em N/A, *o participante [é] quem deve assumir o compromisso pessoal pela própria recuperação, o controle sobre as suas aflições, a gestão das emoções e afetos, o controle da própria vida* (SILVA, 2016, p. 133). O que exige um controle cotidiano sobre as próprias emoções: só por hoje (o viver e esforçasse a cada dia, dia após dia), a frequência ao programa, a sua prática, o estudo, a troca com os companheiros de jornada, e primordialmente o serviço prestado a N/A. O N/A se apresenta assim como uma dentre diversas outras instituições existentes escolhidas

pelos indivíduos que influenciam o trilhar solitário de cada um e a qual cada membro pode deixar de aderir a qualquer momento.

As ambiguidades presentes na *Irmandade* e as mudanças já mencionadas na sociedade contemporânea podem ser vistas enquanto fatores que ocasionam a grande flutuação do número de participantes e os poucos adeptos antigos e com longevidade. Fato este exposto também na dissertação de Silva (2016), posto que o aprendizado do programa implica na duração de seus membros e também no próprio fundamento da autonomia quanto à participação nos grupos, fragilizando desse modo a continuação dos que se apresentam a ela: os cansados da sociedade da autonomia (EHRENBERG, 2004). Os longevos tornam-se servidores de N/A e passam a utilizar largamente o léxico moral típico do grupo e a reforçar que apenas a ‘perseverança’ no programa e a assiduidade às reuniões podem trazer a “recuperação/cura” que vivenciam.

Adentrando mais na atuação dos servidores, Jorge, Fátima e Luana se revezam como coordenadores nas reuniões do grupo online em que participei por um tempo, notando-se que nelas se faziam presentes entre dez e no máximo quinze participantes. Quando adentrei no grupo online *Caminho Novo* - cujo tópico do bate-papo era naquele momento: *Se você sente medo, solidão, pânico, angústia, ansiedade, insônia, depressão, podemos ajudar!*, - abriram-se duas janelas, uma do grupo e outra em forma de sussurro de Fátima perguntando se eu sabia a respeito do seu funcionamento.

Após responder a esta última afirmativamente, Fátima disse para eu ficar à vontade e informou que estava à minha disposição para tirar dúvidas. De tal modo, questionei a respeito da dinâmica do grupo e ela informou que havia poucas regras, como: 1) não interromper a fala do/as colegas, 2) pedir a permissão para falar com a palavra “posso?” e esperar sua vez, 3) não aconselhar, pois, o aprendizado e a ‘recuperação’ se faz com o dar e ouvir as partilhas das experiências pessoais e estudando a Literatura.

Depois ela falou da minha importância para o N/A e pediu para acompanhar as postagens da coordenadora do dia na aba principal. Luana, a servidora também já mencionada, era a coordenadora do dia. Fátima me explicou que ela iria dirigir-se a mim (ao meu nome/nickname Sylvia Plath) e, se eu desejasse, poderia me apresentar.

Como eu era ‘novata’ no grupo, foram escritas algumas informações sob o título INGRESSO DE NOVATOS, com a Terceira Tradição afirmando que “para ser membro de N/A, o único requisito é o desejo de recuperar-se da doença emocional”. Dessa forma a coordenadora se apresentou a mim e prosseguiu afirmando que se alguém na reunião manifestar esse desejo em seu coração poderia considerar-se membro, pois, o ingresso no

grupo depende exclusivamente de decisão espontânea da própria pessoa, sendo o único requisito o desejo de se recuperar da neurose.

Como colocou os coordenadores: *Nosso propósito é recuperar-nos e ajudar outras pessoas a encontrarem também uma vida serena, equilibrada e feliz.* Desse modo, foi sugerida a mim a procura de uma sala presencial e a solicitação de uma fichinha verde de maneira gratuita que simbolizaria a minha participação e o propósito de pôr em prática o Programa de Recuperação de N/A. Foi solicitado que os novatos não tirassem conclusões baseadas na impressão causada por esta reunião apenas, ou por este coordenador, sugerindo a presença constante para se avaliar melhor a proposta de N/A.

Nesta primeira reunião, fui convidada para me apresentar, tendo 10 minutos para falar se assim o desejasse, pois, de acordo com os participantes, o N/A respeita o tempo de cada um. Desse modo me apresentei como Sylvia e disse que tinha interesse em saber mais sobre o grupo, pois o havia conhecido em pesquisas em sites oficiais e pelo FM, e agradei as partilhas do Fórum e do grupo online, salientando que continuaria frequentando às reuniões. Jorge agradeceu a minha partilha e desejou paz e serenidade, explicitando que eu estava entre iguais e amigos e seria sempre bem-vinda.

Depois disso, frequentei outras reuniões⁵⁶ de maneira espaçada durante dois meses, dando sugestões de temas e interagindo com os outros participantes, sempre me colocando como alguém interessada em aprender sobre N/A, mas sem dar depoimentos pessoais sobre sofrimento. Ao final das reuniões, pediu-se o sigilo dos depoimentos e o anonimato das pessoas que ali estiveram e as vinte e quatro horas de Paz e Serenidade ao Poder Superior, lembrando o mote com a seguinte mensagem: “Quando alguém, seja onde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de N/A esteja ali, e para isso: eu sou responsável.”

A responsabilidade dos membros com aqueles que pedem ajuda para seus sofrimentos, sendo dado como lema a ser seguido, acompanhado, por último, da Oração da Serenidade: *Concedei-nos, Senhor a serenidade necessária para aceitar as coisas que não*

⁵⁶Como anteriormente explicitado, as reuniões se organizam em dias de terapia com um tema definido na hora e em dias de estudo da Literatura. Nos dias de estudo a reunião divide-se em dois momentos: um primeiro de 5 minutos para cada um escolher a frase ou a palavra da “literatura” que mais lhe chamou atenção e relacioná-la com sua vivência ou para responder e realizar perguntas concernentes ao livro; e, um segundo, onde cada um tem 10 minutos para dar um depoimento com tema livre. Nos dias de terapia são considerados dias de partilha em que os membros, mediados por um coordenador, poderão dar depoimentos sobre o sofrimento vivido e o processo de recuperação a partir do N/A.

podemos modificar. Coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir uma das outras. Só por hoje! Sendo esta última frase reverberada pelos outros presentes no espaço: “Só por hoje!”

A frequência a essas reuniões reiterou os elementos que já havia apreendido no Fórum de Mensagens. A diferença encontra-se na dinâmica e no impacto causado ao participante, dado que ele se acha em ambiente virtual online e está sendo lido e respondido à medida que faz sua partilha. Entretanto, percebi que nessas reuniões, como tem um tempo limitado para sua ocorrência e para as partilhas (10 minutos), diferente do FM, elas parecem correr contra o relógio e as respostas são sempre lacônicas, com um agradecimento, prioritariamente.

Contudo, não adentrarei em pormenores da sala virtual. Como é dito nas salas presenciais e virtuais: *Quem você vê aqui. O que você ouve aqui. Quando sair daqui. Deixe que fique aqui.* As palavras foram deixadas nas salas e ficaram as análises de minha participação.⁵⁷

Percebi que em N/A, a leitura cotidiana das narrativas ou a escuta, o ver-se através do sofrimento de outros, ou o *enxergar que outras pessoas possam estar padecendo dos mesmos problemas que eu*, o falar sobre o próprio sofrer e construir sentido em torno dele, o sentir-se responsável por qualquer um que peça ajuda e o fazer parte de uma comunidade cujos membros procuram ajudar-se mutuamente, contribuí para o fortalecimento pessoal dos seus participantes, pois vai de encontro ao imperativo existente de denegação do sofrimento e de sua medicamentação em uma sociedade com pessoas “*habitualmente em um estado de bem-estar*”. Ao mesmo tempo, com ambiguidades em seu seio relativos à vida em uma sociedade permeada de códigos individualistas de interação e autopercepção e as suas orientações, também traz sentimentos dúbios de se sentir as dores de cada um e a alegria de saber que não se está só.⁵⁸

⁵⁷Neste trabalho apenas expus alguns depoimentos do FM, pois se encontram cristalizados em ambiente virtual aberto ao público, mesmo assim, adotei os procedimentos éticos necessários à sua reprodução parcial.

⁵⁸Como colocou uma depoente: “Boa noite! Leio todos os depoimentos compartilhados aqui e sinto as dores de cada um e a alegria de saber que não estou só” (Depoimento presente no FM).

Conclusão

Os indivíduos na agitação de suas experiências diárias frequentemente se encontram limitados pelas órbitas privadas em que vivem, e circunscritos ao cenário mais próximo: o emprego, a família, o casamento, as suas relações afetivas. Habitualmente não definem suas ansiedades em termos de transformação histórica e contradição institucional, e raramente “têm consciência da complexa ligação entre suas vidas e o curso da história mundial; por isso, os homens comuns não sabem, quase sempre, o que essa ligação significa para os tipos de ser em que se estão transformando e para o tipo de evolução histórica de que podem participar” (MILLS, 1969, p. 10).

Os sofrimentos que vivenciam, o experimentam como uma falha ou fracasso individual⁵⁹, sem conseguir visualizar as interrelações entre eles e a sociedade, o eu e o mundo, o sentido de sua época e suas próprias vidas. Não se compreende que este cotidiano vivido sob a sombra ameaçadora do fracasso, sempre constante e à espreita, tem íntimas relações com uma cultura do fracasso presente nas sociedades contemporâneas que coloca os seus cidadãos em cheque e transforma o encontro social (KOURY, 2019, p. 537) em choque agonístico para seus membros.

Mills (1969, p. 13) afirma que nenhum estudo social que não volte a esse problema, o da biografia, da história e de suas interligações dentro de uma sociedade, completou a sua jornada intelectual. Como um trabalho humilde de final de uma etapa, espero ter conseguido contribuir minimamente ao incitar a *imaginação sociológica e antropológica* para tratar de uma das áreas mais críticas da experiência humana.

A imaginação sociológica, como explica Mills (1969, p. 13-4) é “a capacidade de ir das mais impessoais e remotas transformações para as características mais íntimas do ser

⁵⁹Sobre isso ler Erving Goffman (2014) que em seu artigo *Sobre o resfriamento do marca: alguns aspectos da adaptação ao fracasso* possibilita compreender o processo de perda/humilhação por que passa um indivíduo na esfera microsocial de interação face a face e as formas que a sociedade utiliza para arrefecer a pessoa em falência moral, apresentando como a perda da face reflete desfavoravelmente sobre a capacidade do indivíduo, envolvendo a humilhação e um processo de autodestruição do *self* que em certas ocasiões necessita-se de um ‘resfriamento’ e de uma redefinição da identidade.

humano - e ver as relações entre as duas.” Compreender que aquilo que experimentamos em diversos e específicos ambientes de pequena escala são com frequência causado pelas modificações estruturais, e o indivíduo em seu ambiente limitado tem pouca margem de resolver sozinho – com ou sem ajuda psiquiátrica - os problemas que essa estrutura lhe cria (MILLS, 1969). Segundo Mills, a tarefa intelectual e política de um/a cientista social deve ser o de deixar claros os elementos de inquietação contemporânea.

Assim, procurou-se com este trabalho apresentar as relações entre experiências emocionais singulares e os conteúdos e sentidos sociais presentes nelas, concluindo a partir do estudo das narrativas de sofrimento psíquico do *Grupo de Ajuda Mútua de Neuróticos Anônimos* (N/A), que há uma relação bastante próxima entre o mal-estar sentido pelos depoentes e o individualismo contemporâneo que aparece como dimensão fundamental de uma cultura urbana, para além de outros fenômenos substanciais correlacionados como a expansão do capitalismo. Sendo na verdade três movimentos interconectados - o capitalismo, o individualismo moderno e a urbanização.

Dentro desse contexto, com a disseminação de *Grupos de Ajuda Mútua* que lidam com alguns desses processos sociais, a *Irmandade de Neuróticos Anônimos*, apesar de suas ambiguidades e relações com o contexto específico de sua criação, possibilitou aos seus membros um caminho para a compreensão do seu sofrer e contraponto ao imperativo hodierno de seu silenciamento, bem como - através da comunhão entre participantes que sofrem e que buscam ajudar-se mutuamente - a “recuperação” gradual ou o fortalecimento pessoal.

Esta monografia, destarte, buscou promover um entendimento das realidades íntimas de indivíduos em ligação com realidades sociais mais amplas, diferente da concepção êmica de egoísmo e egocentrismo como explicação, foi-se a fundo nas modificações estruturais pelas quais passou as sociedades modernas e na transformação da subjetividade dos indivíduos nesses processos. Ao buscar compreender os sofrimentos hodiernos e as transformações sociais que os circundam, procura contribuir com um tema multifacetado e complexo que não pode ser apreendido estritamente pelas dimensões físicas e psicológicas, mas precisa ser estudado a partir de processos históricos e sociais mais amplos. Posto que "Muitas das grandes questões públicas, bem como muitos problemas privados são descritos em termos “de psiquiatria” - frequentemente, numa tentativa patética de evitar as grandes questões e problemas da sociedade moderna” (MILLS, 1969, p. 19).

Referências bibliográficas

ANTUNES, Henrique Fernandes. O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth. **Ponto Urbe**, 15, 2014.

ASSIS, Machado de. **Melhores contos**. São Paulo: Global, 2010.

BERGER, Peter. **Perspectivas Sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 1972.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

BORKMAN, Thomasina. **Understanding Self-Help/Mutual-Aid: Experiential Learning in the Commons**. Rutgers University Press, 1999.

BRUNELLO, Eduardo Tadeu. **Itinerários terapêuticos e processos de alcoolização: dinâmicas entre cuidados, controles e sofrimentos sociais**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. Alcoolismo: doença e significado em Alcoólicos Anônimos. **Etnográfica**, vol. 13 (1) | 2009.

CASTEL, R. **A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à desfiliação**. Caderno CRH, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez., 1997.

CONSTANT, Benjamin. Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos. Trad. Loura Silveira. In: **Filosofia Política 2**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

CORBANEZI, Elton. Transtornos depressivos e capitalismo contemporâneo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 31, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

EHRENBERG, Alain. **The weariness of the Self**: diagnosing the history of depression in the contemporary age. McGill-Queen's University Press, 2010.

EHRENBERG, Alain. Depressão, doença da autonomia? [Entrevista concedida a Michel Botbol]. **Ágora** v. VII, jan/jun 2004.

ELLIOT, Anthony. A teoria do novo individualismo. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 33, 2018.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FERREIRA, Jonatas Ferreira. Sofrimento e Silêncio: apontamentos sobre sofrimento psíquico e consumo de psicofármacos. **Fórum Sociológico**, n. 24, 2014.

FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber**. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GARCIA, Claudia Amorim; COUTINHO, Luciana Gageiro. Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. **Psyche (Sao Paulo)**, v. 8, n. 13, p. 125-140, jun. 2004. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382004000100011&lng=pt&nrm=isso (Acesso em 15 jan. de 2020).

GIDDENS, Anthony. **Admirável Mundo Novo**: o novo contexto da política. Cad. CRH., Salvador, n.21. p.9-28, jul./dez, 1994.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOFFMAN, Erving. Sobre o resfriamento do marca: alguns aspectos da adaptação ao fracasso. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 13, n. 39, p. 266-283, dezembro de 2014.

GONTARSKI, Giseli. “Só por hoje!”: a experiência de doença dos neuróticos anônimos. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Departamento de Ciências Sociais. UFPR, Curitiba, 2009.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Centre for Research into Innovation, Culture and Technology, Brunel University, Middlesex: Uxbridge, UB8 3PH, UK. Disponível em <http://www.cirst.uqam.ca/pcst3/pdf/Communications/hine.pdf>.

KLEINMAN, Arthur.; DAS, Veena; LOCK, Margareth. **Social Suffering**. Berkeley: University of California Press, 1997.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Sobre Erving Goffman e a análise do fracasso em *The Presentation of Self in Everyday Life*. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, V. 12, n. 3, p. 525-540, 2019.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Gilberto Velho: um precursor da antropologia das emoções no Brasil. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. **Da Subjetividade às Emoções: a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil**. [Coleção Cadernos do GREM, n. 7] Recife: Edições Bagaço, João Pessoa: Edições do GREM, p. 19-59, 2015.

KOURY, Mauro. Estilos de vida e individualidade. **Horizontes Antropológicos**, a. 16, n. 33, p. 41-53, 2010.

KOURY, Mauro. **Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia**. Curitiba: Editora CRV, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **De que João Pessoa tem Medo?** Uma abordagem em Antropologia das Emoções. [Coleção Cadernos do GREM, n. 6] João Pessoa, Editora Universitária, 2008.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **O vínculo ritual**: Um estudo sobre sociabilidade entre jovens no urbano brasileiro contemporâneo. Editora Universitária, UFPB. Edições do GREM, João Pessoa, 2006.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Amor e dor**: ensaios em antropologia simbólica. Recife: Edições Bagaço, 2005.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da emoção**. O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes, 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Medos Corriqueiros**: A construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade. Projeto de Pesquisa, GREM: João Pessoa, 2002.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Ser discreto**. Um estudo do Brasil urbano sob a ótica do luto. João Pessoa: GREM/UFPB, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Luto e Sociedade**. Projeto de Pesquisa. João Pessoa: GREM/UFPB, 1994.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges (Org. e trad.). **Vergonha no self e na sociedade**: a sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff. [Coleção Cadernos do GREM, n. 10]. Recife: Ed. Bagaço, João Pessoa: Edições do GREM, 2016.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. IN: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MEAD, G.H. **Espíritu, persona y sociedad**. Buenos Aires: Paidós, 1972.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Editora Martin Claret, 2005.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro 1; o processo de reprodução do capital. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MONTEIRO, Ana Maria. **Neuróticos anônimos**: reavaliando a vida sob novas perspectivas. Dissertação - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 2002.

MACHADO, Lia Zanotta. Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. **Interface (Botucatu)**, v. 5, n. 8, p. 11-26, Feb. 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano** (tr. Paulo César Souza). São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. **A sociologia do Guerreiro**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: Otávio Velho. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Edita Zahar Editores, 1967.

PERRUSI, Artur. Sofrimento psíquico, individualismo e uso de psicotrópicos: saúde mental e individualidade contemporânea. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, v. 27, 2015.

PESSOA, Fernando. **O livro do desassossego**. Editora brasiliense, 1989.

PETERS, Gabriel. Ordem social e (in)segurança ontológica: esboços de existencialismo sociológico em Peter Berger, Anthony Giddens e Pierre Bourdieu. **Política e Trabalho**: Revista de Ciências Sociais, n. 40, 2014.

PUSSETTI, Chiara; BRAZZABENI, Micol. Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. **Etnográfica**, v. 15, n. 3, p. 467-478, jun. 2011.

REGT, Ali de. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Ofensiva civilizadora: do conceito sociológico ao apelo moral. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 16, n. 47, p. 137-153, agosto de 2017.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ROEHE, M. V. **Do desabafo à mensagem**: vivência de recuperação em Neuróticos Anônimos. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, PUC/RS, 2000.

ROOM, Robin. Alcoholics Anonymous as a Social Movement. In: Barbara S. McCrady and William R. Miller, eds., **Research on Alcoholics Anonymous**: Opportunities and Alternatives. New Brunswick, NJ: Rutgers Center of Alcohol Studies, 1993.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; JUNIOR, Orlando Alves dos Santos. Democracia e segregação urbana: reflexões sobre a relação entre cidade e cidadania na sociedade brasileira. **Revista Eure**, v. XXIX, n. 88, p. 79-95, 2003.

SAHLINS, M. **Esperando Foucault, ainda**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SAFATLE, Vladimir. Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social. In: SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian et al. **Patologias do social**: arqueologias do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SCHEFF, Thomas. Desvendando o processo civilizador: Vergonha e integração na obra de Elias. In: **Vergonha no self e na sociedade**: a sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff. [Coleção Cadernos do GREM, n. 10]. Recife: Ed. Bagaço, João Pessoa: Edições do GREM, 2016.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Fabiana Renata da. **O infinito valor de todo ser humano: uma leitura da associação de ajuda mútua Neuróticos Anônimos**. Dissertação em Sociologia, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. In: Jessé de Souza e Berthold Oelze (Org). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UnB, 1998.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: Jessé de Souza e Berthold Oelze (Org). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UnB, 1998.

SIMMEL, Georg. A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva. In: Jessé de Souza e Berthold Oelze (Org). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UnB, 1998.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: Otávio Velho. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Edita Zahar Editores, 1973.

TROIS, J. F. M. **A cura pelo espelho**: uma leitura antropológica do dispositivo terapêutico dos grupos de auto-ajuda de Neuróticos Anônimos. Dissertação. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, 1998.

VELHO, Gilberto. Individualismo, anonimato e violência na metrópole. **Horizontes Antropológicos**, a. 6, n. 13, 2000.

WILDE, Oscar. **As obras primas de Oscar Wilde**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: Otávio Velho. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Edita Zahar Editores, 1967.

WALZER, Michael. **Política e paixão**: rumo a um liberalismo mais igualitário. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: Gabriel Cohn (org.). **Weber – Sociologia**. São Paulo: Ática, 2008.

Sites consultados:

THATCHER, Margaret. **Interview for Woman's Own** ("no such thing as society"), 1987. Página inicial. Disponível em: <<https://www.margaretthatcher.org/document/106689>> Acesso em: 22 de jan. de 2020.

Anexos

1. “O teste da doença mental e emocional”

1. Você tem medo de estar sozinho, sair de casa, dirigir um carro ou fazer uma viagem fora de sua cidade?
2. Você se sente diferente ou “deslocado” quando está com outras pessoas?
3. Você frequentemente negligencia seus afazeres, dorme muito, sente-se constantemente cansado ou sem energias?
4. Você já tentou o suicídio ou pensou seriamente em cometê-lo?
5. Você precisa de tranquilizantes ou outras drogas (que alteram a mente) para atravessar o dia?
6. Você assume mais responsabilidades do que pode? Tem uma atitude de tudo ou nada?
7. Você vive tenso, incapaz de se relaxar e não consegue dormir?
8. A tensão, a ansiedade e a preocupação afetam seu trabalho?
9. Você sente que outras pessoas não o compreendem ou não compreendem os seus problemas?
10. Você sente que as outras pessoas “estão lhe olhando” quando você trabalha ou quando está em público?
11. Você acha que o seu relacionamento está em perigo?
12. Você tem problemas sexuais?
13. Você sente que a vida já não tem “sentido”?
14. Você fica tão irado que chega a perder o controle?
15. Você entra em PÂNICO quando está sob tensão?
16. Você vive chorando?

17. Você se sente “culpado”?

18. Você sofre de depressão?

Fonte: <http://neuroticosanonimos.org.br/>

2. Os Doze Passos de N/A:

1º – Admitimos que éramos impotentes perante nossas emoções – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.

2º – Viemos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.

3º – Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.

4º – Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.

5º – Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.

6º – Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

7º – Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.

8º – Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.

9º – Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.

10º – Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

11º – Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós e forças para realizar essa vontade.

12º – Tendo experimentado um despertar espiritual graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos neuróticos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

* Reprodução adaptada com permissão de Alcoholics Anonymous World Services Inc., New York, NY, USA.

Fonte: <http://neuroticosanonimos.org.br/>

3. Os 7 Lemas

1. FAZER PRIMEIRO AS COISAS PRIMEIRAS – ... Muitas vezes, são tantas as coisas que temos para fazer que não sabemos nem por onde começar. É bem possível que tentemos fazer tudo ao mesmo tempo, atabalhoadamente. Ficamos então atordoados e confusos, podendo mesmo deixar-nos envolver pelo desânimo e pela frustração. Contudo, se procurarmos ter calma e examinarmos cuidadosamente, veremos que, de acordo com as circunstâncias, haverá sempre uma coisa que deverá ser feita em primeiro lugar, num dado momento, seja pela importância de que se reveste ou pela urgência requerida. Essa é a coisa primeira. As demais, é claro, deverão aguardar a sua vez, segundo a ordem de importância ou de urgência em que devem ser realizadas...

2. DEVAGAR SE VAI AO LONGE – ...Precisamos tomar cuidado com a tendência neurótica de exigirmos resultados imediatos em tudo que fazemos. O apressamento poderá resultar em tensões e frustrações, e isso é precisamente o que devemos evitar....

3. VIVER E DEIXAR VIVER – ...A intromissão na vida dos outros, aos quais muitos de nós procuramos impor, embora às vezes de forma inconsciente, a maneira pela qual achamos que devam agir, é mais uma das manifestações da natureza egocêntrica e prepotente do neurótico. Esquecemo-nos facilmente de que nossos semelhantes também têm, como nós, o direito de decidir de sua própria vida. Igualmente nos esquecemos de que, por mais que queiramos, não conseguiremos modificar o modo de proceder de uma pessoa, a não ser que ela mesma o deseje e decida fazer...

4. VIVER NA GRAÇA DE DEUS – ...Afastados da graça de Deus, tornamo-nos presas fáceis do descontrole emocional. Sabemos por experiência própria, que nada podemos contra as emoções quando nos valemos apenas da nossa precária “força de vontade”. Somente quando nos entregamos de verdade aos cuidados de um Poder Superior a nós mesmos, ou Deus como cada um de nós O concebe, é que começamos a sentir que podemos recuperar-nos. O que antes parecia impossível torna-se, então, perfeitamente realizável...

5. ESQUECER OS PREJUÍZOS – ...Este lema sugere que deixemos de ficar rememorando os prejuízos que possamos ter tido, entre os quais, naturalmente estarão os que foram causados pela nossa neurose, pois esse é um procedimento doentio que por certo nos acarretará mais prejuízo ainda. Trazer de volta à memória os prejuízos é o mesmo que sofrê-los novamente...

6. RECOMENDAR-SE A DEUS INCONDICIONALMENTE – ... Se tivermos admitido nossa impotência perante as emoções e passado a crer num Poder Superior a nós mesmos, capaz de reconduzir-nos à sanidade (Primeiro e Segundo Passos), nada mais lógico do que nos entregarmos sem restrições a esse Poder Superior, ou Deus segundo a concepção de cada um, conforme é sugerido no Terceiro Passo....

7. SÓ POR HOJE – ...Este Lema sugere que, ao invés de tomarmos decisões para a vida toda, limitemo-nos a fazer propósitos por um dia apenas, justamente o dia que estamos sempre vivendo: o dia de hoje. O de ontem já vivemos quando ele era hoje, e o de amanhã, quando chegar, será hoje, novamente. Se aplicarmos o que é sugerido, estaremos, por assim dizer, cortando a vida em ‘pedacinhos mastigáveis’, o que irá tornar bem mais fácil nossa caminhada através do processo de recuperação.

Fonte: <http://neuroticosanonimos.org.br/>